



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

ANDREIZA OLIVEIRA SILVA

**ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO NO SUDESTE DO PIAUÍ: NARRATIVAS E
EXPERIÊNCIAS DE ARQUEÓLOGOS (AS) NATIVOS (AS) DO TERRITÓRIO
SERRA DA CAPIVARA NO MUSEU DO HOMEM AMERICANO.**

SÃO RAIMUNDO NONATO-PI

2023

ANDREIZA OLIVEIRA SILVA

**ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO NO SUDESTE DO PIAUÍ: NARRATIVAS E
EXPERIÊNCIAS DE ARQUEÓLOGOS (AS) NATIVOS (AS) DO TERRITÓRIO
SERRA DA CAPIVARA NO MUSEU DO HOMEM AMERICANO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Campus Serra da Capivara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Elias Canaan Mageste.

SÃO RAIMUNDO NONATO-PI

2023

Silva, Andreiza Oliveira

S586a Arqueologia e patrimônio no sudeste do Piauí: narrativas e experiências de arqueólogos (as) nativos (as) do território Serra Da Capivara no Museu no Homem Americano/ Andreiza Oliveira Silva. - São Raimundo Nonato-PI, 2023.

175 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Elias Canaan Mageste..

1. Museu do Homem Americano. 2. Arqueologia decolonial. 3. Arqueologia afetiva. I. Mageste, Leandro Elias Canaan II. Título. IV. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 930.1

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO
FRANCISCO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ARQUEOLOGIA**

FOLHA DE APROVAÇÃO PARA

DISSERTAÇÃO ANDREIZA OLIVEIRA SILVA

**ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO NO SUDESTE DO PIAUÍ: NARRATIVAS
E EXPERIÊNCIAS DE ARQUEÓLOGOS (AS) NATIVOS (AS) DO
TERRITÓRIO SERRA DA CAPIVARA NO MUSEU DO HOMEM
AMERICANO**

Dissertação de mestrado apresentada como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Arqueologia, pela
Universidade Federal do Vale do São
Francisco.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **LEANDRO ELIAS CANAAN MAGESTE**
Data: 02/01/2024 08:44:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Leandro Elias Canaan Mageste (Orientador)
Universidade Federal do Vale do São Francisco

Documento assinado digitalmente
 **ROSEMARY APARECIDA CARDOSO**
Data: 29/12/2023 21:53:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Rosemary Aparecido Cardoso (Avaliadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Documento assinado digitalmente
 **NÍVIA PAULA DIAS DE ASSIS**
Data: 03/01/2024 21:25:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Nívia Paula Dias de Assis (Avaliadora)
Universidade Federal do Vale do São Francisco

Documento assinado digitalmente
 **RODRIGO LESSA COSTA**
Data: 03/01/2024 13:30:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Rodrigo Lessa Costa (Avaliador)
Universidade Federal do Vale do São Francisco

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar agradecendo à Deus por toda força concedida durante esse percurso, guiando-me com esperança e sabedoria para enfrentar todas as dificuldades e com fé e alegria para comemorar cada conquista acadêmica alcançada.

Quero expressar aqui também meus sinceros agradecimentos a minha família por todo apoio ofertado durante o período de mestrado. Papai e mamãe, obrigada por me ajudar realizar nosso sonho, todo amor e cuidado valeram a pena. Irmão, obrigada pela ajuda e carinho disponibilizados todos os dias. Amo vocês demais!

Um agradecimento especial ao meu orientador de pesquisa professor Leandro Mageste, obrigada por todo apoio e incentivo compartilhado, sua paciência e generosidade foram essenciais para essa realização. Professor, você é um exemplo intelectual, tenho muita administração por seu trabalho e cuidado.

Gratidão a Universidade Federal do Vale do São Francisco pela oportunidade de cursar o mestrado. Aos professores do Campus Serra da Capivara do colegiado de arqueologia por todos os conhecimentos transmitidos. A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí pelo apoio financeiro concedido, essa ajuda foi essencial durante o período do mestrado.

As arqueólogas e arqueólogos do contexto Serra da Capivara que participaram dessa pesquisa obrigada por compartilhar saberes e conhecimentos durante a construção dessa dissertação, vocês foram amigos e pesquisadores que possibilitaram a finalização desse trabalho.

Não posso deixar de agradecer aos amigos da turma de mestrado que tive a oportunidade de conviver e trocar experiências, especialmente Amanda e Mariza, pela boa vivência acadêmica e apoio nos momentos difíceis, obrigada pela amizade de vocês.

Obrigada também a todos que de alguma maneira contribuíram para a realização desse mestrado, seja torcendo e orando para chegasse ao fim com sucesso.

À minha família, dedico.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar narrativas construídas sobre o Museu do Homem Americano, a partir de apropriações e percepções de arqueólogos e arqueólogas da região Serra da Capivara. Dentro desta proposta, apresento conhecimentos e saberes formulados para essa instituição museológica, seguindo como base perspectivas da Arqueologia Decolonial e Afetiva, atentas para as colonialidades do poder, do saber e do ser, com o intuito de oportunizar narrativas que envolvem vivências, das quais consideram experiências sociais, pessoais, acadêmicas e profissionais, frente ao cenário de institucionalização da arqueologia no contexto Serra da Capivara. Dessa maneira, em termos metodológicos, este trabalho se enquadra nos aportes da Arqueologia Etnográfica e utiliza como instrumentos práticos, a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo e a realização de entrevistas. Em conjunto a elas, foi possível compreender narrativas sobre o acervo museológico e o discurso oficial do Museu do Homem Americano. Frente a esses resultados, foi possível refletir, nos termos da desobediência epistêmica, sobre os processos de produção de conhecimento em arqueologia nas suas interfaces com experiências e afetos.

Palavras-chave: museu do homem americano; arqueologia decolonial; arqueologia afetiva; narrativas.

ABSTRACT

The present work aims to present narratives constructed about the Museum of American Man, based on appropriations and perceptions of archaeologists from the Serra da Capivara region. Within this proposal, I present knowledge and wisdom formulated for this museological institution, based on perspectives from Decolonial and Affective Archeology, attentive to the colonialities of power, knowledge and being, with the aim of providing narratives that involve experiences, of which they consider social, personal, academic and professional experiences, given the scenario of institutionalization of archeology in the Serra da Capivara context. Thus, in methodological terms this work fits within the contributions of Ethnographic Archeology and uses as practical instruments, bibliographical research, field research and interviews. Together, it was possible to understand narratives about the museum collection and the discourse Official Museum of American Man. Given these results, it was possible to reflect, in terms of epistemic disobedience, on the processes of knowledge production in archeology in their interfaces with experiences and affections.

Keywords: museum of american man; decolonial archeology; affective archeology; narratives.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Visita de campo ao Museu do Homem Americano, juntamente com as arqueólogas Marisa e Marildes.	63
Figura 2: Mapa de área do território Serra da Capivara.	69
Figura 3: Mapa do Parque Nacional Serra da Capivara.	74
Figura 4: Fundação do Museu do Homem Americano, localização do Museu do Homem Americano e Centro Cultural Sérgio Mota.	78
Figura 5: Fachada do Museu do Homem Americano.	81
Figura 6: Localização do Museu do Homem Americano.	82
Figura 7: Imagem da primeira sala, primeira exposição permanente.	83
Figura 8: Foto de mapas e informações da primeira sala, primeira exposição permanente.	84
Figura 9: Segunda sala da primeira exposição permanente.	85
Figura 10: Sala denominada Mezinino na primeira exposição permanente.	86
Figura 11: Quarta sala da primeira exposição permanente I.	86
Figura 12: Quarta sala da primeira exposição permanente II.	87
Figura 13: Quarta sala da primeira exposição permanente III.	87
Figura 14: Quarta sala da primeira exposição permanente IV.	87
Figura 15: Primeira sala, denominada como Sala Zuzu.	89
Figura 16: Sala da Pinturas Rupestres, segunda sala da segunda exposição do museu.	90
Figura 17: Mesas interativas do Museu do Homem Americano.	91
Figura 18: Mesas interativas do Museu do Homem Americano.	91
Figura 19: Sala Mezanino, espaço denominado como Sala Morte ou Enterramentos.	92
Figura 20: Sala Materiais Líticos e Vestígios Históricos.	93
Figura 21: Ponta de projétil de quartzo exposta na Sala Materiais Líticos e Vestígios Históricos.	94
Figura 22: Anderson no Museu do Homem Americano.	97
Figura 23: Aula de Desenho Arqueológico em laboratório.	103
Figura 24: Urna com enterramento de São Braz do Piauí.	107
Figura 25: Urna funerária de São Braz do Piauí.	110
Figura 26: Texto explicativo de urna funerária.	111
Figura 27: Artefatos expostos na Sala Materiais Líticos e Vestígios Históricos.	113
Figura 28: Artefatos expostos na Sala Materiais Líticos e Vestígios Históricos.	113

Figura 29: Carteira de Marildes Lima Miranda Sousa.	117
Figura 30: Marildes Lima Miranda Sousa no Museu do Homem Americano.	120
Figura 31: Enterramento da Toca da Baixa dos Cablocos.....	121
Figura 32: Texto autoexplicativo em enterramento da Toca da Baixa dos Cablocos.	121
Figura 33: Carteira Pro-arte Fundham de Marisa Lima Miranda Sousa.	125
Figura 34: Visita de Marisa no Museu do Homem Americano I.	127
Figura 35: Visita de Marisa no Museu do Homem Americano II.	127
Figura 36: Visita de Marisa no Museu do Homem Americano III.....	127
Figura 37: Visita de Marisa no Museu do Homem Americano IV.	128

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados dos colaboradores.	66
Tabela 2: Questionário da pesquisa.	70

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	COLONIALIDADE E MODERNIDADE: DESAFIOS E OPORTUNIDADES QUE ATRAVESSAM OS PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO	23
2.1	DECOLONIALIDADE: ATRAVESSAMENTOS E DESLOCAMENTOS DA COLONIALIDADE E MODERNIDADE	23
2.2	COLONIALIDADES	27
2.2.1	<i>Colonialidade do poder</i>	<i>28</i>
2.2.2	<i>Colonialidade do saber.....</i>	<i>30</i>
2.2.3	<i>Colonialidade do Ser</i>	<i>34</i>
3	ADENTRANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA: POSSIBILIDADES TEÓRICAS E CONCEITUAIS A PARTIR DE PREMISSAS DECOLONIAIS E AFETIVAS	37
3.1	RESPALDOS COLONIAIS E CONHECIMENTO ARQUEOLÓGICO.....	38
3.2	REPERCUSSÕES DE VIOLÊNCIAS EPISTÊMICAS	42
3.3	DECOLONIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA: UMA ABERTURA PARA OUTROS DISCURSOS, HISTÓRIAS E NARRATIVAS	44
3.4	DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA A PARTIR DE PREMISSAS DECOLONIAIS E AFETIVAS	48
3.4.1	<i>Desobediência epistêmica e museus</i>	<i>49</i>
3.4.2	<i>Afeto e Arqueologia</i>	<i>51</i>
3.4.3	<i>Patrimônio e memória</i>	<i>52</i>
3.4.4	<i>Estudos de públicos em museus</i>	<i>53</i>
4	ENTRELAÇANDO TEORIAS E MÉTODOS ARQUEOLÓGICOS: ABORDAGENS CONDUZIDAS PELA ARQUEOLOGIA ETNOGRÁFICA E OS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	56

4.1	ARQUEOLOGIA ETNOGRÁFICA: CONCEITOS, ABORDAGENS E APLICAÇÕES.....	56
4.2	PASSOS INICIAIS DA PESQUISA.....	59
4.3	CONVERSAS INFORMAIS.....	62
4.4	O TRABALHO NA PRÁTICA: PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....	63
5	INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA NO CONTEXTO SERRA DA CAPIVARA: FORMAÇÃO E TRAJÉTORIA DO MUSEU DO HOMEM AMERICANO.....	72
5.1	BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA NA REGIÃO SERRA DA CAPIVARA	73
5.2	O MUSEU DO HOMEM AMERICANO	80
6	TRAJETÓRIAS DE VIDA E PERCEPÇÕES SOBRE O MUSEU DO HOMEM AMERICANO: NARRATIVAS, SABERES E EXPERIÊNCIAS MOLDADAS PELO AFETO E VIVÊNCIA.....	96
6.1	ANDERSON WALLECY RODRIGUES DE CARVALHO: CONCEPÇÕES SOBRE O MUSEU DO HOMEM AMERICANO	96
6.2	AMANDA PAES LANDIM SILVA: UMA RELAÇÃO DE PERTENCIMENTO E AFETIVIDADES	100
6.3	GÉSSIKA SOUSA MACÊDO: AFASTAMENTO, IMPACTO, INCÔMODO, AFETIVIDADE E PERTENCIMENTO COM O MUSEU DO HOMEM AMERICANO.	105
6.4	JAIME DE SANTANA OLIVEIRA: NARRATIVAS ARQUEOLÓGICAS SOBRE O MUSEU DO HOMEM AMERICANO	112
6.5	MARILDES LIMA MIRANDA SOUSA: VIVÊNCIAS E MEMÓRIAS AFETIVAS COM O MUSEU DO HOMEM AMERICANO	115
6.6	MARISA LIMA MIRANDA SOUSA: “ARQUEOLOGIA ESTEVE PRESENTE NA MINHA VIDA DESDE MUITO CEDO”, HISTÓRIAS COM O MUSEU DO HOMEM AMERICANO.....	123
6.7	ANÁLISE DOS DADOS: UMA REFLEXÃO DECOLONIAL E AFETIVA CONSTRUÍDA PARA O MUSEU DO HOMEM AMERICANO.....	130

7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
	REFERÊNCIAS	137
	ANEXO I - DADOS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	148
	ANEXO II – ENTREVISTAS	150
	ANEXO III - TERMOS DE AUTORIZAÇÃO	171

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo arqueológico sobre o Museu do Homem Americano, com intuito de compreender apropriações e percepções construídas para o seu acervo discurso a partir de olhares de arqueólogos e arqueólogas do contexto Serra da Capivara. Dessa maneira, essa pesquisa tem o propósito de evidenciar conhecimentos que são configurados para a exposição e para narrativa dessa instituição museológica, considerando o processo de institucionalização da arqueologia na região Serra da Capivara, a partir de perspectivas arqueológicas decoloniais e afetivas. Nesse sentido, os saberes construídos são formulados a partir de premissas que envolvem trajetórias de vida pessoal, social, acadêmica e profissional, abrindo uma discussão para o Museu do Homem Americano dentro de possibilidades de construção de conhecimentos plurais.

Para fins de contextualização, é importante destacar que o Museu do Homem Americano é uma instituição museológica que abriga resultados de pesquisas desenvolvidas no território Serra da Capivara. A princípio, seu acervo é formado por coleções que expressam estudos sobre antiguidade e povoamento da América, a partir de exposições de objetos e informações que apresentam uma narrativa construída por dados científicos que exprimem aspectos de vida e de sobrevivência de povos que habitaram na região Serra da Capivara no passado.

Em resumo, o Museu do Homem Americano está organizado como espaço museológico tido como autoexplicativo, que foi construído em 1994, e está situado na rua João Ferreira dos Santos, no bairro Campestre, município de São Raimundo Nonato, estado do Piauí, próximo ao Parque Nacional Serra da Capivara. A instalação de suas propriedades está localizada na sede da Fundação do Museu do Homem Americano, ao lado do Centro Cultural Sérgio Mota, nas proximidades da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Diante disso, este trabalho busca compreender como Museu do Homem Americano é a operacionalizado a partir da concepção de arqueólogos e arqueólogas do contexto Serra da Capivara, considerando aspectos de envolvimento entre os colaboradores de estudo e seu espaço museológico na interface do afeto e da memória. Dito isso, gostaria de contar um pouco da minha história de envolvimento com Museu do Homem Americano, a partir da minha visão enquanto pertencente à região Serra da Capivara e formada em Arqueologia Preservação Patrimonial. Para isso, remeto minhas impressões das primeiras visitas realizadas no museu, para conhecer seu ambiente e seu acervo, em períodos da minha infância e adolescência e, consequentemente, as últimas visitas oportunizadas ao ingressar no curso de graduação, e sua

intensificação com a entrada no mestrado, especialmente, com o desenvolvimento desta pesquisa.

A princípio, minha relação com Museu do Homem Americano, embora pertencente ao contexto de formação e de institucionalização da arqueologia na região Sudeste do Piauí, era de distanciamento, em termos de acesso e de conhecimento. As primeiras visitas que aconteceram antes de iniciar meus estudos na Universidade Federal do Vale do São Francisco estão resumidas em dois momentos. O primeiro aconteceu de maneira muito fortuita, pois fui ao museu com a minha mãe durante um passeio organizado por uma unidade de saúde na qual ela fazia tratamento. Dessa forma, não consigo relatar muito, pois não lembro muitos detalhes, mas foi um misto de emoções com curiosidades, relacionadas às pesquisas arqueológicas da região, pois eu ouvia muito falar de Niéde Guidon e do Parque Nacional Serra da Capivara, até então sem a oportunidade de conhecer.

Assim, confesso que fiquei impressionada com a maneira de organização dos materiais e dos textos expostos e aquele ambiente silencioso e escuro despertou em mim um interesse em conhecer mais sobre arqueologia. Lá dentro, fiquei um bom tempo usando as mesas interativas, em alguns momentos imaginei que eu poderia estudar arqueologia, mas essa era uma realidade que não conseguia ver em minha vida, pois eu estudava em escolas públicas da zona rural de Coronel José Dias, ao meu ver era fora de cogitação, uma realidade distante. No entanto, fiquei com as imagens do Museu do Homem Americano nas minhas lembranças, e, por muitas vezes eu procurava livros, revistas e fotos pra saber mais sobre ele, o que nem sempre era possível, uma vez que onde eu morava não havia muito material disponível.

Seguinte esse contexto, em 2012 fui novamente ao Museu do Homem Americano, segunda vez de visita, em uma aula prática organizada pela Unidade Escolar Professora Raquel Ferreira de Oliveira, anexo Lages de Pedra, época na qual eu estudava o primeiro ano do Ensino Médio. Nesse dia, visitamos o Parque Nacional Serra da Capivara para conhecer alguns sítios arqueológicos, mas o que eu queria mesmo era que aquele passeio na área do parque acabasse logo, para que eu pudesse finalmente retornar ao Museu do Homem Americano. Quando cheguei ao museu, foram basicamente as mesmas impressões da primeira visita, mas eu comecei a ligar todo material arqueológico ali exposto com o que eu havia presenciado no parque e refletir especialmente sobre as escavações arqueológicas e como tudo aquilo se organizava.

Naquela ocasião, não consegui me identificar com a narrativa do museu ou me relacionar diretamente com os objetos que observei, pois minha conexão maior era com arqueologia que estava acontecendo no presente, isto é, as pesquisas e os estudos no Parque

Nacional Serra da Capivara até a chegada dos vestígios arqueológicos no museu, e eu queria começar a participar desses movimentos. Deixei as dependências do Museu do Homem Americano com o sonho, a vontade de ser arqueóloga, e, de alguma maneira, realizar pesquisa na região.

Contudo, não sabia que isso poderia acontecer, mas eu queria estudar arqueologia, ter uma profissão e, junto com isso, entender as conexões dos materiais arqueológicos com o presente. Essa era uma lacuna presente em meu pensamento, principalmente por ouvir tanto falar em arqueologia em nossa região. Enfim, essa era uma realidade tão próxima, mas ao mesmo tempo tão distante, pois eu não tinha contato e acesso direto.

Assim, sem nunca ter desistido, em 2015, ingressei na Universidade Federal do Vale do São Francisco e comecei a estudar o sonhado curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial. Ao cursar as primeiras disciplinas, o contato com o Museu do Homem Americano foi se intensificando, especialmente, para realizar atividades de campo e laboratório de disciplinas de Informática I, Desenho Arqueológico I, Antropologia Física, Tópicos Especiais em Preservação Patrimonial II e Bioarqueologia. É importante mencionar que essas atividades não aconteciam necessariamente no museu, mas em suas imediações e, sempre que eu tinha oportunidade, eu visitava o acervo.

Nessas idas ao Museu do Homem Americano, seu espaço foi ganhando proporções em quesitos afetivos, à medida que minhas maneiras de compreender o museu eram ressignificadas constantemente. Para além de um lugar de turismo, ensino e pesquisa, destinado à apresentação de pesquisas arqueológicas na região do Parque Nacional Serra da Capivara, com uma narrativa concentrada na história da antiguidade do Homem Americano, o museu passou a ser um espaço para abarcar meus conhecimentos formalizados durante o curso de arqueologia. Desse modo, essas experiências constatadas pela prática arqueológica, assim como o contexto das pesquisas locais, possibilitaram um entendimento próprio para seu acervo e discurso.

Na prática, mencionar essas diferentes formas de entender o Museu do Homem Americano, é pensar em possibilidades de construção para um lugar aberto e atento para as discussões arqueológicas atuais, com teorias e metodologias que são aplicáveis para um descolamento da sua realidade enquanto um espaço tradicional, que atende preocupações científicas, adotadas pela arqueologia desenvolvida em seu momento de formação. Assim, seu espaço se abre para debates de múltiplas interpretações com referências em questões arqueológicas e sociais de caráter nativo, problematizando os interesses locais.

Diante disso, entender Museu do Homem Americano como espaço possível para construção de diferentes conhecimentos, é explorar o entendimento de seu acervo e discurso

oficial, para além da sua história apresentada pela visão científica de caráter tradicional. Dessa maneira, o museu passa a ser entendido entre perspectivas contemporâneas, possibilitando a inserção de conhecimentos que não são viabilizados pela história oficial, mas contempla sua concepção enquanto patrimônio arqueológico da região Sudeste do Piauí.

Desse modo, a maneira que esses impactos e modificações sobre a compreensão do Museu do Homem Americano aconteceram a partir da minha história de vida e da minha realidade, percebi que essa situação reflete também em trajetórias de outras pessoas formadas em Arqueologia e Preservação Patrimonial, pertencentes ao contexto Serra da Capivara e inseridas em movimentos consolidados pela institucionalização da arqueologia na região. Pensar sobre esses acontecimentos, é se envolver com narrativas e com saberes empregados a esse museu, os quais são embasados em vivências e em experiências cotidianas e que hoje podem ser analisadas por meio de abordagens teóricas decoloniais e afetivas construídas a partir de olhares arqueológicos.

Nessa perspectiva, a construção desse estudo começou a tomar contornos e a ganhar direcionamentos mais efetivos oficialmente em fevereiro de 2021, quando fui aprovada no processo seletivo para ingressar no mestrado de Arqueologia na Universidade Federal do Vale do São Francisco, *campus* Serra da Capivara. Nessa pesquisa, aprendi não apenas como fazer um trabalho de mestrado em arqueologia, mas compreender que cada momento de desafio para sua realização nos atravessa de diferentes maneiras, necessitando enxergar cada dificuldade como uma possibilidade de mudança. Pude também concretizar um sonho, minha vontade de trabalhar com temáticas museológicas a partir de olhares arqueológicos, o que foi possível com a participação colaborativa de arqueólogas e arqueólogos da região Serra da Capivara.

Nesse momento, vale destacar que essas arqueólogas e arqueólogos foram amigos e pesquisadores dispostos a construir esta pesquisa. Tornaram-se colaboradores que disponibilizaram suas vivências, suas memórias e seus saberes para construção de conhecimentos sobre o Museu do Homem Americano, meu contexto de estudo. Nesse percurso, traçou-se uma jornada de convivência e de relações através da arqueologia etnográfica (Casteñeda, 2008), o que resultou na produção de conhecimentos e experiências para o Museu do Homem Americano.

Dessa forma, neste estudo, abordar um efeito da institucionalização da Arqueologia no território Serra da Capivara, que é a implementação Museu, significa lidar com um contexto complexo, isso porque trago um trabalho que apresenta uma versão crítica para realidade que temos. Porém, não com o desejo de desfavorecer, mas abrir caminhos para outras possibilidades de falar sobre o patrimônio e fazer arqueologia no Sudeste do Piauí. Aqui um ponto importante

que precisa ser mencionado, este reside no reconhecimento do lugar e do momento nos quais esta pesquisa está acontecendo e está sendo discutida, atualmente dentro de campos da Ciências Sociais contemporâneas e, em meu caso, especificamente da arqueologia, seguindo vertentes recentes, como o pensamento decolonial (Haber, 2016) e as abordagens afetivas (Mageste; Amaral, 2021).

Dentro desse cenário, houve a aquisição de conhecimentos e saberes por meio de entrevistas, organizadas em narrativas arqueológicas, resultando em aprendizados e em discursos que tornaram o Museu do Homem Americano um lugar aberto para múltiplas interpretações e ressignificações. Assim, esta pesquisa fez emergir significados e percepções possíveis dentro de abordagens que conduzem a prática arqueológica de maneira crítica, pautada em um viés que segue suas responsabilidades sociais ao tratar a relação do patrimônio com a sociedade que, nessa pesquisa foram possibilitadas na chave da desobediência epistêmica (Mignolo, 2017).

Por isso, neste processo precisei mergulhar em bibliografias e fazer leituras, e assim conhecer autores que formularam seus trabalhos dentro de abordagens e reflexões necessárias e compatíveis com meus objetivos. Nessa empreitada, os objetivos dessa pesquisa estão atentos para as colonialidades do poder (Oliveira; Lucini, 2021), do saber (Mignolo, 2017) e do ser (Maldonato-Torres, 2007), presentes nos processos de conhecimentos que, quando validados através da desobediência epistêmica fomentam as justificativas de construção deste estudo.

Assim, como já mencionei a questão das justificativas formais deste trabalho, aproveito para apresentar os meios que impulsionaram e que justificam a construção desta pesquisa de mestrado. Cabe mencionar que, no processo de construção de pesquisa de mestrado precisamos das justificativas que fundamentam o desenvolvimento do nosso trabalho. Ciente desse requisito, as justificativas que regem a realização deste estudo são de caráter pessoal, acadêmico/científico e social.

A princípio, a motivação para o desenvolvimento deste estudo originou-se em minha pesquisa de monografia, ao trabalhar com a temática de museu. Ao mesmo tempo, segui embasamento e inspiração em trabalhos realizados a partir de abordagens da arqueologia e museologia, para entender como a sociedade se relaciona com os ambientes museológicos. Dentre estes trabalhos, podemos mencionar as pesquisas de Maria Cristina Bruno (1995), pioneira dos estudos de Musealização da Arqueologia, nas quais a pesquisadora denuncia o apagamento das fontes arqueológicas na construção de uma memória nacional por parte da sociedade brasileira.

A pesquisa de Diego Lemos Ribeiro (2013), que aborda estudos sobre a produção de conhecimento arqueológico e a sociedade, tendo como objetos de estudo o Museu de Arqueologia do Xingó e o Museu de Arqueologia de Sambaqui em Joinville. O estudo de Rosemary Aparecida Cardoso (2013) analisa a relação entre sujeito (visitante) e objeto (material arqueológico musealizado), concluindo que, independente do discurso museal, e do discurso expográfico, o visitante recebe e se apropria do objeto e da exposição a partir de suas experiências pessoais.

A partir disso, este estudo apresenta sua relevância acadêmica, justificando-se por emergir como uma possibilidade de ampliar os estudos sobre museus, mais especificamente, sobre o Museu do Homem Americano e os processos de comunicação museológica que vêm despontando nos últimos anos no cenário nacional. Assim, desponta como uma possibilidade de fomentar um olhar arqueológico em exposições de contextos da pré-história, no qual envolve percepções e apropriações do presente, entendendo como molduras do passado configuram as relações e as interações entre a cultura material e os diferentes grupos sociais nos dias atuais. Além disso, colabora para a aproximação do Museu do Homem Americano com a comunidade acadêmica, em termos de discussão do seu acervo e narrativa dentro de seu processo de musealização e de gestão, enquanto patrimônio local e cultural.

Neste trabalho, não falo em uma única manifestação de autoritarismo científico, mas, para ser mais específica, do Museu do Homem Americano, em diversas manifestações e discursos autoritários que são construídos de formas diferentes, que buscam capturar segmentos distintos dentro da sociedade. Paralelo a essas questões, situo os questionamentos que moveram e que orientaram a realização deste estudo: como arqueólogas e arqueólogos do contexto Serra da Capivara entendem o Museu do Homem Americano, considerando o processo de institucionalização da arqueologia na região? Quais são as apropriações e as percepções construídas por arqueólogas e arqueólogos do território Serra da Capivara para o acervo e discurso do Museu do Homem Americano, a partir de suas vivências, experiências e memórias?

Paralelo às iniciativas apresentadas, o presente estudo congrega os seguintes objetivos, organizados em objetivo geral e objetivos específicos, que além de nortear os interesses desta pesquisa, estruturam os capítulos que formam este trabalho. Nesse viés, o objetivo geral reside em analisar as percepções e as apropriações construídas por arqueólogas e arqueólogos inseridos no contexto Serra da Capivara para o Museu do Homem Americano, a partir da descolonização da Arqueologia, considerando as narrativas que se articulam na interface entre trajetórias de vida e formação profissional.

Ainda nessa perspectiva, os objetivos específicos se enquadram em definir o pensamento decolonial e seus desdobramentos em consonância com colonialidade e com modernidade em âmbitos arqueológicos, para contextualização da descolonização da arqueologia em anuência com Arqueologia afetiva e Arqueologia decolonial. Ademais, também se objetiva apresentar o contexto de institucionalização da Arqueologia no território Serra da Capivara e seus respaldos na região, para caracterizar historicamente o Museu do Homem Americano em termos museológicos e arqueológicos. Vale destacar também que evidenciar impressões e percepções arqueológicas construídas por arqueólogas e arqueólogos da região Serra da Capivara para o Museu do Homem Americano, a partir de abordagens da Arqueologia Etnográfica, configura-se como outro objetivo específico desta pesquisa.

Frente a esses objetivos, o caminho teórico desta pesquisa está situado nas premissas da arqueologia decolonial e afetiva, com intuito de trazer uma forma de produção de conhecimento arqueológico mais aberta, atenta para o quadro de violência epistêmica produzida pelo sistema colonial e moderno dentro dos processos de produção de conhecimento e informações sobre o patrimônio. Modelo de estudo que se enquadra com um trabalho justificado dentro da desobediência epistêmica, pois seu interesse parte de uma realidade que confronta o autoritarismo e autoritarismo científico, à medida que oferta diferentes formas de produção de saberes para o entendimento do patrimônio arqueológico em ambientes museológicos.

Desse modo, deste trabalho, não estou levando apenas conhecimentos teóricos, mas também a experiência de uma arqueologia que contempla as minhas subjetividades, enquanto pessoa, arqueóloga, acadêmica e pesquisadora. Menciono isso porque sou de uma comunidade de interior, oriunda de escolas públicas, com acessos de ensino limitados, e isso coloca em mim uma bagagem de vivências que foram acolhidas pelas teorias e metodologias que utilizem este trabalho, como por exemplo, a decolonialidade referenciada por Quijano (2005). Agora vejo essa vertente como uma possibilidade singular, no meu caso, considerando minha realidade, mas dotada de caminhos plurais, pensando em meu trabalho e nas práticas arqueológicas.

Assim, o arcabouço metodológico deste estudo foi organizado a partir das abordagens da arqueologia etnográfica, combinado com os instrumentos metodológicos de pesquisa bibliográfica e atividades de campo, com o intuito de seguir uma possibilidade de pesquisa decolonial, aberta para distintas maneiras de produção de conhecimento. Dessa maneira, esse percurso possibilitou a construção de narrativas para o discurso e para o acervo do Museu do Homem Americano a partir de vivências e experiências construídas não apenas durante a realização deste trabalho, mas também a partir de conhecimentos e fatos que os desdobramentos

arqueológicos do contexto Serra da Capivara produziram na vida dos colaboradores desta pesquisa.

Assim, a partir do contexto apresentado, visando alcançar os objetivos mencionados e entender os questionamentos que direcionam esta pesquisa, a presente dissertação está organizada em cinco partes, estas que correspondem aos capítulos que estruturam este estudo. Em seguida, apresentarei, de maneira sucinta, o conteúdo trabalhado em cada parte, mostrando suas abrangências, especialmente, como isto foi base para a consolidação não apenas da escrita da pesquisa de mestrado, mas também meios de acolhimento que encontrei na academia para conseguir me localizar enquanto pesquisadora, entendendo, antes de tudo, questões que atualmente fazem parte de escolhas subjetivas.

No primeiro capítulo, foram discutidas as perspectivas do pensamento decolonial, embasadas em autores como Dussel (1993, 2005) e Mignolo (2007), mostrando seus deslocamentos e atravessamentos frente aos projetos da colonialidade e modernidade. A partir disso, reflito sobre a colonialidade do poder, colonialidade do saber e colonialidade do ser, mostrando como o sistema colonial configura um conhecimento único, de maneira eurocêntrica e homogênea, que em âmbitos patrimoniais consolida um discurso autoritário firmado em bases colonialistas.

Para amarrar essa discussão da decolonialidade com minha pesquisa, no segundo capítulo, em síntese foi apresentado o quadro de violência epistêmica presente nos processos de produção de conhecimento da arqueologia tradicional, configurados pela colonialidade e modernidade. Frente a esse cenário, a desobediência epistêmica emerge nessa discussão como uma possibilidade de refletir e de romper com o eurocentrismo especializado, descortinando caminhos para uma prática arqueológica atenta para informações e saberes camuflados por teorias e metodologias coloniais. Nesse percurso, a descolonização do pensamento arqueológico se deu a partir de uma arqueologia decolonial e afetiva, buscando permitir a abertura para construção de histórias e saberes para o Museu do Homem Americano de maneira plural.

No terceiro capítulo, apresento e desenvolvo os procedimentos metodológicos seguidos por esta pesquisa, descrevendo como utilizei cada instrumento, enquanto prática e método, mostrando como cada um foi viável e possível para realização desta pesquisa. Para isso, iniciei com as pesquisas bibliográficas e levantamento documental, aliado a um caminho compartimentado pela arqueologia etnográfica, que, por sua vez, abarcou conversas informais e entrevistas semiestruturadas, desenvolvidas a partir do convívio com os participantes desta pesquisa, através da troca e compartilhamento de vivências e de experiências.

No quarto capítulo, apresento a caracterização do contexto de pesquisa, partindo como base a criação, a formação e consolidação do Museu do Homem Americano. Para tal apresentação, retomo através de uma breve contextualização da institucionalização da arqueologia na região, e os processos que culminaram na criação do museu. Para isso, recorro aos movimentos e aos desdobramentos que configuraram a formação do Museu do Homem Americano, partindo da chegada de Niéde Guidon com as pesquisas arqueológicas. Posteriormente, a criação do Parque Nacional Serra da Capivara, mobilização dos moradores do Zabelê, fundação do Centro Cultural Sérgio Mota, criação do curso de graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial na Universidade Federal do Vale do São Francisco, e outras repercussões conduzidas pela atuação arqueológica na região. Estas que, por vez, impulsionaram a idealização do Museu do Homem Americano, instituição museológica construída em 1994, localizada em São Raimundo Nonato, destinada a abrigar e a expor resultados de pesquisas arqueológicas realizadas na região Serra da Capivara (Gonçalves, 2016).

O último capítulo, o quinto, comporta trajetórias de vidas e cruzamentos com o Museu do Homem Americano, em que dediquei para mostrar conhecimentos e saberes construídos para essa instituição por arqueólogas e arqueólogos do contexto Serra da Capivara. Nessa parte, são apresentadas vivências e experiências consolidadas a partir de afetos e afetividades desencadeadas pelas repercussões da institucionalização da arqueologia na região. Estes presentes em representações e significados contidos em espaços e locais que não estão presentes na narrativa e discurso oficial do Museu do Homem Americano, mas que fazem parte de sua apropriação e entendimento enquanto patrimônio arqueológico.

2 COLONIALIDADE E MODERNIDADE: DESAFIOS E OPORTUNIDADES QUE ATRAVESSAM OS PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

O presente capítulo tem como objetivo apresentar conceitos e reflexões que embasam a construção desta pesquisa, em termos teóricos e metodológicos. Nesta construção, sinalizamos, desde o princípio, que o estudo não se concentrará em uma única base teórica, pois o intuito é dialogar entre as diferentes práticas que conectam o fazer arqueológico, noções patrimoniais e entendimentos sociais. Assim, seguiremos como embasamento, alguns desdobramentos que têm configurado um conjunto de epistemologias engajadas na produção de conhecimento de maneira plural.

Para tal estruturação de pensamento, recorreremos, portanto, ao caráter interdisciplinar da arqueologia, em diálogos com campos da Ciências Sociais e Humanas, como a Museologia. Esses referenciais são manejados visando abarcar o uso, o significado e as ressignificações atribuídas ao Museu do Homem Americano, frente à institucionalização da Arqueologia no Sudeste do Piauí. Tal interdisciplinaridade nos auxilia no esforço de perceber as consagrações desse espaço enquanto patrimônio, considerando seus efeitos políticos e sociais, para além do discurso oficial.

Assim, o propósito com este capítulo é introduzir as teorias e as premissas do pensamento decolonial e suas possibilidades de construção epistêmica de caráter plural, apontando sua ressonância com os estudos arqueológicos e patrimoniais contemporâneos. Nesse sentido, as perspectivas decoloniais, na sua reflexão crítica sobre a modernidade e a colonialidade, fornecem subsídios para problematizar a produção de conhecimento arqueológico em diferentes recortes, como é o caso das apropriações sobre o Museu do Homem Americano edificadas por arqueólogos nativos da região Sudeste do Piauí.

2.1 DECOLONIALIDADE: ATRAVESSAMENTOS E DESLOCAMENTOS DA COLONIALIDADE E MODERNIDADE

Para contextualizar historicamente os desdobramentos do pensamento decolonial, início apresentando as provocações do filósofo Enrique Dussel (1993), especialmente a partir de sua tese central sobre o “mito da modernidade”. De acordo com esse autor, a modernidade surgiu no momento em que a Europa estabeleceu contato com o/os “outros” não europeus, desde então, passou a deliberar posturas para controlá-los, vencê-los e violentá-los, intitulado-se através da modernidade, como descobridores e conquistadores civilizados (Dussel, 1993).

Ao fazer referência para a ideia de modernidade, Dussel (2000) aponta dois conceitos possíveis de serem atrelados ao termo: um “eurocêntrico, provinciano, regional” e outro de “sentido mundial”. O primeiro conceito parte de uma visão na qual a modernidade é um fenômeno de caráter emancipatório, cujas bases são europeias, tendo início a partir da Idade Média, e no qual a Europa é apresentada como detentora de poder e superior ao resto do mundo, sendo capaz ainda de propiciar a humanidade um novo desenvolvimento de mundo (Dussel, 2005, p. 28).

Nesse sentido, a modernidade é percebida como eurocêntrica, porque está intimamente ligada aos fenômenos da Reforma Protestante, do Iluminismo e da Revolução Francesa, que são movimentos que emergiram e se desenvolveram em contextos europeus. Consequentemente, foram argumentos instrumentalizados para conduzir discursos de que o sistema moderno deveria libertar o mundo de sua ingenuidade e se desenvolver de forma plena (Dussel, 2015).

Em contrapartida, o segundo conceito apresenta a modernidade a partir de uma ótica de “sentido mundial”, uma espécie de determinação do mundo dito moderno, capaz de promover novos elementos transformadores e construtores do que seria uma história mundial. Nesse viés, esse conceito impunha à Europa como centro irradiador, cuja centralidade não diz respeito especificamente a uma superioridade acumulada desde a Idade Média, mas ao resultado do processo que viabilizou à Europa conquistar, colonizar e integrar contextos da América, onde os europeus passaram a instrumentalizar elementos para organizar o mundo ao seu modo.

Para Dussel (2005), esse movimento teria organizado a noção de uma verdadeira história mundial, que ocorre a partir da formação de um Sistema-Mundo, com incorporação do Oriente e da América Hispânica, em 1492. Assim, a Espanha foi considerada a primeira nação moderna, por inaugurar o fenômeno do mercantilismo, posteriormente a Inglaterra assumiu posto, diante da instauração da Revolução Industrial¹.

De acordo com Dussel (2000), a modernidade favoreceu o interesse de países europeus, constituindo justificativas para a expansão marítima instaurada no século XV, a qual, consequentemente, resultou na invasão, na dominação e na exploração de outros povos. Assim, buscou legitimar uma auto concepção de superioridade civilizatória, impondo um novo paradigma de compreensão do mundo, onde todas as outras culturas diferentes da europeia eram

¹ Contraditoriamente, na perspectiva de Anthony Giddens (1991), a modernidade refere-se a uma espécie de estilo, organização e costume de vida, que emergiu na Europa a partir do século XVII e que foi se tornando mundial sob sua influência. Nessa linha de raciocínio, Giddens (1991) entende que a modernidade transformou os lugares, fazendo com que sociedades situadas distantes dos grandes centros pudessem ser influenciadas e impactadas, mesmo que de modo parcial.

classificadas como periféricas. Desse modo, o discurso da modernidade reforça a reprodução da colonialidade. De fato, com o fim do regime colonial, persiste um estado de colonização vigente atualmente, operando através da modernidade.

Nessa conjectura, ao me amparar nas ideias de Maldonado-Torres (2007), dispenso atenção para o fato de que a modernidade encobre a colonialidade, uma vez que seu discurso buscou omitir a relação entre modernidade e os interesses europeus (Mignolo, 2010). Na medida em que a modernidade traz uma ideia de progresso para humanidade, por meio de movimentos sucedidos por intelectuais e cientistas, nas palavras de Giddens (1991), gera a globalização, trazendo a negação de outras formas de racionalidade. De acordo com esse último autor, o projeto moderno esmagou muitas culturas e reforçou a exclusão de “outros”, em anuência com o estágio de silenciamento operado pela colonialidade europeia.

Devo destacar que, por mais que em uma primeira olhada a colonialidade e o colonialismo possam parecer termos que se referem ao mesmo processo, eles não são iguais. Em seus trabalhos, Maldonado-Torres (2007, p. 131) explica que existem diferenças. O colonialismo denota uma relação política e econômica, a qual possibilita uma lógica colonial, onde a soberania de um povo reside no poder do outro. Já a colonialidade refere-se a um padrão de poder, que resultou do colonialismo moderno, ao fundar bases de organização social, principalmente, através do capitalismo e da ideia de raça (Maldonado-Torres, 2007). Nesse sentido, mesmo livres do projeto colonial institucionalizado, ainda existem influências da lógica do colonialismo, atuando por meio da colonialidade, em consonância com a modernidade (Mignolo, 2006, p. 15).

Nesse momento, vale destacar aqui que esse processo de perceber a lógica de atuação da colonialidade, em anuência com a modernidade, gera desconforto em relação a essas forças dominantes. Trata-se de provocação para emergência de ideias decoloniais. Assim, a decolonialidade perpetua em atravessamentos da colonialidade e da modernidade, a partir de uma perspectiva crítica que tem por objetivo uma emancipação em relação ao aparato repressor das ideias colonialistas, buscando a formação de um novo pensamento, com conhecimentos locais (Mignolo, 2010).

Nesse sentido, a decolonialidade questiona a manutenção das ideias colonialistas e forma um pensamento inovador, atenta-se para a retórica do fenômeno moderno. Em linhas gerais, a perspectiva decolonial remete a movimentos críticos que emergiram no final do século XIX, firmando-se principalmente no decorrer do século XX. Especificamente para este trabalho, chama a minha atenção as premissas apontadas por intelectuais que se articulam em torno do conceito de decolonialidade. Trata-se de iniciativas de intelectuais latino-americanos,

relacionadas com o Grupo de Estudos Modernidade/Colonialidade – M/C (Quijano, 2005). A princípio, o M/C foi um coletivo que se articulou a partir de um encontro realizado na Universidade Central de Venezuela (Ballestrin, 2013).

Dentro desse cenário, é importante enfatizar que o termo decolonial foi apresentado por Walsh (2013) como uma inflexão da palavra descolonial, com o objetivo de inserir debates decoloniais a partir do contexto da América Latina, visando desassociar o processo de produção de conhecimento do eurocentrismo, pautado na lógica da colonialidade. Walsh sugeriu a suspensão da letra “s” com intuito de marcar o rompimento da colonialidade, explicitando o processo histórico de descolonização, onde decolonial surge como uma alternativa latino-americana para o termo pós-colonial (Macêdo, 2021, p. 41).

Nesse ponto, julgo pertinente explicar conceitualmente o termo eurocentrismo, pois, ao meu ver, este se apresenta como uma das principais ferramentas para reforçar e conduzir a colonialidade e a modernidade, transitando por ideias de progresso do mundo, tendo como espelho de referência o homem europeu (Martins; Benzaquen, 2017, p. 18). Assim, o eurocentrismo classifica, define e determina a métrica universal de conhecimento a partir de suas particularidades, construindo uma racionalidade própria de dominação colonial moderna, emancipando uma aparência universal, atópica e verdadeira, a partir do contexto europeu (Nopes, 2013, p. 3).

No decorrer do tempo, o grupo de estudos M/C conseguiu agregar novos integrantes, como Zulma Palermo, Nelson Maldonado-Torres, Maria Lugones e outros, com interesses em compartilhar noções e raciocínios que conferem uma identidade e vocabulário próprios (Macêdo, 2021). De acordo com Escobar (2003, p. 53), o grupo M/C pode ser entendido como uma nova forma de pensar o mundo, contrária às narrativas dos grandes centros, buscando reconstruir histórias silenciadas e viabilizar linguagens e conhecimentos que são subalternizadas pela noção de universal defendida pela modernidade eurocêntrica. Assim, a busca por romper com a visão eurocêntrica tornou-se um problema para o avanço dos estudos decoloniais, que visam ir além da descolonização, promovendo a decolonização (Ballestrin, 2013).

Podemos então perceber que o pensamento decolonial propõe um coletivo, isto é, empreendimento voltado para a necessidade de pensar e agir a partir da exterioridade do projeto social vigente, exercendo uma postura que explicita saberes subalternos, agindo contra o sistema dominante oriundo da modernidade. Nesse sentido, a perspectiva decolonial nos desafia a refletir sobre as mudanças e as transformações sociais, impulsionando-nos a abarcar noções pluriversas, invertendo as lógicas moderna de exclusão (Escobar, 2012).

Dito isto, o pensamento decolonial nos oferece embasamentos teóricos e metodológicos necessários para romper com a visão hegemônica eurocentrada, com suas raízes em paradigmas modernos coloniais, onde qualquer forma de conhecimento que não cumpra as regras estabelecidas pela modernidade é desprezada. É importante destacar que, sob o prisma da decolonialidade, é possível questionar os discursos construídos de maneira exploratória em relação a grupos subalternizados, denunciando os conhecimentos inviabilizados pela modernidade. Particularmente nos campos da arqueologia e da museologia, abrem-se oportunidades para descolonizar a maneira como o patrimônio é entendido e concebido cientificamente e socialmente.

Ponto aqui a Arqueologia e a Museologia por reconhecer as alianças estabelecidas com fenômeno da modernidade, contribuindo para o eurocentrismo e suas influências, uma vez que são instrumentos de produção de conhecimento que, em suas definições tradicionais, seguem vieses moldados pelo projeto moderno. Aprofundando ainda mais nossa pesquisa dentro desses movimentos, entendendo que os museus podem ser pensados de uma maneira geral, como espaços que, desde o princípio, contribuíram para os interesses dos movimentos coloniais, e também, para projetos da modernidade e da lógica eurocêntrica, visto que os museus e seus discursos podem consagrar determinadas memórias de maneira autoritária, de acordo com os interesses selecionados no âmbito da ideia de memória nacional.

2.2 COLONIALIDADES

Na conjuntura dos estudos embasados em preceitos decoloniais, a noção de colonialidade tornou-se um conceito relevante para as ações destinadas em entender a persistência dos efeitos do Colonialismo e da Modernidade. Desse modo, entender a decolonialidade requer a compreensão do significado de colonialidade em sua totalidade, pois pensar a colonialidade em si é o ato de questionar e de problematizar as heranças coloniais que configuram nosso pensamento, esforçando-se no sentido de descolonizá-lo (Mignolo, 2014).

Nesse viés, considerando a forma que a colonialidade é configurada em mundos colonizados, autores como Torres (2007), Quijano (1992), Mignolo (2014) e Lugones (2008) apontam dimensões da colonialidade. Neste estudo, essas dimensões de colonialidade podem ser entendidas como colonialidades do poder, do saber e do ser que, neste trabalho são confrontadas a partir do pensamento decolonial.

De acordo com Oliveira (2022), a perspectiva decolonial busca identificar as colonialidades que são responsáveis por uma construção eurocentrada, que estabelece uma

hierarquia política e social. Nesse processo, fornece outras possibilidades para que a superação seja alcançada pelos povos subalternizados, a partir do entendimento das formas de colonizar impostas pelo projeto de civilização oriundo de contextos eurocêtricos.

Dito isto, busco entender a colonialidade e suas dimensões a partir de atravessamentos da vertente decolonial nesta pesquisa, no intuito de lançar para o Museu do Homem Americano olhares que vão além do estabelecimento de uma narrativa única. Com isso, através do viés decolonial, torna-se possível evidenciar conhecimentos e experiências consolidadas para sua exposição e espaços a partir da visão de arqueólogos do contexto Serra da Capivara. São dados que permitem ir além do conhecimento especializado condicionado pela ciência, especialmente, por explicitar conhecimentos saberes pautados em aspectos críticos, afetivos, profissionais e pessoais, rompendo com a dialética do discurso científico autoritário e universalista, cunhado pela colonialidade e pela modernidade.

2.2.1 Colonialidade do poder

O conceito de colonialidade do poder foi instaurado por Aníbal Quijano em 1989 e, posteriormente, foi utilizado e complementado pelo grupo de estudiosos que integram o grupo M/C. Originalmente, a colonialidade do poder refere-se a uma construção de poder universalista e capitalista, propondo meios de controle político e econômico, sendo fundamental para a estruturação do sistema de mundo-moderno, que se constituiu e se firmou como sistema colonial e se mantém em continuidade atualmente (Oliveira; Lucini, 2021).

Partindo ainda das palavras de Oliveira e Lucini (2021), por meio da colonialidade do poder, existe uma estruturação de outras formas de colonialidade em meio à modernidade, que serve de pilar para manutenção do sistema-mundo capitalista. Dessa forma, a colonialidade do poder é contínua e marca o projeto econômico e político da modernidade, promovendo formas de controle, que legitimam diferenças sociais, culturais, epistêmicas, fazendo emergir a ideia de raça, por exemplo, como uma maneira de subjugar os colonizados.

A concepção da ideia de raça foi biologicamente cunhada para naturalizar os grupos colonizados como inferiores aos colonizadores. Assim, povos originários eram entendidos como “animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens” (Lugones, 2008, p. 936). Partindo desse pressuposto, instaurou-se um domínio do colonizador sobre os colonizados, cuja colonialidade do poder normalizou modernas formas de exploração, dando anuência e

continuidade de projetos de dominação instaurados desde a dita colonização europeia (Quijano, 2005).

Em seu sentido moderno, a ideia de raça pode ter sido originada em razão das diferenças fenotípicas (Quijano, 2005, p. 117), manejada com o objetivo principal promover parâmetros para estabelecer superioridade de um determinado povo em relação a outro e, conseqüentemente, para legitimar a subordinação do povo considerado como minoria. O conceito segregador de raça emerge embasado por uma fundamentação teórica que é primordial para sua validação enquanto uma relação colonial, balizando aspectos da dominação entre europeus e não europeus. Em termos históricos, isso significou uma nova maneira de organizar ideias e criar relações de superioridade e inferioridade, resultando em um instrumento de classificação social para estabelecer o domínio e poder (Quijano, 2005, p. 118).

Para todos os efeitos, a colonialidade do poder fundamenta a prescrição de superioridade dos modos ocidentais em razão do poder e do domínio, impondo noções normativas e naturalizadas sobre civilidade em ambientes e contextos de grupos colonizados (Oliveira, 2022). Conseqüentemente, essas estratégias de poder vêm promovendo controle nas relações sociais, negociando a multiplicidade das identidades africanas e ameríndias no continente americano, que abarca negros, indígenas, mulheres e outros grupos que são entendidos como minorias (Quijano, 2007).

Nessa perspectiva, o movimento decolonial busca articular meios que combatam a continuidade de colonialidade do poder, por meio da intersecção de categorias de gênero, classe e raça na produção de análises sobre diferentes realidades sociais (Crenshaw, 2004). A partir desse panorama apresentado, o pensamento decolonial estabelece maneiras para permitir perceber as formas de opressão que intimidam a sociedade, e que se reproduzem nos discursos e nas representações que apresentamos sobre o mundo, atentando-se para experiências e vivências que estabelecem o papel de cada ser social na sociedade (Lugones, 2008).

Por fim, tais provocações subsidiam o esforço de identificar, no Museu do Homem Americano, as narrativas construídas a partir da matriz da colonialidade do poder, evidenciando o discurso universal conduzido para seu acervo. Além disso, possibilita desencadear uma série de olhares que desconstroem sua história enquanto espaço de poder alicerçado em seu discurso convencional, considerando as apropriações efetuadas pelos públicos que contemplam sua exposição e sua história.

2.2.2 *Colonialidade do saber*

A princípio, o conceito de colonialidade do saber refere-se a uma estrutura de superioridade de caráter cognitivo e epistemológico que o colonizador, a partir da realidade europeia, impôs diante dos saberes da população não pertencente ao contexto europeu (Mignolo, 2017). Considera-se que o início do sistema da colonização, na América, abrange não apenas a organização colonial do mundo, mas envolve, nesse processo, a construção colonial de aspectos dos saberes, linguagens, memória e imaginário dos povos colonizados. Isso tudo propicia um longo processo de colonização que culmina nas tentativas de organização de um contexto universal para todos os grupos sociais, onde a Europa é simultaneamente o centro de referência para todos os povos, inclusive os não europeus e não interessados na Europa (Lander, 2005, p.10).

Nesse sentido, a colonização negou as culturas e os saberes de povos colonizados, rejeitando tudo que os envolvia. Desse modo, impôs a adesão à lógica do conhecimento europeu por meio de um discurso eurocêntrico, capaz de apresentar ofícios que colonizam o saber dos povos subalternos. Dito isto, podemos perceber que a colonialidade do saber, que, por vezes, deriva da colonialidade do poder, pois constitui um discurso que legitima diferenças sociais, culturais e epistêmicas, entre outras, tornando possível a inferiorização de povos não europeus, o que acabou levando diversas populações a aceitar uma imagem negativa de si mesmo.

De modo geral, a modernidade fundamenta-se na produção de verdades absolutas, capazes de suprir o conhecimento e a realidade do outro e de si mesmo, a partir de uma visão especializada, construída com embasamento teológico, científico e filosófico, por exemplo. Assim, um leque de ofícios foi elaborado para reprimir as epistemes que não são ocidentais, provocando a inviabilização, negação, folclorização de outros saberes devido à estereotipação de povos colocados como inferiores. Esses mecanismos de opressão remontam operações intelectuais que são manipulados a partir de colonialidade do saber de caráter dualista, expressando-se em violência epistêmica.

Retornarei a esse debate mais adiante, mas, para fins de contextualização, de acordo com Müller e Sousa (2021), a ideia de violência epistêmica desponta a partir das elucubrações do filósofo francês Michel Foucault, ao discorrer sobre a essência do poder e do saber dentro da sociedade. A violência epistêmica está atrelada às relações de produção, de apropriação e de condução de formas de conhecimento, guiadas por meio de dominações e atuações de poder, cujos discursos oficiais são empregados pela colonialidade. Acontece, por exemplo, com a erradicação de conhecimentos e saberes, que são considerados, pela lógica hegemônica

ocidental, como “selvagem”, “primitivo”, “feminino” e “popular” (Mageste; Amaral, 2022, p. 3).

De acordo com as formulações de Tirado (2009), essas situações de violência são fenômenos modernos que começam com os movimentos de colonização, conforme já mencionado e que perpetuam com tentativas de descolonização dos antigos impérios. Assim, a violência epistêmica atua em nível cultural, onde sua reprodução pode ser percebida por meio de discursos, símbolos, metáforas, hinos patrióticos ou religiosos, dentre outros aspectos culturais que exercem poder social (Macedo, 2022). Dessa forma, esses discursos são atravessados por um projeto moralizador que entende a civilização moderna como superior, outorgando para os grupos inseridos no centro desse cenário o direito de civilizar, modernizar, desenvolver e impor suas visões de mundo a todas as outras sociedades.

Já a ideia de dualismo expressa uma perspectiva binária, como por exemplo, primitivo e civilizado, naturalizando a ideia de diferenças culturais a partir do entendimento de raça, podendo ser percebida a partir da colonialidade do saber. É importante ressaltar que a colonialidade, de acordo com Quijano (2005), sustenta os arranjos de domínio econômico, político e cultural, onde grupos dominadores estabelecem estruturas que apagam e destroem culturas e conhecimentos de dominados. Assim, uma vez que a colonização, em seu ápice, negou as culturas de grupos sociais colonizados, impondo anuência a racionalidade do conhecimento de cunho europeu (Mignolo, 2017).

Nessa lógica, ao reconhecermos o lugar de superioridade do conhecimento eurocêntrico operamos uma constante negação de epistemologias destoantes aos padrões ditos ocidentais. Em outras palavras, como parte de um novo padrão de poder mundial, a Europa estabeleceu também sua hegemonia de controle sobre todas as formas de cultura, com uma versão subjetiva, voltada em especial para a produção de conhecimento. O sociólogo Santos (2010) entende esse processo como um epistemicídio, pois a atuação colonial inviabiliza conhecimentos produzidos por povos subordinados, gerando o apagamento e/ou alteração de conhecimentos dos povos não europeus.

Desse modo, a colonialidade do saber é uma hegemonia epistêmica que concentra o poder de nomear, de criar fronteiras, de decidir quais grupos sociais são aptos a produzir conhecimento, indicando quais conhecimentos são verdadeiros e quais conhecimentos são falsos e, conseqüentemente, estabelecer uma visão de mundo dominante, seguindo um padrão de referência de “conhecimento ocidental”, associado a uma ciência moderna. O dito “conhecimento ocidental” fecunda a universalidade, objetividade e neutralidade epistêmica,

mostrando a superioridade e inferioridade de produção e concepção de diferentes formas de conhecimento por meio de questões de objetividade e imparcialidade.

A mesma lógica pode ser pensada para o universo dos museus e reflete inclusive no Museu do Homem Americano, uma vez que os museus possuem uma história assentada em uma longa tragédia de violência epistêmica, causada pela colonialidade, quando pensamos na maneira que os espaços museológicos são organizados e as narrativas que embasam seus discursos. Uma das formas para esse posicionamento violento continuar atuando é quando a história elegida para uma exposição se resume em instaurar universalismos, teorizando e direcionando os rumos das narrativas para os interesses especializados, concentrados em teorias hegemônicas.

Para Dussel (2020), a universalidade nesse contexto segue embasamento na ciência e na filosofia positivista convencionada pela “geopolítica do conhecimento”, sendo produzida a partir de um lugar de enunciação convencional. De fato, a abordagem geopolítica do conhecimento, conforme apresentada por Mignolo (2003), insiste que o conhecimento é marcado pelo lugar geopolítico e o corpo geopolítico do qual é produzido. Segundo Grosfogel (2009), existe uma inviabilização do conhecimento produzido em contextos do Sul global, onde a colonialidade do saber atua sublinhando que conhecimento tem a ver com o local em que é produzido.

De acordo com Santos (2010), além do epistemicídio e a geopolítica, um outro conhecimento desenvolvido por pesquisadores latino-americanos para evidenciar o domínio da colonialidade do saber é o pensamento fronteiriço. A noção do pensamento fronteiriço, desde a perspectiva da subalternidade colonial, transcende de uma visão eurocêntrica da modernidade, afirmando de onde o pensamento foi produzido e negado pela modernidade (Mignolo, 2003).

A abordagem do pensamento fronteiriço emerge como uma resposta crítica ao regime moderno, buscando mostrar que epistemologias subalternizadas são negadas pela modernidade, contudo, mostra o reconhecimento das diferenças coloniais dos saberes subalternos (Mignolo, 2012, p. 6). Consoante com o cenário de dominação colonial no processo de produção de conhecimento, a emergência e o potencial do pensamento de fronteira articulam condições e conhecimentos locais e apresentam variância de suas instâncias a partir do mundo colonial/moderno.

Nesse contexto, o pensamento de fronteira evidencia um movimento duplo, de um lado, expõe a expansão do sistema moderno em âmbito mundial desde o século XV, por outro lado, traz uma construção paralela ao seu imaginário tanto de “dentro”, quanto de “fora” do grande centro. Seguindo essa perspectiva, o pensamento fronteiriço, conforme discute Mignolo (2003),

chama atenção exclusivamente para o lugar de enunciação do conhecimento, envolvendo de onde partiu discurso e quem está formulando, considerando seus legados particulares saindo, assim, de um pensamento excludente, mantido pela colonialidade, para abordagens que inclui a pluralidade do conhecimento.

Nesse trânsito, a partir do pensamento fronteiriço, reconheço o deslocamento do conhecimento e da epistemologia moderna e universal, para o reconhecimento de saberes que surgem histórias locais, reivindicando a legitimidade da linguagem e da narrativa do ponto de vista local. Nesta pesquisa, abarcar o pensamento fronteiriço para entender o Museu do Homem Americano, a partir da visão de arqueólogos do território Serra da Capivara, é um ato de buscar por diálogos entre diferentes epistemologias, fazendo com que o discurso oficial não seja único válido para o acervo e que possa incluir em suas narrativas versões que dialogam com a história localizada, que perpassa inclusive com os desdobramentos da institucionalização da arqueologia na região.

Em resumo, esse contexto de tentativas e esforços para evidenciar a colonialidade do saber, conceitos com epistemicídio, geopolítica do conhecimento, universalidades e pensamentos fronteiriços, foram apresentados e denunciados por estudiosos da América Latina, como por exemplo, Grosfoguel (2009), que atuou a partir de influência das ideias de Fanon (1952), Anzaldúa (2004), Haraway (1995), Mignolo (2003) e outros, cujos interesses particulares desses pesquisadores concentram-se em discutir o apagamento dos saberes não europeus, a partir de relações de poder. Frente a esse cenário, autores como o Santos (2009) e Meneses (2010) apresentam o termo epistemologia do Sul, discutindo que o contexto Sul é uma metáfora para o apagamento e silenciamento de culturas e povos que, ao longo do tempo foram oprimidos pela estrutura colonial e, conseqüentemente, pela persistência da colonialidade.

Nessa linha de raciocínio, o contexto Sul serviria apenas como objeto de análise, no máximo, compreendido como fonte de pesquisa para com os considerados verdadeiros pensadores, que são exclusivamente Norte Global, com teorias predominantemente pensadas do Norte para o Norte. Dessa maneira, a colonialidade do saber representa o fato dessa estrutura colonial ter ganhado dimensão sobre o processo de produção de conhecimento, ditando como ele deve ser feito, como deve ser pensado, o que deve ser pesquisado e, principalmente, o que se enquadra como conhecimento (Ballestini, 2013).

Santos (2010) avançou o debate sobre esse assunto ao discutir o “pensamento abissal”, referindo-se a linhas globais imaginárias e à estrutura de divisão que expõe quem é reconhecido e quem é inviabilizado epistemologicamente, afirmando quais são os conhecimentos relevantes e classificando quais saberes são valorizados pelo sistema hegemônico. Com isso, é notório que

o Norte global é composto basicamente por países colonizadores e produtor de conhecimento considerado válido, enquanto o Sul global é um contexto colonizado, que tem seus modos de saberes, culturas e epistemologias manipuladas e desprezadas, promovendo uma estrutura de hierarquização entre outras formas de saberes (Oliveira, 2022). Ao mesmo tempo, contribuem para a produção de percepções negativas de si mesmo pelos grupos dominados, catalisando a colonialidade do ser.

2.2.3 *Colonialidade do Ser*

Conforme vimos anteriormente, a colonialidade do poder compreende aspectos de dominação política e econômica, enquanto a colonialidade do saber corresponde ao caráter de superioridade nas formas de conhecimento a partir de epistemologia filosófica e científicas em relação a grupos sociais não europeus. A colonialidade do ser, por sua vez, pode ser entendida como uma realidade de mundo moderno, moldado pela colonialidade, que traz impactos na linguagem e na construção de subjetividade na vida das pessoas, fazendo com que estas se inferiorizem diante de estruturas firmadas pelo mundo colonial, formulando, assim, uma forma de destruir parte da existência humana (Restrepo; Rojas, 2010).

Nesse viés, partindo das ideias do filósofo Maldonado-Torres (2007), a definição de colonialidade do ser emergiu a partir de discussões acionadas pelas implicações da colonialidade do poder, dessa forma, atuando como uma força de manutenção e relação da colonialidade do saber e do poder, mantendo um controle ontológico na sociedade, sendo requerida em diferentes âmbitos da sociedade (Maldonado-Torres, 2007). Maldonado-Torres (2007) pontua a importância de resgatar e permitir outros conhecimentos de maneira originária, buscando combater o caráter subjetivo da ontologia, e destaca a existência de outras alteridades que são privadas e controladas pelo regime colonial. Dentro dessa discussão, Levinas (1998) aponta a ideia de colonialidade do ser.

Desse modo, a colonialidade do ser se configura, portanto, como um artifício de discriminar e viabilizar o ser, pois é uma forma de determinar, por meio da colonização, que povos originários eram uma raça sub-humana, entendida como seres irracionais, indolentes, sem capacidades cognitivas, sem modos, ciência e cultura, por ser vistos como brutos e rudes (Oliveira, 2022). Assim, em suas discussões, Maldonado-Torres (2007) utiliza a colonialidade do ser para tentar compreender e explicar o processo de desumanização de povos não brancos, principalmente, pela atuação da matriz europeia, e traça ideias que buscou demonstrar como o

colonialismo age além do imaginário, pois impacta experiência de vida de povos colonizados e, consequentemente, a construção de suas subjetividades (Maldonado-Torres, 2007, p. 153).

Frente a esse cenário de controle de grupos julgados como inferiores, quando comparados aos europeus, Maldonado-Torres (2008 p. 96) entende que a colonialidade do ser refere-se ao processo pelo qual o senso comum e a tradição são marcados por mecanismo de poder, exercendo controle e superioridade de determinados grupos sociais. Por meio da ideia de superioridade de conhecimento das matrizes colonizadoras, desde o período colonial, existe uma valorização de certos conhecimentos em detrimento de outros, produzindo estruturas de opressão, fazendo com que o subalterno permaneça sem voz (Mignolo, 2004).

Nesse sentido, entendemos a colonialidade do ser não apenas como um conjunto de performances de reminiscências resultantes da potência colonial, mas também como um sistema estruturante da sociedade, pois à medida que essas relações são arraigadas ao processo de colonização interfere na vida social, afetando não somente o presente, mas também o imaginário e a vivência do passado e, consequentemente, a projeção de um futuro possível, visto que a sociedade, nos mais variados aspectos, transcendendo diversas maneiras de dominação em processos de construção de saberes e poderes, afeta especialmente as possibilidades do ser (Maldonado-Torres, 2018).

Frente a esse cenário, entendemos que a colonialidade do ser, embora historicamente venha sendo modificada, ainda é uma realidade que não foi superada, pois afeta a sociedade colonizada com medos e traumas difíceis de serem superados. É importante pontuar que não estou afirmando ou defendendo o que as estruturas opressoras afetam todas as pessoas da mesma maneira, mas ressalto que o regime colonial de ser atravessa os grupos sociais colonizados em suas subjetividades. Ao refletir sobre essa questão, percebo a atuação de operações de exclusão e desumanização na produção de conhecimento e saberes oposto ao pensamento colonial, havendo, assim, uma naturalização na negação e inviabilização de povos colonizados (Oliveira, 2022).

Dito isso, considerando a colonialidade, e principalmente seus respaldos de colonialidade do poder, do saber e do ser, percebemos que essas colonialidades estão entrelaçadas nas bases de conhecimento especializado, que mantêm o foco no interesse puramente científico de caráter tradicional, que silencia posicionamentos derivados do afeto, da memória. Contudo, devemos compreender a arqueologia a partir de meandros pós-coloniais, especialmente decoloniais, e assim se atentar ao projeto político que essas teorias concebem para desenvolvimento da arqueologia, ao criticar os legados da colonização e das colonialidades.

Perspectivas que nos fazem refletir sobre as diferentes formas de produção de conhecimento, especialmente, como esse conhecimento é comunicado e produzido para conceber o patrimônio, inclusive a partir dos espaços arqueológicos e museológicos, que é interesse desta pesquisa. Tendo em vista que reconhecer a colonialidade e entender como sua atuação opera no âmbito museológico, especialmente no Museu do Homem Americano, é buscar romper com discursos autoritários, à medida que não invalida sua narrativa oficial, mas mostra diferentes formas de compreender museus a partir de perspectivas conduzidas pelo pensamento decolonial, buscando seguir caminhos que nos permitem atravessar cenários violentos conduzidos pelo regime colonial e suas influências.

3 ADENTRANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA: POSSIBILIDADES TEÓRICAS E CONCEITUAIS A PARTIR DE PREMISSAS DECOLONIAIS E AFETIVAS

Neste capítulo, realizarei uma breve reflexão sobre o cenário de violência epistêmica nos processos de produção de conhecimento, especialmente da arqueologia, a partir do sistema colonial que institui o binômio colonialidade/modernidade. Para isso, apresentaremos o contexto de estruturação da arqueologia que, desde o início de sua formação, foi moldada por uma abordagem de caráter colonialista, influenciando as maneiras de pensar e fazer da arqueologia. A intenção, aqui, é problematizar a ideia do pensamento universal construído dentro do fazer arqueológico, discutindo as persistências e as resistências de desigualdades sociais e científicas sustentadas pelo epistemicídio colonial.

A partir disso, lançamos, por meio do pensamento decolonial, propostas para refletir e romper com os modelos de produção de conhecimento naturalizados pela matriz colonialista, onde é possível pensar a descolonização da arqueologia por meio da desobediência epistêmica. Dentro desse viés que se insere nosso objetivo de visualizar a produção de conhecimento que se configura para acervos arqueológicos em espaços museológicos, considerando vivências afetivas, biográficas e acadêmicas, especialmente do Museu do Homem Americano. Assim, a arqueologia passa a ser entendida como uma forma de ver e entender o mundo e suas subjetividades em diferentes interesses, dos quais contemplam saberes e experiências distintas (Cabral, 2014).

Desse modo, o nosso entendimento do olhar arqueológico baseia-se nas proposições de autoras como Cabral (2014) e Bezerra (2017), que defendem que a arqueologia é uma forma de conhecimento que permite construir narrativas para os objetos do passado, preocupando-se com o afeto e a memória invocada pela materialidade. Além disso, refletem sobre o papel que os objetos assumem dentro das relações sociais vivenciadas pelas pessoas atualmente, associando o tempo e a materialidade a partir do processo de patrimonialização.

A inserção do pensamento decolonial para os quadros da arqueologia suscita propostas de descolonização que, por vez, não é um aparato apenas para esta pesquisa, mas também para um conjunto expressivo de estudos arqueológicos e patrimoniais comprometido em denunciar e transformar as assimetrias que caracterizam esses campos. Acreditamos que o movimento é uma saída para a superação da colonialidade. Em vista disso, apresento propostas que foram esboçadas nas últimas décadas dentro da arqueologia, pautadas em desdobramentos críticos ao projeto da Modernidade. Nesse sentido,

proponho a formulação de uma arqueologia decolonial e afetiva, como arranjos necessários e adequados para evidenciar novas narrativas para o Museu do Homem Americano, a fim de estabelecer uma construção plural para seu discurso e exposição, por meio da etnografia arqueológica.

3.1 RESPALDOS COLONIAIS E CONHECIMENTO ARQUEOLÓGICO

De modo geral, Stein (2005) elenca que a arqueologia apresenta contribuições efetivas para a compreensão e a análise de aspectos colonialistas através de suas práticas em pesquisas de vestígios materiais e geração de dados sobre o passado. É importante destacar que, historicamente, a arqueologia contribuiu para normatizar histórias oficiais de caráter nacional, sendo utilizada como instrumento para legitimar movimentos imperiais e coloniais, operacionalizada para deter poder e domínio sobre o passado, legitimando projetos políticos no presente (Moro-Abadia, 2006). Assim, o desenvolvimento da arqueologia mostra-se aliado do colonialismo e colonialidade, ressaltando que, em muitos casos, as pesquisas arqueológicas sedimentaram o terreno para fortalecer narrativas de interesses europeus (Trigger, 1984).

Em linhas gerais, o discurso arqueológico pautado em noções colonialistas foi palco para edificar realizações de povos europeus e instituir como norma a lógica ocidental, na qual lugares de domínio europeu tiveram seus méritos elevados a partir da prática arqueológica, enquanto os nativos foram significativamente reduzidos. Dentro dessa perspectiva, as histórias de povos distantes do cenário europeu tiveram suas experiências e vivências tratadas como primitivas e selvagens e, em muitos casos, entendidas como atrasados, principalmente, quando comparadas ao mundo ocidental. Assim, a arqueologia foi utilizada para desapropriar histórias nativas, fornecendo as justificativas materiais para organização do mundo entre primitivos e civilizados (Trigger, 1984). Desse modo, este saber foi instrumental na definição do estado-nação, moldando fronteiras físicas e sociais na sociedade, visando o projeto da modernidade (Hobsbawn; Ranger, 1983).

Na perspectiva de Rodrigues (1991), as incipientes práticas arqueológicas legitimaram as ações do regime colonial, onde a empreitada arqueológica era utilizada como uma estratégia para manter o controle material e ideológico de grupos subalternizados. Assim, o conhecimento arqueológico serviu para documentar as tradições e movimentos que davam corpo ao estado-nação, onde, em muitos casos, grupos sociais passaram a ser sujeitos de estudos, produtores de informações para serem analisados a partir da visão científica. Porém, as comunidades ditas tradicionais possuíam seus próprios modelos de produção de conhecimento, mas que não

podiam se aliar à ciência, criando um filtro para o estudo autorizado e o oficial, rotulado como científico (Thomás, 2004).

Nesse trânsito, a arqueologia se desenvolveu de forma objetiva e racional, pautada na verdade estabelecida pela ciência, trazendo uma história de progresso da civilização sobre povos “primitivos”. Dessa forma, o discurso arqueológico constituiu um campo de verdade absoluta sobre o passado, ao impor conhecimentos e práticas particulares sobre grupos colonizados. No entanto, movimentos intelectuais adentraram essa realidade para pensar os processos de produção de conhecimento dentro da ciência, inclusive da arqueologia (Moro-Abadia, 2006). Ainda de acordo com Moro-Abadia (2006), o desenvolvimento da arqueologia até 1980 foi expresso como uma forma de discurso colonial, exercendo poder, exploração e dominação dentro da sociedade.

Seguindo esse raciocínio, entender como a arqueologia se constituiu em cenários coloniais é estar atento para as formas que as verdades foram construídas, os significados foram silenciados e a multiplicidade foi conduzida pelo discurso colonial. Segundo Moro-Abadia (2006), o discurso colonial produz conhecimentos e informações sobre os povos colonizados, constituindo um tipo específico de poder simbólico organizado para legitimar o ponto de vista hegemônico, atendendo às demandas do sistema colonial.

No tocante ao contexto nacional, a arqueologia se desenvolveu com estudos de sociedades indígenas, por exemplo, de um passado entendido como distante, onde o discurso oficial excluiu o protagonismo de povos nativos, marginalizando as vivências dos colonizados. Desse modo, o histórico da arqueologia, no Brasil, tradicionalmente está associado ao confronto da população brasileira com passado praticamente desconhecido, onde o europeu branco explora um passado exótico e distante, incitando movimentos que teoricamente valorizavam a cultura indígena por meio de sua simplificação, como é o caso dos movimentos nativistas, do romantismo e do modernismo, culminando na institucionalização da arqueologia dentro de centros de pesquisas científicas e em espaços museológicos, por exemplo, a partir de uma perspectiva colonial (BARRETO, 1999, p. 33).

De acordo com Funari (2002, p. 132), no Brasil, a arqueologia começou como uma prática acadêmica após a Proclamação da Independência, em 1822, atrelada à continuidade do discurso sobre a dominação colonial em anuência com os projetos da Corte Imperial. Com isso, o fazer arqueológico aparece subordinando a história de povos indígenas e africanos, pois o discurso visava ressaltar a origem e raízes de povos considerados civilizados, isto é, os portugueses. Nesse contexto, teve início arqueologia pré-histórica brasileira, com perspectivas que inviabilizavam à presença africana na história nacional. As populações indígenas ganhavam

destaque, mas sempre retratadas no papel de povos subordinados, situadas em um passado remoto. Nesse período, a maior parte da arqueologia era desenvolvida dentro dos museus.

Vale destacar que, no Brasil, a arqueologia seguiu fluxo do projeto colonial, e consequentemente moderno, com o seu embasamento teórico e metodológico construído por ideias ocidentais, especialmente, a partir de pesquisas realizadas por escolas e missões estrangeiras, como por exemplo, a Missões Francesa e expedições de norte-americanas². Desse modo, parte do legado colonial da arqueologia no Brasil vem por influência de perspectivas e práticas conduzidas por intelectuais externos atuantes em contexto brasileiro, que, além de utilizar instrumentos ocidentais, conduziram debates delimitados pelo sistema colonial (Barreto, 1999). Em outras palavras, a arqueologia estabeleceu projetos para aplicar premissas teóricas e metodológicas de realidades externas em contextos brasileiros, no entanto, nossa realidade é totalmente diferente, e isso requer práticas próprias.

Nesse percurso, convém pontuar que os museus, assim como a arqueologia, também foram configurados no bojo da construção de narrativas nacionais, obedecendo normativas europeias, fortemente influenciadas pelos movimentos do colonialismo e do imperialismo. Dentro de uma perspectiva histórica, os museus estão associados ao colecionismo, aos gabinetes de curiosidades e à própria gênese institucional, que seguiam bases ocidentais, culminando na opressão e subordinação de populações de minorias. Assim, os museus se caracterizam como parte desse espectro de agenciamento e normalização, que visava a coesão social e a uniformidade da história, especialmente da América Latina (Wichers, 2010).

Nesse sentido, os museus tradicionalmente são resultados de projetos coloniais, cuja modernidade ocidental moldou seu bojo de estruturação, concentrando em seu enredo uma história de poder e soberania europeia, que redundantemente reflete nas concepções de patrimônio estabelecidas pelos discursos museológicos e arqueológicos. Diante disso, podemos perceber que os museus, enquanto espaços de construção e acesso da memória, promovem silenciamentos e marginalização de grupos sociais não europeus, configurando-se, portanto, como um produto do colonialismo (Wichers, 2011).

Em contrapartida a essa perspectiva, retomo as provocações decoloniais como forma de perceber que não existe uma única interpretação para ser formulada através do discurso arqueológico, pois entendemos que o passado tem alteridade e não está restrito à hegemonia. Em termos museológicos, dentro dessa empreitada conduzida pelo discurso hegemônico,

² Grupo de pesquisadores que realizavam incursões pela América do Sul a partir de influências francesas e norte-americanas, com o intuito desenvolver estudos com técnicas e práticas arqueológicas (Santos, 2015).

podemos situar sua atuação em narrativas históricas presente em museus como Museu Britânico, na Inglaterra, Museu do Louvre, na França, Museu do Prado, na Espanha, Hermitage, na Rússia, Museu Nacional, no Brasil, e outras instituições que foram fundados a partir de desdobramentos coloniais, com exposições sistematizadas pela negação, silenciamento e extermínio de histórias, saberes e narrativas distintas do pensamento e conhecimento europeu (Almendra, 2016).

Dessa maneira, os museus eram gerenciados com finalidades de afirmar um caráter nacional, buscando educar a população com a civilização propagada pelo ocidente e construir seu senso estético de acordo com a lógica europeia, da qual reivindicava verdade e autoridade, atrelada a uma posição que vem de fora (Schwarcz, 1993).

É importante frisar que, nesse contexto, os modos locais de fazer e transmitir a história em meandros tradicionais da arqueologia e em espaços museológicos são entendidos como tradições, ocasionalmente podem extrair alguma verdade para o discurso científico, visto que as comunidades são entendidas como grupos presos ao passado, mas que não lhes era atribuído o conhecimento da própria história. A Arqueologia, por sua vez, tomou para si a tarefa de contar essa história com iniciativas de proteger os vestígios materiais, isto é, o patrimônio dos seus guardiões tradicionais e, conseqüentemente, envolver as comunidades em uma nova relação com o passado, onde o conhecimento e a história do passado retomam a comunidade de origem, contudo, com forma e conteúdo definido pela ciência, sob a ótica moderna (Gomes, 2011).

Particularmente sobre arqueologia, no seu desenvolvimento, seguiu diversas linhas de pesquisa, alinhando-se com as ferramentas metodológicas utilizadas para captação em formulação de dados. Assim, as formas de produção e exposição de conhecimento arqueológico estão embasadas em ideias e metodologias ocidentais de caráter universal que, por vezes, não levam em consideração a realidade do contexto de estudo. Nesse sentido, a arqueologia, apoiada em projetos colonialistas e nacionais, apresenta-se como uma ferramenta de violência epistêmica, à medida que forja identidades (Gnecco, 2009; Ferreira; Funari, 2009).

De acordo com Atalay (2006), muitos modelos de interpretações e práticas não condizem com as perspectivas de comunidade e contextos estudo. Diante disso, tem-se a necessidade de descolonizar o embasamento teórico e prático da arqueologia, configurando um movimento de resposta à colonialidade presente na maneira de como a arqueologia é pensada, praticada e comunicada.

Dentro deste quadro, entendemos que o gerenciamento do patrimônio arqueológico não deve ser restrito ao conhecimento especializado, tangenciado pela ciência, mas aberto às múltiplas possibilidades de interpretação de modo integrante. Otaviano (2019) entende que

existem diferentes vozes e versões para o patrimônio e ressalta que, dentro das perspectivas tradicionais, o discurso arqueológico não abarca todas essas vozes. Nesse sentido, a arqueologia não deve se pautar em decidir o que está certo ou errado, mas seguir uma dinâmica de interpretações diversas, entendendo que cada construção segue uma visão de mundo e realidade baseada em experiências e comportamentos distintos.

Dito isso, torna-se importante apresentar mais detalhadamente como a violência epistêmica opera nos processos de produção de conhecimento, refletindo sobre seus efeitos na construção de narrativas para o patrimônio, tratando como universal os interesses de classes dominantes. Desse modo, pensar a violência epistêmica nesta pesquisa é visualizar a abertura de novos olhares para o Museu do Homem Americano, a partir de narrativas arqueológicas construídas por arqueólogas e arqueólogos do contexto Serra da Capivara. Nesse percurso, fundamenta-se uma busca por abrir o discurso científico consolidado para o Museu do Homem Americano, permitindo que a narrativa que mostra antiguidades e povoamentos do continente Americano configurada por meio de dados arqueológicos seja problematizada.

Essa postura vai ao encontro às percepções de Otaviano (2019), ao falar que os materiais arqueológicos não precisam somente ter significados científicos, construídos dentro da lógica ocidental, existem também outros significados que podem ser condicionados e acionados para os materiais arqueológicos, estes seguindo inclusive amparos científicos, que considerem, por exemplo, o afeto, a memória e as experiências, dependendo das circunstâncias.

3.2 REPERCUSSÕES DE VIOLÊNCIAS EPISTÊMICAS

De acordo com Gnecco (2009), a violência epistêmica permitiu o estabelecimento de um único olhar para o mundo, consagrado pelos sistemas coloniais e modernos. Dessa forma, essa violência não somente apaga outros sistemas de produção de conhecimento e olhares oriundos de mundo dos colonizados, mas também distorce, confunde e agrupa, pois, sua atuação impõe soberania e autonomia. Nesse caso, são estabelecidas dinâmicas de poder a partir da violência epistêmica, pois visões de mundo distintas das introduções e dispositivos oficiais são consideradas como atrasadas e subdesenvolvidas.

Dentro desse sistema, representação de mundo, conforme mencionadas, são impostas para as práticas arqueológicas e museológicas por meio dos discursos autorizados sobre o patrimônio, por exemplo, seguindo princípios do olhar puramente científico, priorizando somente aspectos como forma, técnica e cronologia. Assim, discurso autorizado sobre o patrimônio marca não apenas performances que representam o discurso nacional, mas que

configuram também silenciamentos de narrativas que existem e/ou são construídas para o patrimônio, devido aos efeitos do projeto da colonialidade e da modernidade. Dessa maneira, o discurso autorizado compõe um conjunto de práticas construídos em uma perspectiva histórica, defendendo uma única versão para patrimônio, chancelada pelo Estado e por especialistas, que legitima e autentica a moral formulada pela modernidade (Smith; Waterton, 2009).

Desse modo, manter e produzir o discurso autorizado é selecionar aspectos normativos da cultura branca, e/ou da história oficial para serem lembrados e reproduzidos, nesse contexto, o patrimônio, por sua vez, acaba por exercer a colonialidade, por meio da memória (Nora, 1993). Isso resultou, por exemplo, em uma apropriação da história de grupos indígenas construída pela história nacional que, por sua vez, foi escrita e controlada por elites que desprezavam os saberes e as vivências indígenas (Gnecco, 2009).

Em resumo, dentro dos parâmetros que norteiam o patrimônio, aquilo que não é escolhido ou elegido para ser lembrado, geralmente é ocultado oficialmente, consequentemente resulta em genocídios de populações originárias, negras e nativas. Assim, tudo que informa sobre a existência dessas populações ao longo do tempo e sobre seus entendimentos de mundo podem permanecer invisível frente a um cenário que institui como norma grandes narrativas eurocêntricas. De fato, essa realidade pode ser verificada também no universo dos museus, com a ênfase conferida à visão científica e especializada como única forma de conexão com os acervos.

Isto quer dizer que, dentro dos discursos e das pesquisas intelectuais, não é levado em consideração nenhum tipo de ruptura epistemológica. Como consequência, uma série de conceitos binários estão presente em análises classificatórias e interpretativas de cunho científico, como, tradição e modernidade, passado e presente, mito e ciência, selvagem e civilizado, dentre outros, onde a modernidade assume um papel de superior (Gnecco, 2009).

Nessa perspectiva, em contextos Latino-Americano, a postura da violência epistêmica é a construção de uma série de discursos reguladores que vão contra posicionamentos epistemológicos alternativos, isto é, não toleram subjetividades que denunciem movimentos de dominação. Como consequência, são geradas situações de opressão, cuja construção se configura em meio a raízes da expansão europeia em conjunturas coloniais. Nesse cenário, epistemes distintas são negadas, assim como argumentos de caráter subjetivos, afetivos e simétricos, que poderiam ser utilizados para evidênciação de visões divergentes, que resistem para além do domínio colonial (Mageste; Amaral, 2022, p. 3).

Tal reconhecimento fomentou iniciativas arqueológicas que buscam denunciar violência epistêmicas, tentando combinar conhecimentos e princípios que operam a gestão do patrimônio,

considerando a diferença de pontos de vista que são agregados aos bens patrimoniais, dentro das complexas inter-relações culturais, políticas e sociais, que regem a ligação entre arqueologia, patrimônio e sociedade, em contextos museológicos. Nesse trânsito, são propostas novas perspectivas para lidar, por exemplo, com a desobediência epistêmica e as perspectivas decoloniais e afetivas. A princípio, são propostas que criticam essa realidade, através de embates com a colonialidade e a modernidade, apresentando subsídios para combater autoritarismos.

Frente a esse cenário, construir um discurso múltiplo para o patrimônio, a partir da visão arqueológica, e incluir nessa dinâmica as vozes que são silenciadas ao longo do tempo pelo sistema colonial, torna-se, a meu ver, um dever político e social da arqueologia, que rechaça a violência epistêmica. Devo explicitar que isso não significa findar ou desmerecer a produção dita científica, mas reconhecer a sua parcialidade, explicitando as rupturas para as formas de produção de conhecimentos hegemônicos, ao trazer à tona novas maneiras de articular memória, tempo e materialidade, atenta para seus efeitos sociais e potencialidades de emancipação (Haraway, 2009).

3.3 DECOLONIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA: UMA ABERTURA PARA OUTROS DISCURSOS, HISTÓRIAS E NARRATIVAS

Como vimos, a discussão entre arqueologia e colonialismo tem sido bastante problematizada nas últimas décadas, visto que a prática arqueológica foi, e ainda é utilizada como dispositivo intelectual e científico de legitimação do domínio colonial. Dentro dessa perspectiva, Leibmann (2008, p. 8) chama atenção para a maneira que os discursos arqueológicos são formulados, especialmente sobre o passado, e também, a meu ver, na consolidação de acervos museológicos e narrativas construídas para as exposições, onde devemos nos atentar para as representações colonialistas presentes. Dessa maneira, as representações do passado, conduzidas por estudos arqueológicos e expostas nos museus, principalmente no que diz respeito a povos colonizados, têm um efeito maior nas relações de poder contemporâneos, comprometendo e afetando a sociedade de diversas maneiras, inclusive de forma negativa.

Dentro desse debate, inserimos o Museu do Homem Americano, especialmente a narrativa oficial construída para seu acervo e os povos que habitavam a região, considerando o recorte temporal imposto aos bens musealizados a partir da exposição. Na oportunidade, entendemos que existem outras histórias que contemplam o museu e sua exposição, que são narrativas da atualidade, isto é, a história de pessoas que viveram e vivem na região e que, de

alguma maneira, foram impactados por esses movimentos. São histórias que não estão incluídas no discurso arqueológico oficial, mas que demolem a pré-história da humanidade como uma única narrativa possível.

Contextualizando as perspectivas atentas para a pluralidade do discurso arqueológico e seus efeitos na produção de desigualdades, em termos históricos, entre a década de 1960 e 1970, a América Latina atravessou um contexto econômico, político e social de grandes repressões, com ditaduras militares na Argentina, Brasil, Chile, Paraguai, Peru e Uruguai. Em contrapartida, movimentos intelectuais e sociais avançaram com propostas teóricas e metodológicas para o arcabouço da arqueologia latino-americana, com influência da epistemologia marxista. Em emergência do crescimento da arqueologia latino-americana, no início da década de 1970, foram constituídos bases para rompimento das contradições entre as ideias progressistas e as práticas neocolonialista nas ciências arqueológicas, debatendo a ética arqueológica e suas funções sociais e políticas, com olhares atentos para as desigualdades, para pensar as ciências dentro de seus próprios contextos de pesquisa (Oliveira, 2022).

Sendo assim, dentro da arqueologia, uma preocupação evidenciada com a persistência de discursos imperialistas e colonialistas emerge do Norte Global (Funari; Carvalho, 2007). Desse modo, debater a descolonização da arqueologia, remete-nos envolver ao marco pós-processual e insatisfações de como arqueologia estava sendo operada, sobretudo, as posições arqueológicas que foram descortinadas a partir de suas influências (Robrahn-Gonzales, 2000).

A princípio, a arqueologia pós-processualista alertava sobre os cuidados e responsabilidades arqueológicas para o conteúdo das mensagens produzidas sobre o passado, apontando propostas para a necessidade de pensar fatores cognitivos, de maneira interpretativa e contextual (Robrahn-González, 2006, p. 65). Contudo, é importante destacar que o pós-processualismo desenvolveu abordagens que, por um lado, buscavam um fazer cognitivo e simbólico, por outro, seguia perspectivas críticas e marxistas, atentas para o quadro de domínio social, poder e gênero presente na arqueologia, preocupando-se principalmente, com o contexto no qual estava sendo produzida, com os grupos sociais e lugares que estavam sendo estudados pela arqueologia (Lanata, 2004).

É importante destacar que o movimento pós-processualista, apesar de ser uma provocação relevante para transformação do pensamento arqueológico, surge dentro de um contexto e de uma discussão que pode ser entendido como multicultural (Gnecco, 2009). Propagado em contextos de colonização, sendo aplicado em realidades colonizadas, mantendo, assim, a visão do outro, em um lugar no qual as coisas são diferentes das que acontecem na Europa, porém pensado ainda a partir de preceitos configurados no Ocidente.

Um fato emblemático para arqueologia dentro do debate sobre o seu papel social e os olhares para as desigualdades, foi a criação do World Archaeological Congress, em 1986, com intuito de discutir as dimensões sociais da arqueologia (Funari, 2004, 2005). Esse congresso reuniu arqueólogas, arqueólogos e grupos indígenas, determinando critérios para admissão de seus membros, impedindo a participação de arqueólogos ligados a movimentos de discriminação racial de estado (Funari, 1998). Em termos de proporções mundiais, esse congresso representou uma postura para a comunidade arqueológica, assim como para a epistemologia e ética da práxis arqueológica (Funari, 1998, p. 1). De acordo com Souza (2011), esse movimento buscou aproximar as práticas e os conhecimentos arqueológicos das populações da atualidade que, a meu ver, denunciava a vitrine construída pela colonialidade em contextos do Norte Global.

Dessa maneira, as denúncias ao multiculturalismo, organizadas em torno de propostas mais radicais de ataque às colonialidades, podem ser observadas na produção de intelectuais indígenas e latino-americanos. Denunciam que as práticas arqueológicas são frequentemente realizadas por pessoas que não pertencem aos grupos sociais estudados, sendo assim, construídas a partir de uma visão baseada na universalidade, através dos campos de escrita e interpretação (Atalay, 2006). É importante destacar que, mesmo nos casos onde o pesquisador está inserido e pertence ao local e/ou ao grupo de pesquisa, ainda existe uma visão moldada pela noção ocidental, principalmente, o caráter científico imposto pela academia, que rege as formas de postura intelectual e científica no Mundo.

Nesse sentido, o processo de descolonização da arqueologia implica tanto na identificação das relações de poder constituídas pelo pensamento arqueológico que, por sua vez, torna-se essencialmente colonial, quanto no abandono de teorias e práticas de extração e acumulação de dados e informações, que continuam servindo para sancionar desigualdade sociais. Para Haber (2016), descolonizar pensamento arqueológico não se trata do início de uma nova corrente de teoria e prática acadêmica e científica, mas de desdobramentos que buscam abandonar o ponto de vista hegemônico do fazer arqueológico.

Desse modo, não se trata de uma revisão de literatura arqueológica, especialmente para os contextos da América do Sul que, por sua vez, permaneceu sob domínio colonial em termos acadêmicos, econômicos e científicos. Mas em vez disso, abarcar nos processos de produção de conhecimento experiências intelectuais e sociais sul-americanas a partir de seus contextos, isto é, seguir uma perspectiva decolonial (Haber, 2016).

Então, inspirada por Mignolo (2008, p. 290), entendo que a opção decolonial para a arqueologia pretende desvincular-se dos preceitos ocidentais, pois busca aprender e

desaprender, mesmo que já tenhamos sido moldados pela razão imperial/colonial. Ao transitarmos alinhados com a perspectiva decolonial, abrimos debates para discussões que envolvem o ser e o saber local, contribuindo, assim, para os movimentos que se articulam para a descolonização da arqueologia.

Contudo, é importante destacar que a descolonização da arqueologia na América do Sul está sendo pensada a partir de três dimensões: a primeira segue uma abordagem crítica, demonstrando como a arqueologia contribuiu para a colonialidade. A segunda aborda uma crítica em relação aos movimentos nos quais a colonialidade informa sobre a arqueologia. Já a terceira, por sua vez, apresenta uma análise destinada à postura arqueológica para o conhecimento, que ao longo do tempo foi subalternizado, dimensão na qual este trabalho se insere. De maneira geral, entender esses caminhos nos leva a pensar a América do Sul como um lugar de emancipação de suas próprias teorias, com orientações particulares, alinhadas com seus próprios interesses (Haber, 2016).

Frente a esse cenário, dentro do processo de descolonização da arqueologia nós, enquanto arqueólogos, devemos deixar de considerar os grupos sociais como sujeitos a partir dos quais são extraídos dados para produção de conhecimento científico, devemos nos empenharmos em reconhecer o papel que historicamente nos apropriamos para construir desigualdades (Atalay, 2010). Nesse trânsito, devemos nos atentar para os epistemicídio produzidos nos quadros de práticas arqueológicas e patrimoniais. Algumas alternativas promissoras são apontadas por autores como Gabby Hartemann (2019) e Géssika Macêdo (2021), que desenvolvem arqueologias pautadas em narrativas de ancestralidade, memórias e oralidade, para construir relações mais inclusivas, menos violentas e atentas para as alteridades inviabilizadas pelo sistema colonial binário.

Dessa maneira, incluir as subjetividades no arcabouço arqueológico é um caminho aberto para o processo de descolonização, à medida que seus interesses avançam para o entendimento da diversidade de experiências presentes no mundo, especialmente de povos subalternizados historicamente, esses que são agentes de conhecimentos ativos, condicionados pelas suas próprias experiências. Seguindo esse viés, Hartemann (2022) destaca que, nesse caminho, a arqueologia abre possibilidade para um melhor entendimento social, assim como, consciência crítica do contexto político no qual a pesquisa está inserida, e dentro desse estudo, no Museu do Homem Americano.

Nesse sentido, a arqueologia pode apresentar-se comprometida com a superação da violência epistêmica, em uma busca por novos caminhos. Assim, existem chances do fazer arqueológico abrir-se para refletir sobre as formas de produção de conhecimento, por exemplo,

por meio do pensamento decolonial, a partir da desobediência epistêmica. Para Neves (2015), a arqueologia precisa parar de buscar referências teóricas e metodológicas externas, e começar a seguir o que é produzido em contexto, por exemplo, local, criando modelos apropriados para estudar a realidade aqui encontrada, a partir de experiências aqui vivenciadas que, em meu entendimento, pode ser operacionalizada pela desobediência epistêmica. Com isso, arqueologia está atenta inclusive para refletir como que conhecimento é produzido e comunicado dentro de espaços museológicos, assim, torna-se interessante perceber como arqueólogos do contexto Serra da Capivara lidam e entendem o Museu do Homem Americano, considerando o processo de chegada e institucionalização da arqueologia na região.

3.4 DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA A PARTIR DE PREMISSAS DECOLONIAIS E AFETIVAS

Diante desse cenário, moldado por reflexões propostas pelas perspectivas decoloniais, o conceito de desobediência epistêmica ganha relevância ao mostrar oposição ao paradigma central moderno de múltiplas desigualdades, esboçando contraposição à colonialidade e à modernidade. Diante disso, baseio-me nas contribuições de Walter D. Mignolo. Dessa forma, ao adotar o conceito de desobediência epistêmica, Mignolo (2008) nos convida a desconfiar das incertezas epistemológicas que são construídas ao longo do tempo, chamando atenção para os processos forjados em acordo com uma determinada estética de pensamento moderno. Seguindo essas ponderações, o autor ressalta a necessidade de novas posturas teóricas e práticas capazes de superar muitos problemas de epistemicídios vivenciados por intelectuais subalternizados no sistema-mundo, especialmente no contexto latino-americano (Mácedo, 2022).

Nessa conjectura, na concepção de Mignolo (2008, p. 299), a sociedade ainda está pautada na reprodução de movimentos conduzidos no Ocidente, então o autor busca, através do pensamento decolonial saídas para uma sociedade igualitária, construindo um “ideal de intelectual” com lógicas que operem de modo plural. Altieri Dias de Freitas e Jorge Ventura de Moraes (2019) apontam que a princípio trata-se de uma proposta que pode ser considerada bastante válida em processos de resistência à lógica hierarquizante conduzida pela colonialidade, especialmente as vivências em estudos acadêmicos e movimentos sociais.

É importante destacar que desobedecer às epistemologias dominantes não significa necessariamente rejeitar tudo o que já foi produzido pela comunidade intelectual fundamentada no eurocentrismo ou mesmo a produção desenvolvida a partir de teorias, métodos e

experiências. A desobediência dentro desse movimento pode ser percebida e adotada no tensionamento das formas de produzir e recepcionar conhecimentos, considerando a mistura entre subjetividade, objetividade, afetividade e pesquisa, que são evidenciadas em categorias como “lugar de fala”, “dualidade estrutural da história” e outras, conforme destaca Mâcedo (2022, p. 47), embasada nas perspectivas de Mignolo (2008).

Para Mignolo (2008), a desobediência epistêmica alinhada ao pensamento decolonial, propõe um mundo diverso, onde outros mundos podem coexistir, sem uma lógica de caráter hierarquizante. Diante disso, ressalta a perspectiva de que existe uma lógica discursiva racista e hierarquizada que manipula o conhecimento intelectual na contemporaneidade. Em contraposição a isso, Freitas e Moraes (2019) acrescentam a necessidade da formulação de outros meios para mediar a produção de conhecimento de origem e influência eurocêntrica.

Assim sendo, é fundamental a existência de um viés pluriversal (Mignolo, 2008, p. 300), assumindo um pensamento que implique, sobretudo, em adotar outro fazer epistemológico. Esse pensamento está alicerçado também por Grada Kilomba (2021), que propõe movimentos para descolonização do conhecimento, chamando atenção para a necessidade de uma linguagem nova e, conseqüentemente, contribuir para ações que visam a ofertar equidade na condição humana dentro de diferentes aspectos de gêneros, memória, raça e outros.

3.4.1 *Desobediência epistêmica e museus*

Dentro das investidas da desobediência epistêmica, frente aos processos de produção de conhecimento em espaços museológicos, situo também o campo da Museologia. Embora ainda em construção, seu arcabouço teórico e metodológico tem buscado, dentro do pensamento decolonial, maneiras de lidar com a violência epistêmica. Esses investimentos são percebidos através da atuação da Nova Museologia e da Museologia Social, que despontam com o intuito de atender demandas de processos museais em relação ao seu envolvimento com a sociedade.

Devo mencionar que a Nova Museologia e a Museologia Social não podem significar termos sinônimos, por mais que estas tenham sido formalizadas pela mesma matriz ideológica e tenham objetivos similares. A Nova Museologia se constitui como um movimento pautado no aprofundamento da relação da dialética e epistemologia da sociedade nos museus e dos museus em sociedade. Sua trajetória é proveniente de reflexões propostas na Mesa Redonda de Santiago de Chile, na década de 1970, assim como de experiências compartilhadas pelos pressupostos do ecomuseu e da ecomuseologia (Tolentino, 2016). De modo geral, a Nova Museologia cria condições para a constituição da Museologia Social, que vem com o desejo de

subverter a lógica da colonialidade do poder, do saber e do ser no âmbito dos processos museais (Chacas; Gouveia, 2014).

A Museologia Social, por sua vez, atenta-se para a necessidade de uma sociedade que não se adequa aos formatos do sistema colonial, buscando empreender novas alternativas para pensar os museus, apropriando-se de práticas transgressoras e indisciplinadas para rompimento da museologia engessada em museus clássicos, de representações e ideologias tradicionais (Tolentino, 2016). Assim, a museologia social, em acordo com premissas decoloniais, apresenta-se como um importante instrumento para empoderamento dos espaços e dos grupos sociais que historicamente têm suas narrativas e memórias silenciadas pela museologia clássica.

Desse modo, a nova museologia e museologia social ganham fôlego, neste trabalho, por dialogar com o pensamento decolonial. São incursões que demonstram que, assim como a arqueologia, a museologia tem concentrado esforços para romper com a lógica colonial. Essas iniciativas explicitam princípios que buscam abrir os espaços museológicos para o acolhimento de grupos sociais e memórias que não são apresentadas em museus, ou que têm suas histórias subalternizadas, com o intuito de democratizar e ressignificar esses ambientes, ampliando, através da desobediência epistêmica o entendimento de museu para além de um lugar de guarda de coleções.

Nesse sentido, adotar o pensamento decolonial, nas interfaces entre arqueologia e museologia, implica em se posicionar contra a violência epistêmica, trazendo transformações para a superação de suas próprias condições de colonialidade estruturadas internamente. Assim, a descolonização da arqueologia consiste em considerar ontologias subalternas não apenas ao pesquisar sobre histórias, experiências e culturas, mas como um aporte teórico capaz de produzir conhecimento e, conseqüentemente, expandir o potencial interpretativo da arqueologia, permitindo a desobediência epistêmica em museus e na concepção e apropriação do patrimônio.

Dessa forma, entendo que ao seguir a perspectiva decolonial nesta pesquisa, especialmente para refletir sobre a exposição e da narrativa do Museu do Homem Americano, não queremos necessariamente retornar ao seu contexto de idealização e criação, mas aos processos de sua consolidação no território Serra da Capivara, a partir da visão de arqueólogos pertencentes a esse contexto. Dentro dessa proposta, estamos buscando realocar e fortalecer conhecimentos e experiências que são firmadas para do Museu do Homem Americano, em consonância com as aberturas formalizadas pela institucionalização da arqueologia na região, principalmente aquelas que incluem o afeto e a experiência em suas práticas.

3.4.2 Afeto e Arqueologia

Dentro dessa discussão, é importante mencionar que, somente em meados da década de 1990, ganharam contornos mais evidentes nas Ciências Sociais e Humanas, os debates sobre os afetos que permeiam os processos de produção de conhecimento em âmbitos científicos. Essas contestações configuraram movimentos que podemos chamar de “virada afetiva”, cujo escopo segue fluxos convencionados pelas “viradas ontológicas”, permitindo a inserção de olhares e reflexões de diferentes epistemologias e conhecimentos pautados em redes afetivas (Mageste; Amaral, 2022, p. 3).

Pellini (2018), em suas perspectivas, argumenta sobre a lógica de afetar e ser afetado nas pesquisas, alertando que os aspectos afetivos não podem ser compreendidos apenas como fenômenos presente em dinâmicas irracionais. Os afetos são guiados por sentidos e emoções purificadas de qualquer tipo de julgamento ou intenção, que se manifestam de forma relacional. Dessa maneira, o afeto envolve as capacidades corporais de pessoas de afetar e ser afetado, transitando nos modos que o corpo conecta com a diversidade de elementos que compõem sua existência, isto é, memórias, histórias e vivências (Mageste; Amaral, 2022). Nesse viés, entendemos que os afetos estão tensionados por imagens dialéticas, que permeiam no tempo e no espaço, permitindo que alteridade ganhe dimensão e corpo.

Frente esse debate, Mageste e Amaral (2022, p.3) compreendem que aspectos afetivos foram desconsiderados na fundamentação de uma arqueologia moderna, essa que, por sua vez, prioriza uma realidade material objetiva, compartimentada, sendo purificada de desejos e caprichos humanos, negando alteridades e subjetividade de agências que permeia o campo arqueológico. Contudo, os autores informam que o afeto está presente nas pesquisas arqueológicas e moldam seu perfil, conduzido novas maneiras de entender e fazer arqueologia a partir de distintas perspectivas afetivas e que, a meu ver, consolidam-se também a partir de envolvimento com os museus e, consequentemente, em concepções patrimoniais.

A meu ver, tal movimento ganha dimensão a partir de discussões levantadas por ideias decoloniais. Consequentemente, permite explicitar na arqueologia desdobramentos apoiados na ciência e no afeto, dos quais configuram as arqueologias afetivas, com vértices em diferentes sistemas de conhecimento e temporalidades, abarcando afetos, memórias, materiais, experiências e saberes (Mageste; Amaral, 2022).

Desse modo, o reconhecimento das concepções autoritárias da arqueologia, convida-nos a incorporar a interculturalidade em seu planejamento, buscando articular diversos saberes nas perspectivas arqueológicas sob emaranhados afetivos, dos quais possibilitam a construção de

conhecimento pautado em trajetórias de vidas, seguindo uma linha do tempo marcada por acontecimentos e relações afetivas. Assim, o viés afetivo desvela proposições e ressignificação tanto para o patrimônio arqueológico, quanto para própria postura arqueológica, podendo contribuir para o fortalecimento de práticas que explicitam a diversidade de significados que constituem o patrimônio arqueológico e seus engajamentos sociais e culturais (MAGESTE, *et al.* 2020).

3.4.3 *Patrimônio e memória*

O patrimônio dentro dessa discussão pode ser entendido como uma categoria de pensamento, a partir da perspectiva defendida por José Reginaldo Gonçalves (2003), considerando que o patrimônio pode assumir significados construídos por representações sociais e mentais. Para o autor, dessa maneira, é possível encontrar ressonância em contextos e culturas na concepção de patrimônio, em oposição ou para além das noções ocidentais. Tudo isso permite que grupos sociais estabeleçam com o patrimônio memórias conduzidas pelas suas relações e práticas, sem fronteiras classificatórias, rompendo com as noções de patrimônio defendidas como um bem nacional, como um bem do Estado (Gonçalves, 2009). Essa ideia vai de encontro às perspectivas afetivas e decoloniais da arqueologia, que nessa pesquisa busca entender como o Museu do Homem Americano é operacionalizado enquanto patrimônio.

Partindo dessa premissa, compreendemos, portanto, que abarcar a afetividade no campo arqueológico, em conjunto com os preceitos decoloniais, é um caminho que pode ser entendido como desobediência epistêmica no trabalho com a memória e com o patrimônio. Nesse combo, percebemos a importância de explicitar a relevância do conceito de memória, na medida em que permite pavimentar caminhos para acessar conhecimentos múltiplos, construídos em ressonância com vivências e experiências.

Nessa conjuntura, por se tratar de um campo vasto e interdisciplinar, atribuir um conceito para memória é uma tarefa considerada difícil, especialmente para suas negociações dentro da arqueologia e do entendimento de patrimônio. Em termos contextuais, é importante reconhecer que a memória, quando incorporada ao quadro científico, ao longo do século XIX, foi por muitas vezes utilizada como instrumento de legitimação de ideias nacionais e modernistas (Peralta, 2007). No meio arqueológico, para Dyke (2019), a memória foi fortemente propulsora da consolidação da autoridade política e da construção de narrativas nacionalistas e/ou universais a partir da materialidade, expressa também em ambientes museológicos.

Nesse viés, ao seguir as propostas decoloniais e os aparatos da afetividade, adotarei o conceito de memória como uma construção no presente, consolidada a partir de lembranças, baseadas em indicadores culturais relativos às experiências elaboradas por indivíduos e grupos sociais com seus semelhantes, isto é, contexto, realidade, vivência, em suas formas de existência, sociabilidade e representação (Bruno, 2015). Nesse sentido, a memória tem cumplicidade com afeto, à medida que pode ser percebida como dispositivo de produção de conhecimento, interessando os pesquisadores comprometidos com os campos museológicos e patrimoniais. Particularmente no universo dos museus, as experiências e conexões que marcam o envolvimento de indivíduos com acervos, narrativas e instituições, podem ser instrumentalizadas por meio de estudos de público.

3.4.4 *Estudos de públicos em museus*

A princípio, os estudos de público em ambientes museológicos se configuram como trabalhos que visam identificar quem são as pessoas que vão ao museu, com o intuito de compreender as características e expectativas do público quando visita esses espaços. A partir disso, esses estudos buscam conhecer quais os ganhos afetivos e cognitivos resultantes dessa experiência, assim como entender a avaliação que o visitante faz e constrói para a instituição museal e seus acervos museológicos. Além disso, os estudos de público em museus buscam elucidar as formas de comunicação a partir dos efeitos e dos impactos da exposição museológica dos objetos sobre os visitantes, evidenciando as apropriações e as percepções construídas por meio dos acervos por parte do público (Almeida, 1995).

Então, vale ressaltar que esses estudos ajudam na compreensão da conexão do público com os espaços museais e os objetos que compõe seus acervos, possibilitando o entendimento das motivações e motivos de estar presente em um espaço museológico, visto que é, a partir das narrativas conduzidas pelo museu, que outras narrativas são construídas pelos indivíduos, desse modo, os estudos de públicos se tornam interessante à medida que permite acessar outros saberes que são elaborados para os acervos museológicos, por meio de impressões sociais. É importante frisar que os estudos de público não têm o intuito de entender como o público reproduz uma história contada, mas compreender quais os desdobramentos que podem estar associados às práticas realizadas nos espaços museológicos.

Segundo Dabul (2008), em uma exposição museológica, um fator de importância para o acervo, em todos os casos diz respeito à forma com a qual o público alimenta suas narrativas, para que suas experiências, histórias comuns e assuntos sejam acionados e repassados em

inúmeras outras situações, nas quais o público envolvido produza suas interações. Nesse sentido, as narrativas consolidadas pelo público, seja ele especializado, ou não especializado, são mediações importantes que permitem caracterizar e entender os museus, produzindo o que Gonçalves (2007) chama de processo patrimonialização, que é quando grupos e indivíduos constroem narrativas onde os bens patrimoniais passam a compor uma representação, conduzidos por alguma memória ou identidade, que podem ser percebidos sistematicamente a partir dos estudos de públicos.

No entanto, é importante destacar ainda que os estudos de público permitem visualizar práticas e impressões que não condizem com a narrativas condicionadas pelos museus. Contudo, isto não deve ser visto como narrativas dispersivas ou impressões negativas, pelo contrário, é interesse desse tipo de estudo descortinar justamente as vivências do público, estas que, por vezes, podem extrapolar o espaço da exposição, mas que, de certa forma, não destroem suas intenções iniciais, mas dão sentido a elas. Para além disso, a experiência e impressão do público serão compostas não só pelo que a peça oferece, mas pelo que o indivíduo agrega àquele ambiente, através do seu campo de subjetividades, que vem inclusive de outras vivências, sejam elas individuais ou coletivas.

Nesse sentido, os estudos de públicos vão auxiliar na percepção dessa interação entre museu e público, por meio de rotas que aproximam as coleções museológicas do Museu do Homem Americano e as arqueólogas e arqueólogos do território Serra da Capivara, refletindo nas formas de apropriação e apreciação das coleções museológicas enquanto patrimônio, através das narrativas contrastadas entre acervo e memórias. Além disso, o entendimento dos estudos de público pode possibilitar meios de compreender como essas arqueólogas e arqueólogos operam esse acervo a partir de vivências e experiências construídas a partir de relações de um contexto nativo que, por sua vez, são operacionalizados por meio da desobediência epistêmica.

Desse modo, retomamos a relevância do conceito de desobediência epistêmica para esta pesquisa de dissertação, fundamentando novas maneiras de estabelecer pontes entre as dimensões da arqueologia e museologia, refletir sobre as experiências de um público específico frente ao Museu do Homem Americano. Na conjuntura, praticar a desobediência epistêmica não significa anexar outras histórias da narrativa especializada, conduzida pelo interesse de conhecimento científico universal, mas, antes de qualquer coisa, rearticulá-las como construtoras da narrativa local, que viabiliza a construção de história científica, com respaldos afetivos, críticos, plurais e sociais. Diante disso, existe a necessidade de pensar para além do modelo de história universal construído para a exposição do Museu do Homem Americano.

Dentro desse viés, entendemos que as narrativas empregadas no Museu do Homem Americano, sob a perspectiva do olhar arqueológico construído no contexto Serra da Capivara, ao mesmo tempo que traz novos olhares para sua exposição, problematizam sua narrativa oficial, a partir de mecanismos que são acionados pela construção da arqueologia na região. No encontro dessas narrativas, discussões pautadas pela arqueologia e pela museologia a partir de perspectivas decoloniais ganham dimensões, configurando um movimento de musealização decolonial, pois nos leva de fato à catalização de narrativas e saberes construídos dentro de um cenário que estes conhecimentos estão localizados, e se relacionam com trajetórias, vivências e experiências que podem ser captadas por meio da arqueologia etnográfica e os instrumentos metodológicos seguidos nesta pesquisa.

4 ENTRELAÇANDO TEORIAS E MÉTODOS ARQUEOLÓGICOS: ABORDAGENS CONDUZIDAS PELA ARQUEOLOGIA ETNOGRÁFICA E OS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, abordarei os caminhos percorridos para realização desta pesquisa, destacando os aportes, métodos e práticas adotadas durante todo processo de construção e consolidação do trabalho. Para isso, os instrumentos metodológicos seguidos serão conceituados, mostrando como implementei cada um para catalisação das apropriações e percepções de arqueólogas e arqueólogos do contexto Serra da Capivara sobre o Museu do Homem Americano e, assim, entender como ocorre a relação desses pesquisadores com o acervo e discurso museológico dessa instituição.

Na conjuntura, é importante pontuar que as ferramentas metodológicas estão enquadradas dentro de iniciativas conduzidas pela arqueologia etnográfica, com intuito de concretizar os objetivos desse estudo e considerar movimentos e momentos que ocorreram antes e durante a construção desta pesquisa. Nesse sentido, em acordo com as iniciativas conduzidas pela arqueologia etnográfica, foi possível investigar as diferentes maneiras de ligação e conexão entre os pesquisadores envolvidos e o Museu do Homem Americano, assim como compreender suas narrativas expressas para o acervo e espaços do museu. Desse modo, na interface entre arqueologia etnográfica e demais ferramentas metodológicas utilizadas nesta pesquisa, especialmente as entrevistas semiestruturadas, foi possível visualizar outros conhecimentos disponíveis para o Museu do Homem Americano, dentro de perspectivas decoloniais e afetivas.

4.1 ARQUEOLOGIA ETNOGRÁFICA: CONCEITOS, ABORDAGENS E APLICAÇÕES

A arqueologia etnográfica vem sendo bastante utilizada em trabalhos arqueológicos e abordada por muitos autores da arqueologia, como por exemplo Rocha (2017) e Macêdo (2019), destacando-se por apresentar métodos e práticas que permitem a compreensão de conceitos formulados no presente, suas relações estabelecidas entre os grupos sociais e o patrimônio. Desse modo, possibilita o acesso a conhecimentos que, muitas vezes, estão guardados em compartimentos não acessíveis por vieses tradicionais da arqueologia. Dessa maneira, a arqueologia etnográfica é uma perspectiva chave para oportunizar esses saberes no meio científico.

Para fins de contextualização, a arqueologia etnográfica pode ser entendida como um subcampo da arqueologia, que possibilita a produção de conhecimentos em estudos de patrimônio arqueológico, compreendendo a relação das pessoas com o patrimônio a partir de saberes e experiências locais (Rocha, 2017). Desse modo, realizar uma pesquisa dentro de perspectivas conduzidas pela arqueologia etnográfica é se engajar em um trabalho de caráter colaborativo, à medida que suas bases permitem o envolvimento do pesquisador com a sociedade, isto é, as pessoas que estão envolvidas na pesquisa a partir do contexto arqueológico.

A princípio, a arqueologia etnográfica emerge em um contexto de discussões conduzidas por Castañeda e Mathews (2008). Contudo, é importante enfatizar que seus pressupostos e bagagem teórica atravessam perspectivas pautadas na interface entre a arqueologia e a etnografia, através etnoarqueologia (Ruibal, 2019) e da etnografia arqueológica (Hamilakis, 2011). Entretanto, não é nosso objetivo adentrar essas questões, porém, necessário mencionar essas aproximações e envolvimento em termos de orientações teóricas e metodológicas. Na concepção de Castañeda (2008), essas nomeações aparecem nos campos de pesquisa de maneira confusa, pois são nomeações distintas que buscam rotular práticas articuladas pela arqueologia e etnografia.

Frente a esse cenário, o autor distingue a etnoarqueologia como uma possibilidade de realizar analogias arqueológicas entre o passado e o presente, onde seus objetivos geram conhecimento sobre o passado e compreende que a arqueologia etnográfica está centrada em sentido contemporâneos adquiridos e configurados para os vestígios arqueológicos. Nessa empreitada da relação entre arqueologia e etnografia, adentrando especificamente nas abordagens da arqueologia etnográfica, essa vertente ganha contornos mais expressivos com lançamento do livro, *Ethnographic Archaeologies: Reflections on Stakeholders and archaeological practices*, organizado pelos autores como Castañeda e Matheus, com estudos envolvendo perspectivas etnográficas.

Desse modo, seguir o caminho proporcionado pela arqueologia etnográfica é adotar uma arqueologia mais aberta e inclusiva, no sentido de compreender o patrimônio dentro de vieses arqueológicos que consideram a memória e a experiência pública em suas reconfigurações patrimoniais. Em nosso entendimento, essa abordagem vai de encontro às premissas apontadas por Gonçalves (2005), ao propor a ressonância dos objetos, onde podemos pensar o patrimônio como a categoria de pensamento, oportunizando o encontro de ressonâncias através de práticas e relações que estabelecemos com o contexto e com a memória. Assim, o patrimônio arqueológico se configura dentro de um conjunto de referências que pode ser construídas de

diferentes maneiras, considerando mais especificamente o enredo e a conexão com demarcações locais.

A arqueologia etnográfica foi adotada como um meio de investigar e de compreender as percepções e as apropriações de arqueólogas e arqueólogos do contexto Serra da Capivara sobre o Museu do Homem Americano, a partir de suas vivências e experiências, considerando o contexto de institucionalização da arqueologia na região. Para isso, abarquei os desdobramentos da arqueologia nesse contexto, considerando o início das pesquisas arqueológicas que culminaram no Parque Nacional Serra da Capivara, assim como suas repercussões patrimoniais e sociais, cruzadas com a formação da graduação Arqueologia e Preservação Patrimonial. Desse modo, estes são contextos que se atravessam nos saberes e experiências que se consubstanciam no Museu do Homem Americano.

Nesse sentido, a arqueologia etnográfica possibilita trabalhar de maneira coletiva, isso é, conduzir estudos a partir de relações diretas do pesquisador com seus interlocutores, bem como demais pesquisadores interessados em estabelecer colaborações para construção dos estudos. Assim, a arqueologia etnográfica enfatiza a pesquisa a partir de convivências, permitindo pensar os contextos arqueológicos e etnográficos a partir de saberes locais, ressaltando suas relações com a memória e o contexto arqueológico e, conseqüentemente, seus contornos patrimoniais dentro de apropriações consolidadas no presente (Hamilakis, 2011).

Nessa perspectiva, de acordo com Castañeda (2008), a arqueologia é uma forma de inserir o contexto social e as múltiplas representações feitas pelo público sobre a pesquisa arqueológica, possibilitando a integração entre arqueologia e etnografia que, por sua vez, configura objetivos centrados em sentidos contemporâneos, delineados para os vestígios e dados arqueológicos. Desse modo, a arqueologia não se restringe ao estudo etnográfico, do mesmo modo que as perspectivas etnográficas não são somente ferramentas de campo. Em outras palavras, a arqueologia etnográfica envolve o compromisso mais profundo em tornar a arqueologia o sujeito das preocupações etnográficas (Castañeda, 2008, p. 40).

Nesse momento, vale ressaltar que os estudos embasados na arqueologia etnográfica possibilitam o acesso de visões do passado, porém, o entendimento e as interpretações estão centrados no que essas elaborações representam também no presente, buscando criar espaços de diálogos dentro da arqueologia. Dentro dessa perspectiva, uma definição de arqueologia etnográfica que corrobora com essa ideia, sendo central para este trabalho, é sua concepção enquanto um espaço transcultural, que estabelece relações de estreitamentos de mundo, instigando a pensar sobre qual a importância atual dos contextos arqueológico do passado e o

que eles significam para a sociedade contemporânea, isto é, como patrimônio arqueológico é concebido atualmente (HAMILAKIS, 2011).

As ideias de Meskell (2005) sobre arqueologia etnográfica fornecem inspirações para pensar a minha pesquisa, ao destacar que a arqueologia etnográfica é compreendida na interação das partes interessadas tanto no passado, quanto no patrimônio arqueológico, dentro de abordagens do presente. Assim, as pessoas opinam através de diálogo sobre questões arqueológicas, promovendo interações que alimentam a conexão entre passado e presente, revitalizando a interação entre a sociedade e o patrimônio o que, por sua vez, amplia o debate sobre o entendimento e a prática arqueológica, construindo identidades locais pautadas em vivências e apropriações.

Diante disso, a arqueologia etnográfica apresenta uma dimensão participativa, voltada para benefício da sociedade, à medida que a comunidade local consegue expressar seu papel efetivo na concepção do patrimônio. Ao mesmo tempo, busca o estabelecimento de um cenário que instigue arqueologia no tocante à sua responsabilidade social. Desse modo, desenvolver uma pesquisa aliada da arqueologia etnográfica é dialogar com demandas locais. Essa combinação estabelecida pela arqueologia etnográfica pode vir a potencializar a emancipação do patrimônio junto à comunidade local, promovendo redes de conexão e pertencimento.

Ao adotar essa postura neste trabalho, entende-se que a arqueologia etnográfica permitiu entender melhor as percepções sobre o Museu do Homem Americano e como acontecem as apropriações com seu espaço, acervo e discurso. Além disso, possibilitou a expressão de novos olhares para a exposição museológica e narrativa do Museu do Homem Americano, através de percepções e trajetórias dos arqueólogos nativos da região da Serra da Capivara.

Essa proposta resultou, portanto, em uma aproximação e uma convivência mais específica em relação ao patrimônio local, particularmente, atendendo os meus objetivos de pesquisa, aprimorando minha relação com arqueólogos e arqueólogas da região Serra da Capivara. Para isso, foram realizadas visitas de campo ao Museu do Homem Americano, juntamente com os colaboradores desta pesquisa, bem como conversas informais e entrevistas.

4.2 PASSOS INICIAIS DA PESQUISA

Para iniciar esse tópico, gostaria de compartilhar uma inquietação para o desenvolvimento desta pesquisa, que se concentrou, parcialmente, no percurso metodológico que possibilitasse sua construção de acordo com meus interesses e objetivos. É importante destacar que ao abordar esse assunto aqui não quer dizer que não há uma metodologia aplicável

para realização deste estudo. Contudo, nesse momento, meu desejo se pautou em seguir um caminho alinhado com as perspectivas teóricas decolonial e afetiva adotadas como base deste estudo, especialmente, na forma de ver e entender arqueologia. Desse modo, traçar o caminho metodológico para construção desta pesquisa foi desafiador no sentido de ser base para coleta de dados de campo, também para compreender as vivências e experiências configuradas pela minha vida acadêmica e os movimentos que precisei realizar durante o mestrado em termos de pesquisa.

Mencionar essa inquietação aqui de maneira parcial é, antes de qualquer coisa, considerar os movimentos que o mestrado operacionalizou em minha ideia inicial de pesquisa, isso devido ao contexto resultante da pandemia de COVID-19. Nos primeiros passos da pesquisa tudo estava ocorrendo muito bem, porém, com as restrições pandêmicas, não que elas já não tivessem implementadas desde o início da proposta de pesquisa, mas a necessidade de sua permanência, isso foi palco para mudar todo meu projeto de pesquisa e, ao mesmo tempo, foi também cenário para abertura de outras possibilidades de estudo, como a que se desenha nesta oportunidade.

Nesta conjuntura, um marco importante foi entender o campo como um lugar aberto e flexível, que se constitui de diferentes maneiras, sobretudo, como estes se relacionam e extrapolam para além do espaço contextual, podendo ser viabilizado a partir da convivência, da leitura e da experiência, que em minha pesquisa se alinham ao afeto e à memória. Assim, essa metodologia começou a ganhar forma.

Nesse sentido, uma inspiração foram as formulações conduzidas por Lia Schuman, a partir do seu trabalho intitulado como: *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude*, especialmente nos percursos metodológicos adotados pela autora para incorporar conversas informais no seu trabalho. Schuman seguiu as ideias de Peter Kevin Spink (2003), afirmando que os trabalhos de campo em uma pesquisa não equivalem somente em ir a algum lugar específico, de pessoas específicas, para coletar dados, e depois, fazer análise a partir de uma variedade de métodos específicos. Spink defende uma inserção horizontal, que privilegie o lugar, os micros lugares e o dia a dia, levando em consideração vivências e acontecimentos que são experimentados e catalisados de forma cotidiana, aprimorados nesta pesquisa a partir de práticas da arqueologia etnográfica.

Dentro dessa perspectiva, o campo não é universo específico, separado, distante e empírico, que se resume em um lugar de fazer observações, uma vez que essas expressões podem naturalizar a pesquisa e/ou esconder de fato o campo, distanciando o pesquisador de questões do dia a dia, que de alguma maneira constituem seu contexto. Nesse sentido, o campo

se constitui como um argumento no qual estamos inseridos, fragmentado por múltiplos encontros, que acontecem em lugares diferentes, formalizados a partir da materialidade e do cotidiano que constitui a temática de pesquisa, o que Spink (2003) nomeia como campo-tema (Spink, 2003). Assim, o campo começa desde o momento que o pesquisador se vincula com a temática e o que vem depois é a trajetória, pautada nas demandas e necessidades organizada pela opção inicial.

Em meio a essa forma de pesquisa, é importante mencionar como se deu minha vinculação acadêmica com os estudos em espaços museológicos a partir de perspectivas arqueológicas, e já entendemos que faz parte do campo-tema. A princípio, a ideia inicial de construção desse estudo de público, no Museu do Homem Americano, está intrinsecamente ligada à minha pesquisa de monografia (2019), do curso de graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial, que consistiu em realizar um estudo no Museu do Sertão Antônio Coelho, do município de Remanso, na Bahia. Nesse momento, despertei meu interesse em continuar com os estudos de temáticas museológicas e patrimoniais que, desde os meus primeiros momentos de contato com arqueologia, já eram temas do meu interesse.

A importância da monografia aliada ao objetivo de fazer mestrado fundamentou esse estudo, porém, é importante salientar que, inicialmente, esta pesquisa estava pautada no estudo de público (professores) no Museu do Homem Americano e Museu do Sertão Antônio Coelho, mas devido à pandemia por COVID-19 e às restrições apontadas pela saúde pública, conforme já mencionei, passamos por dificuldades para realização desta pesquisa, o que nos levou a redirecionar este trabalho para outras possibilidades, que em meu entendimento, é um processo decorrente da trajetória desta pesquisa e envolvimento com o campo-tema. Diante disso, esta pesquisa foi adaptada para o entendimento das apropriações e percepções de arqueólogas e arqueólogos do contexto Serra da Capivara sobre o Museu do Homem Americano, a partir de experiências consolidadas dentro do que é entendido como arqueologia etnográfica.

Nesse período de transição, um importante ponto de interesse desta pesquisa foi o convívio e conversas com arqueólogas e arqueólogos do contexto Serra da Capivara, por meio de laços estabelecidos desde a minha inserção na graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial. Desse modo, pude perceber diferentes maneiras de ver e se relacionar com o Museu do Homem Americano. Essas experiências iniciais foram base para perceber a existência de diferentes olhares para o museu e, portanto, fundamental para realização deste trabalho, catalisadas inicialmente a partir de conversas informais.

4.3 CONVERSAS INFORMAIS

Na prática, uma importante ferramenta para a coleta de dados foram as conversas informais. Para fins de contextualização, as conversas informais emergiram de vivências cotidianas, quando as conversas se dirigiam para falar sobre arqueologia e sobre patrimônio da região da Serra da Capivara, particularmente, sobre o Museu do Homem Americano. Sobre essas conversas menciono aqui dois momentos que considere emblemáticos para organizar minha linha de raciocínio e seguir com a pesquisa.

O primeiro aconteceu durante uma visita ao Museu do Homem Americano, no início de 2022, quando eu e uma amiga arqueóloga, Amanda Paes, começamos a conversar sobre como nosso entendimento do que é arqueologia e o que é patrimônio e como isso mudou a partir do momento que começamos fazer o curso de graduação em Arqueologia. Dividimos a sensação de que nossos olhares amadureceram, especialmente, em disciplinas ofertadas no mestrado. Concluimos que tais experiências refletiram em nossa forma de ver e entender um museu, onde uma memória e entendimento construídos na adolescência, abriu-se para outros horizontes, a partir de experiências e conhecimentos compartilhados ao ingressar no meio acadêmico proporcionado pela arqueologia.

Nesse mesmo período, ao conversar com outras duas colegas formadas em arqueologia, Marisa Sousa e Marildes Sousa, comentamos sobre como começamos a nos interessar pelo curso de arqueologia e como arqueologia tinha mudado nossa percepção sobre todo o contexto arqueológico da região Serra da Capivara. Não apenas por pertencermos ao contexto Serra da Capivara e crescermos ouvindo e presenciando as notícias e práticas arqueológicas em nossa região. Em meio às nossas conversas, em uma visita no Museu do Homem Americano (Figura 1), tratamos sobre a estrutura que a arqueologia configurou na região desde a chegada de Niéde Guidon, em relação às pesquisas, estudos, turismo, oferta de emprego, educação, economia e outras repercussões que aconteceram somente devido às pesquisas arqueológicas realizadas na região Serra da Capivara. Consequentemente, avaliamos como esses processos influenciam em nosso entendimento sobre arqueologia na região e como isso se reflete nas maneiras de ver e compreender o Museu do Homem Americano, a partir de nossas vivências enquanto pesquisadoras.

Figura 1: Visita de campo ao Museu do Homem Americano, juntamente com as arqueólogas Marisa e Marildes.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Em conjunto a essas conversas informais, comecei a mapear arqueólogos e arqueólogas para participar desta pesquisa, através do compartilhamento de narrativas com impressões sobre o Museu do Homem Americano. Com isso, inserimos nossas ideias e propostas de pesquisas dentro de caminhos ofertados pela arqueologia etnográfica, visando através do convívio, isto é, visitas ao Museu do Homem Americano e encontros formalizados, compreender as apropriações e percepções de pessoas do contexto Serra da Capivara formadas em Arqueologia e Preservação Patrimonial sobre o Museu do Homem Americano, considerando seu acervo museológico e seu discurso institucional oficializado.

4.4 O TRABALHO NA PRÁTICA: PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Dentro desse contexto, para atingir os objetivos elencados nesta pesquisa científica seguimos uma metodologia de natureza qualitativa, com o intuito de identificar e perceber questões abordadas no trabalho de forma objetiva e sistemática. Para isso, a concepção de "tema campo", desenvolvida por Spink (2003), foi necessária, especialmente para compreender as conversas e as atitudes dos colaboradores desta pesquisa, em conjunto com a arqueologia

etnográfica, conforme já abordado, e seu aprofundamento dentro do método qualitativo. O método qualitativo se caracteriza como forma de compreender o processo pelo qual as pessoas constroem significados e os descrevem a partir de suas narrativas e comportamentos.

A partir dessa concepção, as ferramentas metodológicas usadas nesta pesquisa foram as pesquisas bibliográficas, o levantamento documental, a observação cotidiana, especialmente em conversas não formais, e as entrevistas semiestruturadas, enquadradas dentro de possibilidades comportadas pela arqueologia etnográfica. Esses instrumentos metodológicos foram fundamentais para concretização da pesquisa, fomentando as ideias e questões pela temática abordada, conduzindo uma discussão coerente em relação aos dados coletados e analisados.

As pesquisas bibliográficas foram utilizadas para acessar o conhecimento científico já acumulado sobre temática abordada por este estudo, para isso seguimos como base, fonte de materiais elaborados convencionalmente no meio acadêmico e científico, que abordam o entendimento de arqueologia e a produção de conhecimento arqueológico dentro de perspectivas decoloniais. Para Moresi (2003, p. 10), a pesquisa bibliográfica é um estudo sistematizado, desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, trabalhos de monografias, dissertações e teses, periódicos, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Nesse sentido, a bibliografia usada nesta pesquisa abordou materiais de fontes primárias e secundárias, com o intuito de realizar estudos interdisciplinares guiados a partir de conceitos e teorias adotados pela pesquisa, assim como contextualizar a arqueologia na região da Serra da Capivara e caracterização do Museu do Homem Americano.

O levantamento documental consistiu em levantar documentos que apresentam registros históricos sobre Museu do Homem Americano que, por sua vez, permitiram fazer a caracterização e apresentação de sua trajetória ao longo do tempo. Nessa etapa, o objetivo consistiu em acessar dados e informações presentes em documentos como, fotografias, relatórios, projetos, dentre outras fontes que contribuíram para a caracterização do museu, e assim complementar a pesquisa bibliográfica levantada para contextualizar o Museu do Homem Americano.

A escolha de seguir a entrevista como um recurso de pesquisa busca compreender como pesquisadores formados em arqueologia pertencentes ao contexto Serra da Capivara se apropriam do Museu do homem Americano, no intuito de captar de maneira oral e escrita suas percepções e apropriações pessoais para o acervo e o discurso museológico. Dessa maneira, a entrevista aqui é entendida como um processo de comunicação e interação entre o pesquisador e o pesquisado que, neste trabalho ocorreu por meio de canais digitais, mas especificamente,

por chamadas via WhatsApp³, onde foram produzidos conhecimentos e informações, pautadas em significados, memórias, afetos e vivências.

De acordo com Lakatos e Marconi (2010), entrevista é uma forma de encontro entre duas pessoas, que tem por finalidade a obtenção de informações sobre um determinado assunto, que exige preparação para o seguimento de diretrizes a serem acatadas de forma profissional. Nesse sentido, as entrevistas ofereceram vantagens para o desenvolvimento desta pesquisa no processo de coleta de dados, permitindo a obtenção de dados que não estão presentes em fontes documentais, e que são relevantes para o entendimento da relação entre as arqueólogas e arqueólogos com o Museu do Homem Americano.

Desesa maneira, para Manzini (2004), entrevista semiestruturada envolve perguntas básicas sobre o assunto a ser investigado, apoiando-se em teorias e hipóteses que se relacionam com o tema da pesquisa. Essa forma de entrevista pode fazer emergir informações e dados de forma mais livre, além disso, as respostas não estão condicionadas dentro de uma padronização estabelecida, isto é, alternativas. Os dados das entrevistas foram registrados por meio de gravações em áudio, conforme a autorização do entrevistado, e também por meio de anotações em caderno de campo para registro de informações adquiridas e percebidas durante as entrevistas.

O fato de eu mesma estar enquadrada como formada em Arqueologia e Preservação Patrimonial e pertence ao contexto Serra da Capivara facilitou a localização dos entrevistados nesta pesquisa, já que esta é uma realidade instituída desde início do meu curso de graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial. Nesse sentido, já havia uma familiaridade com o público de interesse desta pesquisa, o que necessitou apenas foi um convite para colaborar com o estudo, através da disponibilização de narrativas arqueológica e, conseqüentemente, o interesse em ser entrevistado para a pesquisa de mestrado, sobre as apropriações e percepções configuradas para o Museu do Homem Americano.

Para isso, rapidamente, recorri em mapear amigos para estender o convite de participação da pesquisa, comecei com colegas que eu tinha mais contato e já tinham conhecimento das redes de conexão com Museu do Homem Americano, essas percebidas em conversas informais, assim como em observações feitas em trabalhos e pesquisas arqueológicas que são desenvolvidas na região Serra da Capivara, que resultam envolvimento afetivos com

³ O WhatsApp é um aplicativo de troca de mensagens e comunicação em áudio e vídeo pela internet, que neste trabalho foi utilizado como ferramenta metodológica, para vídeo chamada, possibilitando a conexão com os colaboradores entrevistados.

Museu do Homem Americano. Nesse momento, é importante destacar que todos os participantes aqui abordados foram solícitos, abertos e dispostos em colaborar com a pesquisa e, em alguns casos, entusiasmados em participar.

Para descrever e conhecer os participantes da pesquisa, procurei seguir um roteiro específico para coletar dados dos colaboradores (Anexo 1), com as seguintes informações: nome completo, idade, formação, cidade de origem, cidade atual, área de atuação/pesquisa, temáticas de pesquisa, conforme apresenta o quadro abaixo. Dados que foram utilizados também na apresentação e discussão das narrativas arqueológicas, auxiliando no entendimento de suas percepções e apropriações sobre arqueologia e patrimônio.

Tabela 1: Dados dos colaboradores.

Nome completo	Idade	Cidade de origem	Cidade atual	Formação	Área de pesquisa	Temáticas de pesquisa
Anderson Wallecy Rodrigues de Carvalho	27 anos	João Costa, Piauí	São Raimundo Nonato, Piauí	Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial e Pós-graduação em Arqueologia	Educação Patrimonial	Educação Patrimonial e Arqueologia Preventiva
Marisa Lima Miranda Sousa	28 anos	Coronel José Dias	Coronel José Dias	Arqueologia e Preservação Patrimonial	Arqueologia	Arqueologia, comunidades tradicionais e gestão do Patrimônio cultural
Amanda Paes Landim Silva	28 anos	São Raimundo Nonato	São Raimundo Nonato	Arqueologia e Preservação Patrimonial	Arqueologia, Comunidades Tradicionais e Gestão do	Estudos de fazendas, na perspectiva da

					Patrimônio Cultural	Arqueologia do Presente
Jaime de Santana Oliveira	35 anos	Anísio de Abreu-PI	Manaus-AM	Arqueologia	Arqueologia Pública	Arqueologia Pública
Marildes Lima Miranda Sousa	26 anos	Coronel José Dias	Coronel José Dias	Arqueologia	Arqueologia do presente	Lugares de memória e patrimônio cultural
Géssika Sousa Macedo	27 anos	São Braz do Piauí	São Braz do Piauí	Arqueologia e Preservação Patrimonial	Arqueologia	Arqueologia e patrimônio

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Anderson Wallecy Rodrigues de Carvalho é bacharel em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, com pesquisas desenvolvidas no âmbito de Educação Patrimonial. Atualmente é mestrando do programa de Pós-graduação em Arqueologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, também com ênfase em Educação Patrimonial.

Amanda Paes Landim Silva possui curso de bacharel em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Atualmente é mestranda do programa de Pós-graduação em Arqueologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, com pesquisas arqueológicas desenvolvidas a partir de perspectivas da Arqueologia do Presente.

Géssika Sousa Macedo é bacharela em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Possui mestrado em Arqueologia pelo Programa de Pós-graduação em Arqueologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Atualmente é doutoranda em Arqueologia no Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. Em suas pesquisas arqueológicas trabalha com Comunidades Tradicionais, com ênfase em Arqueologia, atuando principalmente nos seguintes temas de Arqueologia do Presente, Arqueologia Pública e Estudos de Cultura Material.

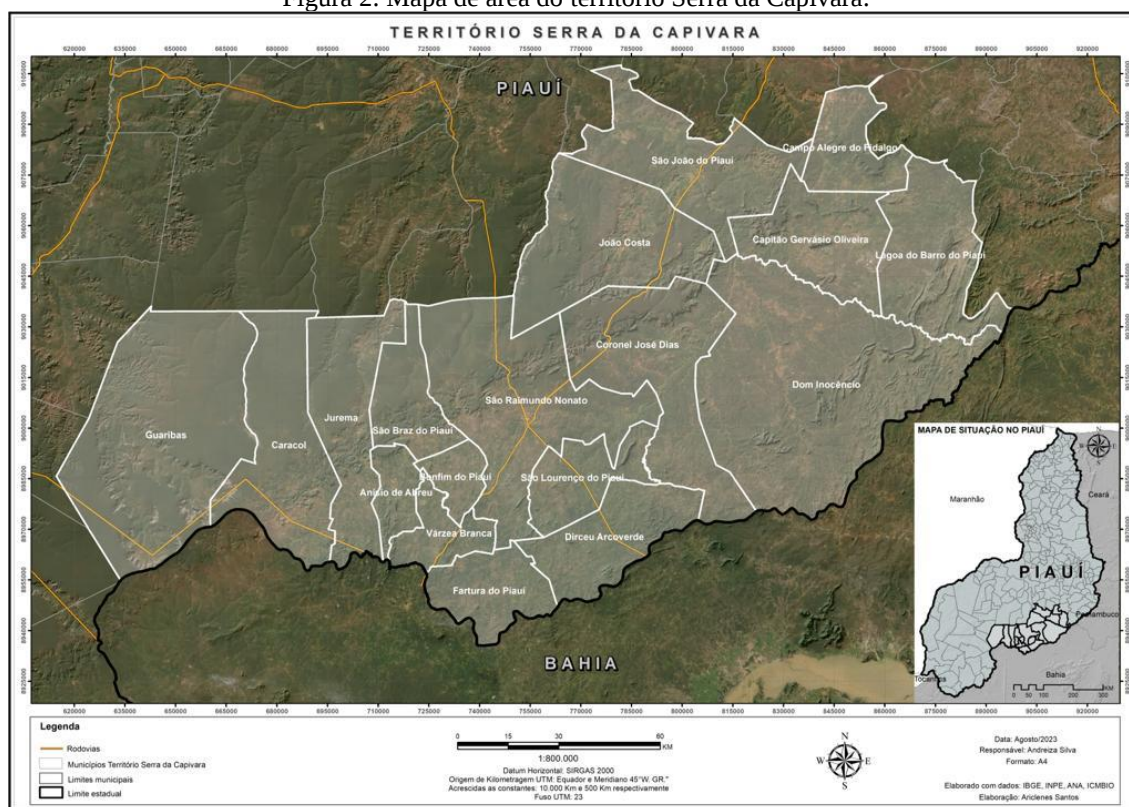
Jaime de Santana Oliveira é graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí, graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Também especialista em Metodologia do Ensino de História pela Faculdade de Educação São Luís, especialista em Educação Contextualizada no Semiárido, na Perspectiva da Educação do Campo, pela Universidade Estadual do Piauí. Além disso, mestre em Arqueologia pela Universidade Federal do Piauí, com atuação na arqueologia pública. Atualmente trabalha como Arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no estado do Amazonas.

Marildes Lima Miranda Sousa é Bacharel em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Arqueóloga vencedora da 10 edição (2022), do prêmio Luiz de Castro Faria, na categoria de melhor monografia, trabalho intitulado como: FONTES DE VIDA, SOCIABILIDADE E MEMÓRIA: Narrativas sobre os caldeirões do Sítio do Mocó, Coronel José Dias-PI. Atualmente é mestranda do Programa de Pós-graduação em Arqueologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Marisa Lima Miranda Sousa é graduada em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, e mestranda do Programa de Pós-graduação em Arqueologia também pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Atualmente em suas pesquisas arqueológicas desenvolve estudos sobre materialidades de ex-voto, a partir de perspectivas arqueológicas e de religiosidades.

Em relação à seleção dos participantes, concedi-me a licença de estabelecer os critérios para delimitar escolha dos colaboradores da pesquisa, para isso, defini três critérios para enquadrar o público participante, e alimentar o método qualitativo. O primeiro, muito decisivo, ser formado em Arqueologia e Preservação Patrimonial, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, *campus* Serra da Capivara. O segundo, pertencer ao contexto do território Serra da Capivara (Figura 2), isto é, ser da região e ter contato com os movimentos que consolidaram na institucionalização da arqueologia na região. E o terceiro, diz respeito à vontade e à disponibilidade do colaborador em participar da pesquisa através de entrevistas, concedendo suas narrativas arqueológicas para compreensão das apropriações e percepções do Museu do Homem Americano.

Figura 2: Mapa de área do território Serra da Capivara.



Fonte: Acervo da autora (2023).

As entrevistas foram realizadas a distância, desse modo, convém mencionar que a entrevista a distância é um método utilizado para coleta de dados por meio da internet (Braga, 2021). Esse meio de pesquisas tem sido bastante utilizado nos últimos tempos, especialmente, com os avanços tecnológicos, uma vez que seu uso permite a comunicação entre as pessoas. Alguns autores já realizaram seus trabalhos a partir de canais digitais para coleta de dados, dentre esses trabalhos podemos citar Braga (2021), que realizou a pesquisa apoiada no aplicativo WhatsApp e E-mail.

Nesse sentido, para realização das entrevistas, usei o aplicativo *WhatsApp*, como uma ferramenta para estabelecer comunicação, a partir de chamadas por vídeo conferência. Antes das chamadas de vídeo, foram realizadas conversas informais em residência dos pesquisadores, no Museu do homem Americano e encontros aleatórios sobre as questões abordadas nesta pesquisa, organizados dentro da arqueologia etnográfica. Desse modo, as entrevistas foram desenvolvidas para formalizar as perguntas e as respectivas narrativas arqueológica dos participantes da pesquisa a respeito do Museu do Homem Americano.

É importante destacar que, uma entrevista via *WhatsApp* tem seus prós e contras, em relação à distância física e à falta de contato direto para estabelecer relações de contato entre o

entrevistador e o entrevistando. Nesta pesquisa, a experiência com as entrevistas ocorreu conforme o planejado, possibilitou a coleta de dados dentro de minhas expectativas. Ao mesmo tempo, mostrou-se como uma ferramenta metodológica acessível, conforme ressaltam autores como Schmidt, Palazzi e Piccinini (2020), ao afirmar que em uma entrevista virtual, o entrevistado pode se sentir à vontade para participar da pesquisa dentro da comunidade de sua residência e expressar suas narrativas de maneira livre, podendo estabelecer dias e horários específicos, de acordo com sua disponibilidade, como ocorreu neste trabalho. As entrevistas foram realizadas mediante a agendamento de data e horário, seguindo o período disponível e indicado pelo colaborador a ser entrevistado, visando oportunizar momentos de tempo livre de cada participante.

Para condução das entrevistas, iniciamos com conversas abordando minha pesquisa, falando sobre as perguntas e, assim, as entrevistas eram iniciadas. Nessa busca por informações, foi necessário estabelecer uma relação de fala e escuta atenciosa com os entrevistados e também com os conteúdos e informações apresentadas, buscando permitir possibilidades de reflexões e pausa por parte dos colaboradores. Durante as entrevistas procurei não interromper as falas dos entrevistados, de forma a possibilitar narrativas arqueológicas livres sobre as perguntas, especialmente, em questões abertas e discursivas.

O fato de realizar as entrevistas depois de conversas informais, assim como, de uma apresentação do roteiro das perguntas para os entrevistados, foi um meio que facilitar a organização e construção das narrativas dos colaboradores, assim, a entrevista foi organizada em um questionário, que segue abaixo, com perguntas pensadas dentro de uma entrevista semiestruturada e aberta, com objetivo de deixar a pessoa entrevistada mais livre para discorrer sobre os assuntos abordados.

Tabela 2: Questionário da pesquisa.

PERGUNTAS DA ENTREVISTA
1 - Para você o que é museu?
2 - Você conhece o Museu do Homem Americano?
3 - Quantas vezes você visitou o Museu do Homem Americano?
4 - Motivos que te levaram para visitar o Museu do Homem Americano?
5 - Como foram as visitas ao Museu do Homem Americano?
6 - Qual sua relação com o Museu do Homem Americano?
7 - Como você vê o Museu do Homem Americano atualmente?

8 - Como você entende o acervo e a narrativa oficial do Museu do Homem Americano?
9 - Em seu entendimento como você entende a produção de saberes do Museu do Homem Americano a partir de sua exposição e seu discurso oficial?
10 - Como você entende da institucionalização da Arqueologia na região a partir da chegada da arqueóloga Niéde Guidon, criação do Parque Nacional Serra da Capivara, Museu do Homem Americano e implementação do Curso de Arqueologia na UNIVASF?
11 - Como você percebe sua história, enquanto arqueólogo (a), diante do cenário de institucionalização da arqueologia na região, considerando sua entrada no curso de arqueologia, sua formação e sua atuação atualmente?

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Dentro desse questionário, as perguntas abordam questões que buscam compreender narrativas arqueológicas para o Museu do Homem Americano, abarcando assuntos que configuram sua concepção enquanto patrimônio. Buscando envolver as vivências e experiências dos participantes na formulação de suas apropriações e percepções para o acervo e discurso dessa instituição museológica. Após a finalização de cada entrevista, estas passaram por um processo de escuta ativa, em seguida as narrativas foram transcritas (Anexo 2) e armazenados em arquivos de PDF e Word.

5 INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA NO CONTEXTO SERRA DA CAPIVARA: FORMAÇÃO E TRAJÉTORIA DO MUSEU DO HOMEM AMERICANO

Esse capítulo tem por objetivo contextualizar a história de formação do Museu do Homem Americano, apresentando a consolidação de seu acervo museológico e sua trajetória. Para isso, inicialmente, abordaremos o processo de institucionalização da Arqueologia no sudeste do Piauí, mais especificamente no território Serra da Capivara, a partir do desenvolvimento de pesquisas arqueológicas realizadas na região, consolidadas com a implantação do Parque Nacional Serra da Capivara, criação da Fundação Museu do Homem Americano, atrelada ao Centro Cultural Sérgio Mota e ao Museu do Homem Americano, a implantação dos cursos de Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial e Pós-graduação em Arqueologia na Universidade Federal do Vale do São Francisco, *Campus Serra da Capivara*.

Frente a esse cenário moldado pela história da arqueologia na região, entendo que os esforços de contextualização do Museu do Homem Americano coadunam-se com a tentativa de evidenciar algumas repercussões da implementação de pesquisas arqueológicas na região, considerando desde o início dos trabalhos arqueológicos, na década de 1970, com a chegada da arqueóloga Niède Guidon e atuação da Missão Francesa, até os eventos mais recentes. Mesmo não sendo o foco desta pesquisa adentrar de maneira profunda nas questões relacionadas à institucionalização da arqueologia, torna-se necessário remeter a este processo no intuito de compreender a formação do Museu do Homem Americano, assim como os eventos que podem ter impactado o público envolvido neste estudo e, conseqüentemente, balizando suas impressões e narrativas sobre o museu e seu discurso oficial.

Dito isso, organizamos esse capítulo em duas partes, de acordo com a seguinte ordem: primeiramente, discorreremos de maneira sucinta sobre a contextualização da arqueologia na região, apresentando seus efeitos e movimentos que culminaram na criação do Museu do Homem Americano. Na segunda parte, por sua vez, buscarei apresentar o Museu. Nessa parte, detalharei a sua criação, caracterizando de modo descritivo e imagético o seu acervo museológico e sua narrativa institucional, dando ênfase ao espaço interno, onde se concentra a exposição permanente.

5.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA NA REGIÃO SERRA DA CAPIVARA

A princípio, a história da chegada da arqueologia no contexto da Serra da Capivara começou na década de 1960, quando o prefeito da cidade de São Raimundo Nonato, Gaspar Dias Ferreira, enviou fotos de pinturas rupestres existentes na região para uma exposição no Museu Paulista, em São Paulo. Nesse período, a arqueóloga Niéde Guidon, que estava atuando em pesquisas arqueológicas na Universidade de São Paulo, observou as fotos e logo ficou interessada em conhecer o lugar, pois era algo diferente. Em termos históricos, em 1970, Niéde Guidon veio ao Piauí, fez o reconhecimento e registro fotográfico do potencial arqueológico, levou para França, onde estava atuando, e assim conseguiu viabilizar uma missão para pesquisar em regiões do Piauí.

Na década de 1970, as pesquisas arqueológicas se iniciaram. Junto com Niéde Guidon, vieram as arqueólogas Silva Maranca e a Águeda Moraes Vilhena para contribuir com os estudos. Inicialmente, as pesquisas eram realizadas com apoio da população local, os moradores da região apresentavam as áreas com pinturas e auxiliavam nos trabalhos realizados, dessa maneira, havia uma relação amigável e receptiva entre pesquisadores e comunidades (Rocha, 2019). Desse modo, nos primeiros momentos, as comunidades foram aliadas das pesquisas, os moradores colaboravam com as atividades desenvolvidas, realizando abertura de estradas para as prospecções e ofertavam hospedagem para os estudiosos. Assim, conforme as pesquisas foram avançando, as pessoas das comunidades foram treinadas para trabalhar em escavações e decalques de pinturas rupestres, por exemplo.

Em 1975, diante dos dados levantados nas pesquisas envolvendo sítios arqueológicos, dados ambientais de geologia, fauna e flora, os pesquisadores organizaram o balanço geral das informações e diante do potencial arqueológico, natural e cultural, detectaram uma grande degradação na área abordada (Braga, 2021). De acordo com Oliveira (2015), essa degradação apontada estava associada às atividades agrícolas, caça de animais, desmatamentos e queimadas, incluindo como agentes responsáveis, a população local da região. Diante disso, pensando em questões de preservação e conservação, os pesquisadores apontaram iniciativas buscando o desenvolvimento da região e também “educar” as pessoas sobre a importância dos materiais ali encontrados.

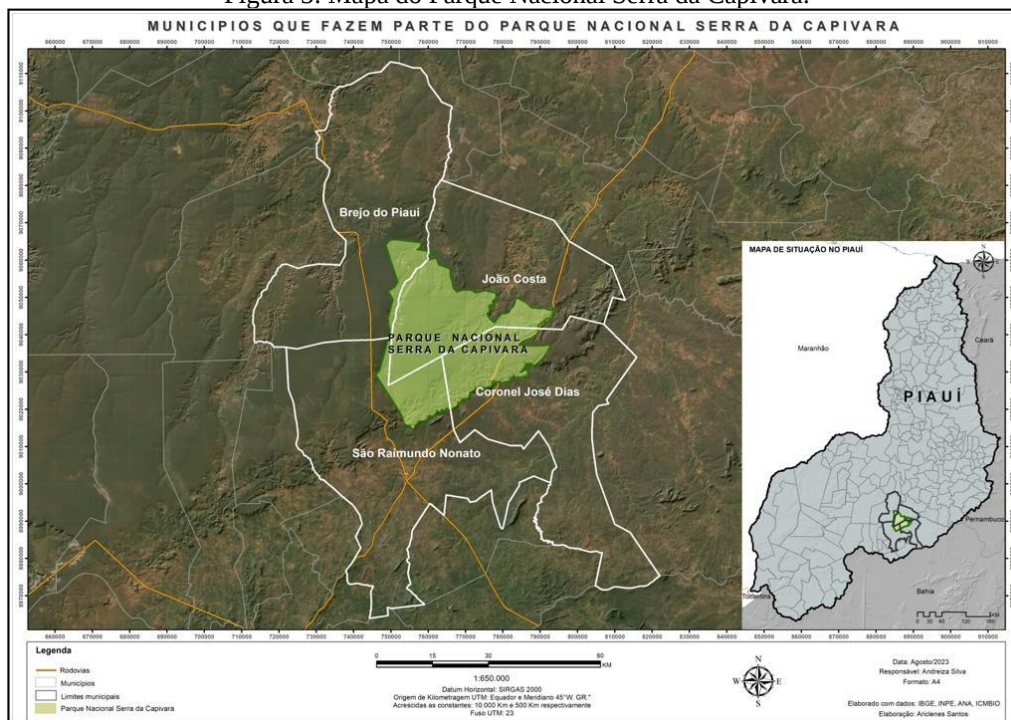
Ainda em 1975, foi criado o Centro de Pesquisas Regionais em Arqueologia, com intuito de armazenar os materiais encontrados nas escavações, para que estes permanecessem na região, e consequentemente, fossem musealizados. Nesse mesmo interesse, outra importante

iniciativa foi a necessidade de criar um parque nacional de proteção integrada nessas terras, envolvendo a proteção ambiental, arqueológica e patrimonial, encarado também pelos pesquisadores como uma fonte de geração desenvolvimento para região, como por exemplo, econômico (Sousa, 2009).

Engajada nesse movimento, Niéde Guidon conduziu iniciativas para a implementação de um parque nacional junto ao governador do estado do Piauí, Dirceu Arcoverde, visando proteger o meio ambiente e preservar os sítios arqueológicos. Com isso, em 1978, foi solicitada a criação de unidade de conservação, que culminou na instituição do Parque Nacional Serra da Capivara, com o intuito de preservar a diversidade arqueológica, biológica e geológica, por meio de ações preservacionistas e educacionais mais incisivas (Mageste; Amaral, 2022).

Dentro dessas articulações, em 5 de junho de 1979, foi criado o Parque Nacional Serra da Capivara por meio do decreto de n.º 83.548, com o objetivo principal de proteger o patrimônio ambiental e cultural presente na região da Serra da Capivara. Inicialmente, o Parque Nacional Serra da Capivara compreendia cerca de 100.000 hectares, posteriormente passou a ocupar uma área que corresponde a aproximadamente 130.000 hectares e perímetro de 214 quilômetros, abarcando, assim, o território de quatro municípios do estado do Piauí: Brejo do Piauí, João Costa, Coronel José Dias e São Raimundo Nonato (Figura 3) (Mageste; Amaral, 2022).

Figura 3: Mapa do Parque Nacional Serra da Capivara.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Para fins de contextualização, o Parque Nacional Serra da Capivara possui cerca de 1300 sítios arqueológicos registrados, com características tipológicas variadas, constituindo um conjunto amplo de evidências (Mageste; Amaral, 2022). De acordo com as investigações, essa área documenta ocupações humanas de longa duração, remontando a uma cronologia superior a 30.000 anos antes do presente (Guidon, 2007; Boëda *et al.*, 2014; Lourdeau, 2019; Mageste; Amaral, 2022).

Dessa maneira, as investigações arqueológicas no contexto Serra da Capivara se concentraram em realizar estudos sobre a presença humana na antiguidade, preocupando-se em estabelecer datações, conhecer o modo de vida e sobrevivência de grupos sociais. cuja teoria construída pela perspectiva científica baseada em achados e dados arqueológicos remonta ocupações humanas de 100.000 anos atrás.

Nesse trânsito de desdobramentos arqueológicos, em 1986, foi instituída a Fundação do Museu do Homem Americano (FUMDHAM), como resultado das pesquisas executadas. Foi constituída a partir de um grupo de pesquisadores da *Mission Archéologique du Piauí* - projeto interdisciplinar de cooperação científica entre o Brasil e a França (Soares, 2023). Posteriormente, foi organizada e mantida a partir de iniciativas de membros da Missão Francesa e colaboradores de outras universidades e centros de pesquisas nacionais e estrangeiros. Entre as missões da FUMDHAM na região, encontra-se os objetivos de combater a presença de posseiros, a caça ilegal de animais e o desmatamento e, principalmente, atuar na preservação do patrimônio arqueológico.

Para fins de contextualização, a Fundação do Museu do Homem Americano é uma organização da sociedade civil de interesse público, responsável pela guarda e todo o espólio arqueológico e paleontológico da região do contexto Serra da Capivara (Soares, 2023). A princípio, é um espaço que comporta materiais de interesses ambientais e arqueológicos, formando um conjunto, que além do museu e do centro cultural, dispõe de teatro, auditório e um conjunto de salas, onde estão armazenadas as reservas técnicas, assim como, biblioteca especializada, laboratórios, escritórios e depósitos.

Em 1991, o Parque Nacional Serra da Capivara foi reconhecido pela Organização das Nações Unidas Para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), como um dos patrimônios mundiais da humanidade, por se tratar de uma área configurada por um conjunto de sítios que têm um excepcional valor universal do ponto vista histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico ou antropológico. Título que instaurou definitivamente o Parque Nacional Serra da Capivara como uma área estratégica para o desenvolvimento regional através de atividades turísticas e investimentos científicos (Mageste; Amaral, 2022).

De acordo com Andrade e Guidon (2016), desde o início a idealização do Parque Nacional Serra da Capivara, visava a promoção de uma estrutura turística e a elevação desta para uma atividade econômica voltada para a população da região. Desse modo, o investimento no desenvolvimento das potencialidades turísticas locais seria uma maneira de estimular a economia das localidades do entorno e manter assim uma Unidade de Conservação economicamente autossustentável. Contudo, para a concretização do projeto, firma-se a necessidade de desapropriação da população que habitava o perímetro de abrangência do Parque Nacional Serra da Capivara para a delimitação de área de conservação, de acordo com legislação vigente no período. Ao mesmo tempo, considerou-se os impactos identificados na área por conta da caça, agricultura e pecuária de subsistência.

Dentro desse processo de desapropriação, a comunidade Zabelê, composta por cerca de 200 habitantes, no período de início das pesquisas na região, foi uma das mais impactadas, pois se localizava no epicentro de constituição do Parque Nacional Serra da Capivara. Em 1988, os moradores da comunidade foram definitivamente removidos do local de abrangência do Parque, porém, parte dos moradores eram posseiros, que, desde a segunda metade do século XIX, ocupavam as terras, o que dificultou nos trâmites de reparações, particularmente as indenizações.

Tal situação culminou em dificuldades para os cálculos das negociações que atendessem os desejos e necessidades da população, com isso, muitos moradores ficaram sem terras para morar, transferindo-se para São Raimundo Nonato, e para regiões mais distantes, como para São Paulo (Mageste; Amaral, 2022). Diante dessa situação, a relação entre a comunidade e os pesquisadores foi diretamente afetada, pois os moradores passaram a ver as pesquisas arqueológicas como uma ameaça, acompanhada pela perda de suas terras e não somente como uma promessa de desenvolvimento econômico.

A partir disso, ocorreram conflitos entre os responsáveis pela criação do Parque Nacional Serra da Capivara e as comunidades que habitavam a região ocupada pelo parque, devido à necessidade de saída da área. Para conseguir novas terras para habitar e trabalhar, os moradores se organizaram enquanto comunidade, e somente em 1997, os antigos habitantes do Zabelê foram assentados em terras situadas a aproximadamente 10 quilômetros de São Raimundo Nonato, intituladas atualmente como Novo Zabelê (Mageste; Amaral, 2022).

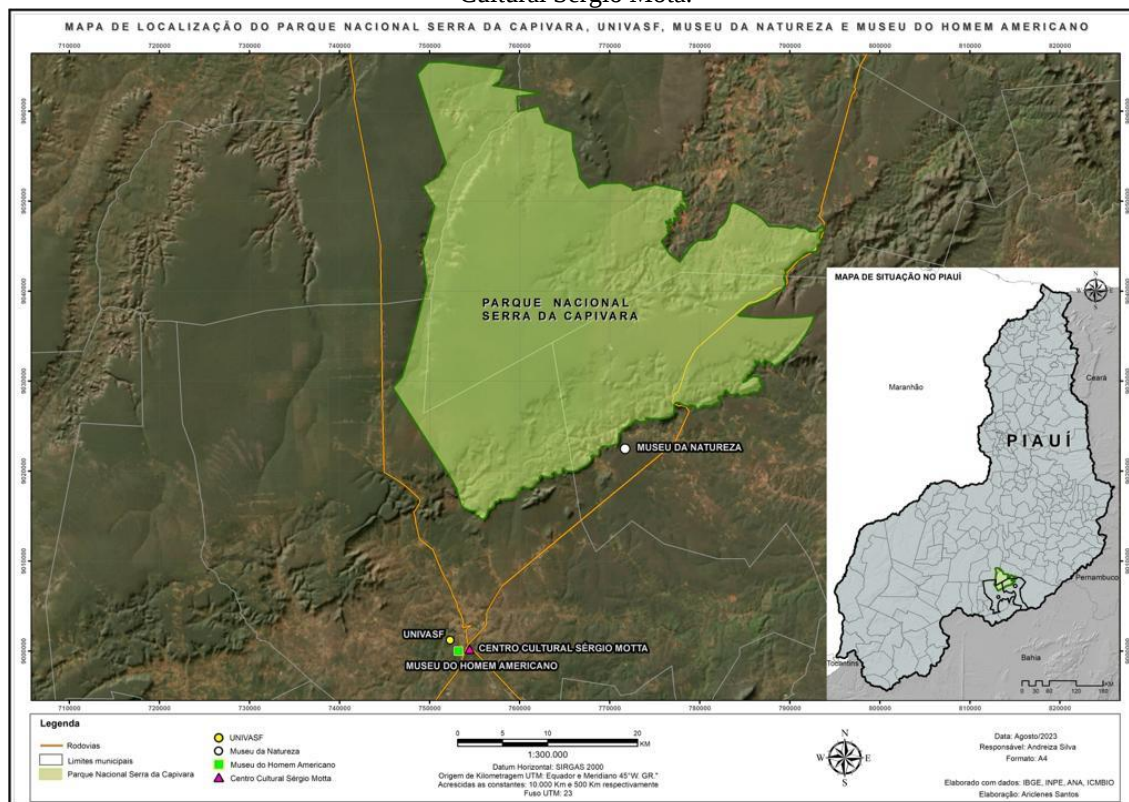
Contudo, nesse momento, não é nosso interesse detalhar os processos de desapropriação e os trâmites de assentamento dos moradores que habitavam atual área do Parque Nacional Serra da Capivara, porém, entendemos importante pontuar esse atravessamento conduzido pelos trabalhos arqueológicos na região, uma vez que, em nosso entendimento, esse foi um

grande impacto na construção da arqueologia no contexto Serra da Capivara. De acordo com Mageste e Amaral (2022), esses acontecimentos entre a arqueologia, pautado na legislação em detrimento dos interesses científicos, e das comunidades culminaram em um cenário marcado por conflitos, por um lado, representou ressentimentos diante da necessidade de desapropriação, por outro, propiciou possibilidades para melhores condições de vida, a partir de ações implementadas por projetos de caráter arqueológico e ambiental, culminando na institucionalização da capital da Arqueologia no Piauí.

De fato, apesar dos desacordos entre as comunidades e as ações vigentes de legislação patrimonial e ambiental, desde o início das instalações arqueológicas sob a supervisão da Missão Francesa, posteriormente, da Fundação do Museu do Homem Americano, enquanto projetos, as repercussões arqueológicas configuraram estratégias de transformações sociais na região, com investimentos na saúde, educação e geração de empregos (Guidon, 2009; Braga, 2021; Mageste; Amaral, 2022). Essa empreitada culminou em iniciativas para incrementar a economia local, com empenhos para que os achados arqueológicos permanecessem na região Serra da Capivara e que também fossem musealizados, fomentando consequentemente, o turismo científico local. Nesse contexto, o quadro de repercussão mundial foi impulsionado pelo debate da antiguidade e ocupação das Américas, guiado pela narrativa arqueológica.

Dentro dessas investidas, foram criados na década de 1990 o Museu do Homem Americano e o Centro Cultural Sérgio Mota, interligados à sede da Fundação do Museu do Homem Americano, em São Raimundo Nonato (Figura 4). Paralelo a essas iniciativas de desenvolvimento da região, especialmente a partir de atividades ligadas ao turismo, na área do Parque Nacional Serra da Capivara, foram preparados 170 sítios arqueológicos do Parque Nacional Serra da Capivara para visitação turística, sendo que 16 desses foram habilitados para portadores de necessidades especiais.

Figura 4: Fundação do Museu do Homem Americano, localização do Museu do Homem Americano e Centro Cultural Sérgio Mota.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Diante disso, é importante ressaltar que arqueologia possibilitou a implementação de ações de melhoria econômica na região Serra da Capivara, pois além de desenvolver atividades voltadas para o turismo e pesquisa científica de maneira sustentável, ofertou emprego para a população local. Podemos mencionar aqui postos de trabalhos em incursões de campo laboratórios e museus da Fundação do Museu do Homem Americano, serviços no Parque Nacional Serra da Capivara, além do desenvolvimento de projetos voltados para apicultura sustentável e familiar, produção de cerâmica realizada na Cerâmica Artesanal Serra da Capivara, localizada em Coronel José Dias (Braga, 2021; Soares, 2023).

Dentro dessas investidas, cabe mencionar também o projeto Pró-arte, efetivado em 2001, com finalidades voltadas para apoio social e cultural de atividades socioeducativas de atendimento a crianças e adolescentes, centrado no patrimônio natural e cultural do Parque Nacional Serra da Capivara. O Pró-arte era composto por três programas, sendo eles: formação e arte na educação, relação entre arte e ciência na pesquisa e realização de eventos na Serra da Capivara, revestidos por ações pautadas na interface entre arte e educação (Soares, 2023).

As atividades ofertadas pelo Pró-arte funcionaram de modo rotativo, abrangendo os municípios de Coronel José Dias, São Raimundo Nonato e João Costa, ofertando aulas de educação musical, de artes plásticas, de teatros e de capoeira. Assim como de aulas de reforços escolar, atividades de leitura, escrita, literatura e idiomas, com propósitos alinhados às estruturas do Parque Nacional Serra da Capivara e do Museu Homem Americano. Disponibilizou também de cursos profissionalizantes nas áreas de topografia, desenho arqueológico, informática e guia de turismo. Contudo, as atividades desenvolvidas pela atuação do Pró-arte foram encerradas em 2008, devido à ausência de recursos financeiros para investimentos em seus projetos educativos (Soares, 2023, p. 150).

Nesse trânsito, situamos também a criação do curso de graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial, implementado em 2004, ofertado pela Universidade do Vale do São Francisco, em São Raimundo Nonato. É importante destacar que essa universidade foi a primeira instituição que ofertou curso de bacharelado em arqueologia em nível federal, no Brasil, que veio com o propósito de possibilitar a formação de pessoas do contexto Serra da Capivara em nível superior, considerando especialmente o potencial arqueológico viabilizado pela região.

Dentro desse quadro de repercussões materializadas por iniciativas arqueológicas, patrimoniais e ambientais, mobilizadas principalmente a partir de trabalhos e ações promovidas por Niéde Guidon, ressaltamos que esse movimento culminou também na instituição do escritório técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em São Raimundo Nonato, em 2004, que, por sua vez, também agregou no processo de institucionalização da arqueologia, assim como, nas pesquisas na região.

Esse movimento incitou também a criação do Museu da Natureza, em Coronel José Dias, inaugurado em 2018, sob a gerência da Fundação do Museu do Homem Americano. Seu espaço apresenta um formato espiral concêntrico, composto por doze salas dedicadas à sua exposição permanente, além disso, há também restaurante, loja, auditório, sala didática, instalações administrativas, sanitários e um espaço reservado para exposições temporárias e realização de eventos. Em resumo, o museu apresenta a evolução da natureza no seminário nordestino, com uma abordagem voltada para a temática ambiental e climática, com um recorte curatorial que enfatiza a história natural, as transformações do meio ambiente, a vida animal e mudanças climáticas da região (Soares, 2023).

Esses desdobramentos culminaram ainda recentemente na inserção do curso de Mestrado acadêmico do Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Arqueologia na Universidade Federal do Vale do São Francisco, campus Serra da Capivara, implementado em

2018. O Programa de mestrado encontra-se estruturado na área de concentração "Arqueologia e Preservação Patrimonial", articulada por meio de duas linhas de estudo: "Arqueologia, Estudos Empíricos e Transdisciplinares" e "Arqueologia, Comunidades Tradicionais e Gestão do Patrimônio Cultural", abarcando pesquisa que envolvem essas temáticas.

Para finalizar essa apresentação do processo de institucionalização da arqueologia no contexto Serra da Capivara a partir de marcos que conduzem seu desenvolvimento na região, consideramos esse apanhado, embora breve, fundamental para situar a formação e caracterização do Museu do Homem Americano. Nessa mesma perspectiva, entendemos que esse cenário acompanha as narrativas e impressões conduzidas pelas arqueólogas e arqueólogos para o museu, uma vez que esses são movimentos que causam impactos nas trajetórias desses pesquisadores, moldando suas vidas a partir de vivências e experiências que influenciam em suas formações profissionais, na construção de seus saberes e na complexidade da formulação de suas memórias. Contudo, destacamos que esse esboço não pontua todos os acontecimentos resultantes da atuação na arqueologia e, conseqüentemente, a criação do Museu do Homem Americano, mas elenca partes que compreendemos como essenciais para contextualização do museu, especialmente, aparato para entendimento das narrativas empregadas à exposição e discurso oficial do Museu do Homem Americano.

5.2 O MUSEU DO HOMEM AMERICANO

O Museu do Homem Americano (Figura 5) é uma instituição museológica de cunho privado, sem finalidades lucrativas, declarada de utilidade pública estadual e federal, destinada à exposição de pesquisas realizadas na região Serra da Capivara, desde 1973. O museu é uma entidade científica, filantrópica e de sociedade civil, cadastrada pelo Conselho Nacional de Assistência Social, cuja criação visa divulgar a importância do patrimônio cultural da região, com o objetivo de expor a antiguidade do povoamento do continente americano (Gonçalves, 2016).

Figura 5: Fachada do Museu do Homem Americano.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Constituído em 1994, o Museu do Homem Americano abriga uma exposição museológica que apresenta mais de 40 anos de trabalhos e pesquisas científicas desenvolvidas na região do Parque Nacional Serra da Capivara. Desse modo, para traçar o histórico de formação e caracterização do museu, é preciso compreender questões relacionadas ao parque, especialmente, os estudos e pesquisas desenvolvidos na região da Serra da Capivara, e seus desdobramentos e configurações enquanto parque nacional, conforme feito anteriormente.

A princípio, a ideia de criação do Museu do Homem Americano foi baseada no *Musee de l'Homme* francês, porém, este foi idealizado seguindo inspiração em vários museus, assim como nos resultados das próprias pesquisas que estavam sendo desenvolvidas na região. A construção do museu foi um processo longo. Inclusive, não foi possível a conclusão de sua construção em uma única etapa. Para sua construção, recebeu o apoio do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, do Ministério da Educação, do Ministério da Cultura, do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual IPHAN, e da Coordenação de Sistemas Nacional de Museus (Gonçalves, 2016).

Inicialmente, a instalação do Museu do Homem Americano seria na comunidade Serra Vermelha, porém, pensando em questões relacionadas ao acesso, foi direcionado para o bairro

Campestre (Figura 6), ao lado da sede da FUMDHAM, no Centro Cultural Sérgio Mota, próximo à Universidade Federal do Vale do São Francisco, e ao centro urbano de São Raimundo Nonato, localizada a 5521,9 km da capital Teresina (Mendes, 2022).

Figura 6: Localização do Museu do Homem Americano.



Fonte: Acervo da autora (2023).

É importante ressaltar que, primeiramente, a edificação do museu se tratava de um prédio aberto, com o intuito de aproveitar as condições climáticas locais, porém, ao longo do tempo, foi percebido que essa era uma situação inviável, visto que, insetos e pássaros estavam ocupando os espaços do museu, comprometendo assim suas instalações e seu acervo (Gonçalves, 2016).

Ainda de acordo com Gonçalves (2016), o prédio do museu passou por um processo de modificação em sua instalação, onde foram acionadas novas aparelhagens para sua estrutura, como ar condicionado e iluminação artificial. Desse modo, o término da construção do prédio do Museu do Homem Americano se deu em 1994, e sua exposição resultou em um legado sobre a história do processo de povoamento local, informando sobre a história do “homem” na região e suas relações com o meio ambiente, cuja inauguração da primeira expografia permanente aconteceu em 1998.

Nesse sentido, a primeira expografia permanente do museu era composta por um acervo de diversos utensílios como: artefatos líticos, cerâmicas, objetos de uso cotidiano e fósseis, dentre outros vestígios. Inicialmente, o acervo estava distribuído em três salas e um mezanino, onde cada uma expressava resultado de pesquisas que fomentavam descobertas sobre os novos paradigmas de povoamento das Américas a partir de estudos realizados na região Serra da Capivara (Gonçalves, 2016).

A primeira sala (Figura 7) concentrava-se em apresentar o Parque Nacional Serra da Capivara, elaborando um resumo sobre a origem do Homem e a evolução cultural de povos pré-históricos e seguia relatando a passagem do homem para as Américas, expondo ainda sobre o período das glaciações e sobre as pesquisas realizadas no sítio arqueológico Boqueirão da Pedra Furada (Gonçalves, 2016).

Figura 7: Imagem da primeira sala, primeira exposição permanente.



Fonte: Instagram @museudohomemamericano (FUMDHAM, 2021).

Apesar dessa sala se configurar em um espaço visto como pequeno, contava com a exposição de textos, mapas, linhas do tempo, tudo exposto em painéis de lona translúcida com imagem impressa (Figura 8) (Gonçalves, 2016).

Figura 8: Foto de mapas e informações da primeira sala, primeira exposição permanente.



Fonte: Instagram @museudohomemamericano (FUMDHAM, 2021).

Segundo Gonçalves (2016), a sala seguinte tratava-se de um salão (Figura 09), no qual informava e apresentava sobre a chegada e evolução de grupos humanos que viveram na região do Parque Nacional Serra da Capivara, há cerca de 60 mil anos A.P. Essa sala também mostrava a formação geológica da região e a reconstituição das paisagens habitadas pelas populações nos períodos do Holoceno e Pleistoceno. Dentro desse salão havia uma sala de compartimento pequeno, conhecido como espaço Mezanino, onde exibia a projeção de um ritual funerário de povos indígenas, apresentando ainda vídeos sobre o contexto do Parque Nacional da Serra Capivara, juntamente com a exibição de questões e aspectos relacionados à preservação da natureza e do patrimônio cultural. Além disso, nessa mesma sala, acontecia a exibição de gravuras e pinturas rupestres presentes na região do PARNA.

Figura 9: Segunda sala da primeira exposição permanente.



Fonte: Instagram @museudoohomemamericano (FUMDHAM, 2021).

O compartimento nomeado como Mezanino (Figura 10), dedicado aos rituais funerários, armazenava também vestígios materiais associados aos rituais de enterramentos, juntamente com um conjunto de cerâmicas, assim como um grupo de materiais líticos, que estava exposto no centro da sala, cujas datações correspondem ao período de 60.000 anos a.C. até a chegada dos povos europeus.

Figura 10: Sala denominada Mezinino na primeira exposição permanente.



Fonte: Instagram @museudohomemamericano (FUMDHAM, 2021).

A quarta e última sala era dedicada à apresentação de evidências da megafauna extinta da região (Figuras 11, 12, 13 e 14), expondo, em vitrines os fósseis que foram encontrados na área arqueológica da Serra da Capivara. Essa sala apresentava ainda informações projetadas em painéis iconográficos sobre as mudanças climáticas da região, alinhada com um grande painel de exposição sobre a fauna, no qual enfatizava aspecto da importância da biodiversidade na caatinga (Backx Sanabria, 2018).

Figura 11: Quarta sala da primeira exposição permanente I.



Fonte: Instagram @museudohomemamericano (FUMDHAM, 2021).

Figura 12: Quarta sala da primeira exposição permanente II.



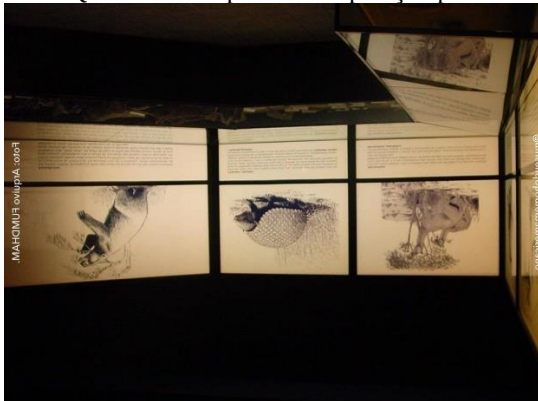
Fonte: Instagram @museudohomemamericano (FUMDHAM, 2021).

Figura 13: Quarta sala da primeira exposição permanente III.



Fonte: Instagram @museudohomemamericano (FUMDHAM, 2021).

Figura 14: Quarta sala da primeira exposição permanente IV.



Fonte: Instagram @museudohomemamericano (FUMDHAM, 2021).

De modo geral, essa organização do Museu do Homem Americano concentrou-se em sua primeira expografia, mas devido a uma dificuldade de entendimento enfrentada pelo público visitante, conforme salienta Mendes (2022), houve modificações, uma vez que a forma que a informações presentes no museu eram apresentadas por meio de uma linguagem técnica, a qual muitas vezes necessitava de um conhecimento prévio para sua compreensão. Frente a

essa dificuldade foi planejada uma exposição de fácil compreensão, cuja substituição se deu em 2005, quando foram realizadas mudanças e reformas no espaço do Museu do Homem Americano (Gonçalves, 2016).

Dentro desse processo de modificação e renovação da expografia, o Museu do Homem Americano passou ainda por dois momentos de mudanças, o primeiro, no ano de 2006, com apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por convênio com o Ministério da Cultura. Neste momento, foram inseridos novos textos e ilustrações em seu espaço. Já em 2008, ocorreu o segundo momento, tornando o museu acessível para cadeirantes e pessoas com dificuldades de locomoção. O financiamento dessas adequações especiais veio do Programa de Acervos do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), quando foram realizadas adaptações na estruturação e espaço de museu (Gonçalves, 2016).

Após as modificações, o museu deixou de possuir uma iluminação natural, e passou a possuir luz artificial, com pontos estratégicos de iluminação, cuja exposição possui uma ornamentação moderna e atrativa, com uma tecnologia voltada para interação entre o público e seu acervo. Nesse caso, a iluminação artificial passou a ser utilizada principalmente como uma ferramenta para aprimorar e dramatizar certos elementos, como vitrines e painéis de texto expostos no museu. Outro recurso incrementado no processo de mudança foram as cores, muito utilizadas para a criação de contrastes entre vermelho e preto, cujo uso faz demarcação dos elementos expositivos em textos e vitrines em paredes pretas, enquanto a reprodução de vídeos e vitrines ocorre em painéis pintados de vermelho (Backx Sanabria, 2015).

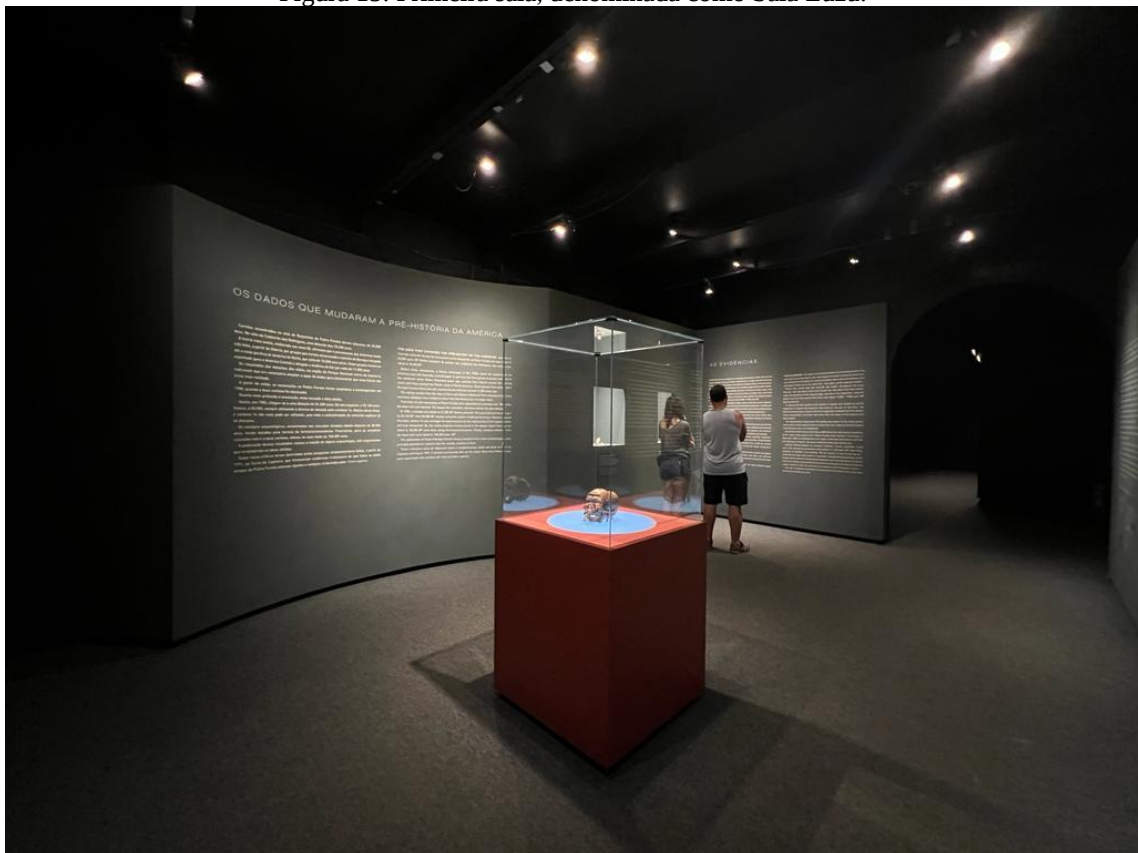
Essas mudanças no Museu do Homem Americano resultaram em sua expografia atual. A princípio, o acervo continuou distribuído em quatro salas, porém com nomenclaturas diferentes, a Sala Zuzu, a Sala Pinturas Rupestres, a Sala Morte ou Enterramentos e a Sala Materiais Líticos e Vestígios Históricos. Com essa renovação, o museu passou a ocupar tanto o espaço interno, quanto o espaço externo, fornecendo informações e dados de arqueológicos sobre o Parque Nacional Serra da Capivara, o que torna a visita ao museu um complemento, embora o museu exerça um papel independente a visita do Parque, cujo discurso está estreitamente ligado as pesquisas na região (Mendes, 2022).

Em resumo, a exposição permanente do Museu do Homem Americano se fundamenta na antiguidade e povoamento da América, quando se inicia a apresentação de uma narrativa que exprime a evolução dos hominídeos envolvendo aspectos da vida humana, com discursos construídos através de dados arqueológicos, baseados em vestígios arqueológicos, retratando aspectos de vida que mostra sua chegada ao continente, modos de sobrevivência e o encontro com os povos colonizadores.

É importante destacar que o museu é um espaço tido como autoexplicativo, o que implica na não existência de profissionais para auxiliar nas visitas do público. Porém, Moraes e Ferreira (2019) apontam que os textos expostos no museu “foram classificados como texto/discurso científico”, e que, de acordo com os autores, são textos longos apresentando uma linguagem técnica. Nesse sentido, há uma dificuldade de compreensão de quem não tenha contato com esse tipo de produção, e conexão com a exposição de cada sala durante a visita.

Desse modo, a primeira sala, denominada como *Sala Zuzu* (Figura 15), expõe um conjunto expográfico de dados arqueológicos e, ao centro, apresenta uma vitrine com o crânio de Zuzu, com datação de 9920 AP, interpretado como “um crânio masculino, oval e alongado semelhante ao tipo africano”. A sala é composta também por quatro painéis que trazem os seguintes textos: "Os dados que mudaram a pré-história da América"; "A Serra da Capivara e o povoamento da América"; "A rota Atlântica do povoamento da América" e "As evidências. A argumentação expográfica principal é a defesa da hipótese de ocupação humana na região há 100 mil anos, destacando que esses "resultados mudaram a trajetória da pré-história americana".

Figura 15: Primeira sala, denominada como Sala Zuzu.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Além disso, a sala expõe um aparelho televisor exibindo vídeos sobre as primeiras pesquisas realizadas na região, assim como vitrines com conjuntos de materiais líticos, cujas análises concebidas pelo Dr. Bonniichein, revelam datações de 100.000 anos, e de coprólito, isto é, fezes fossilizadas, com idade de 3900 anos, juntamente com textos escritos em inglês e português, informando sobre as pesquisas desenvolvidas no Parque. De modo geral, essa sala apresenta materiais e informações que tem o intuito de mostrar a presença humana de povos americanos no passado, com dados pertencentes a pré-história da América (Mendes, 2022).

A segunda sala da segunda exposição do museu, conhecida como *Sala da Pinturas Rupestres* (Figura 16), apresenta um telão com dimensões aproximadas em 13,90 metros, onde são projetados vídeos com pinturas rupestres encontradas no parque, cuja temáticas estão focadas em cenas de “luta, sexo, dança e caça”, e com sonoplastia que remete ao ambiente natural do parque, podendo ser visualizado acomodado em um banco posicionado ao frente ao telão. Essa sala expõe também um painel digital, onde são projetadas imagens de pintura em movimento, e um aparelho televisor que apresenta um vídeo sobre o parque e pinturas encontradas no parque.

Figura 16: Sala da Pinturas Rupestres, segunda sala da segunda exposição do museu.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Ainda dentro dessa sala, encontram-se duas mesas interativas (Figuras 17 e 18), uma mesa localizada na entrada da sala e outra na saída, permitindo a interação com exposição através do toque, pois estas codificam conteúdos em canais multissensoriais (Mendes, 2022). A mesa da entrada é dedicada a apresentação da região Serra da Capivara, mostrando a localização de sítios arqueológicos. A outra mesa, localizada na saída da sala, é dedicada à simulação de uma escavação arqueológica, onde é possível através de uso de um pincel o visitante entender de modo virtual como são feitos os trabalhos nos sítios do parque (Mendes, 2022).

Figura 17: Mesas interativas do Museu do Homem Americano.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 18: Mesas interativas do Museu do Homem Americano.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Assim como na sala mencionada anteriormente, essa sala apresenta a exposição de textos informativos escritos em português e inglês, intitulados como: As Pinturas Rupestres, Pré-história da Região do Parque Nacional da Serra da Capivara e As temáticas nas pinturas rupestres, com informações sobre as pinturas e gravuras encontradas na região nordeste do Brasil, com ênfase especial para aquelas que são predominantes no parque.

O mezanino constitui espaço denominado como *Sala Morte ou Enterramentos* (Figura 19), sendo dedicada à exposição de réplicas de fósseis, esqueletos e urnas funerárias, entre vestígios ósseos de adultos e crianças, cujo intuito se concentra em mostrar os processos de sepultamento e morte da região no período pré-colonial. Além disso, são expostos fragmentos de crânios, que datam de 12.250 AP, e expõe também fósseis, acompanhados de breves explicações em formato de legendas e textos, informando sobre localizações encontradas, processos de morte e dados interpretativos. Essa sala exibe também uma vitrine com vasilhas cerâmicas, e possui um aparelho televisor, onde é exibido um vídeo retratando e complementando a exposição presente nessa sala, reproduzindo cenas de um ritual funerário indígena (Mendes, 2022).

Figura 19: Sala Mezanino, espaço denominado como Sala Morte ou Enterramentos.



Fonte: Acervo da autora (2023).

A quarta e última sala, denominada *Sala Materiais Líticos e Vestígios Históricos* (Figura 20), é um espaço destinado também à exposição de artefatos arqueológicos encontrados na região do Parque Nacional Serra da Capivara, com o intuito de oferecer um resumo cronológico de ocupação da região. Os materiais dessa sala estão organizados em quinze vitrines, entre eles estão materiais líticos, vestígios cerâmicos, adornos, vestígios de ocupações mais recentes e outros.

Figura 20: Sala Materiais Líticos e Vestígios Históricos.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Esta sala apresenta uma grande quantidade de ferramentas líticas, agrupadas segundo a sua funcionalidade, onde duas vitrines se destacam pelo seu tamanho e exposição. A primeira vitrine, localizada à direita da entrada da sala, expõe materiais líticos encontrados em região do parque, acompanhados de uma legenda que informa a matéria prima de que são feitos, seguindo dos sítios arqueológicos onde foram encontrados, bem como dados e informações sobre a sua fabricação e da disponibilidade dos materiais utilizados.

A segunda grande vitrine, localizada à esquerda da entrada da sala, informando uma linha do tempo, intitulada como "Cronologia Cultural da Parque Nacional Serra de Capivara". Nesse espaço, os materiais arqueológicos são ordenados cronologicamente, formando uma linha do tempo marcada pelos seguintes períodos: "Pedra Furada I – 100.000 - 35.000 anos"; "Pedra Furada II – 35.000 - 25.000 anos"; "Pedra Furada III – 25.000 - 14.000 anos"; "Serra Talhada I – 14.000 - 10.000 anos"; "Serra Talhada II – 10.000 - 6.000 anos"; "Agreste – 6.000 - 3.000 anos"; "agricultores ceramistas – 3.000 anos"; "Vestígios europeus – do séc. XVII" (Backx Sanabria, 2015).

Ainda nesta sala, na entrada, está exposta uma pequena e isolada vitrine, apresentando um material lítico, compreendido pelo discurso arqueológico como ponta de projétil de quartzo,

datado de 8000 anos, encontrado na toca do Pica Pau (Figura 21). São expostas, também, vitrines que apresentam materiais arqueológicos que remetem à ocupação mais recente da área do PARNA, dentre eles, uma lâmina de uma espada, fragmentos de cerâmica, moedas, uma chave de ferro, uma bala de arma, dois recipientes de água, panela e cuscuzeira (Backx Sanabria, 2015).

Figura 21: Ponta de projétil de quartzo exposta na Sala Materiais Líticos e Vestígios Históricos.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Atualmente a visitação pública ao Museu do Homem Americano é estabelecida em dias e horários semanais, concedida através da venda de ingressos. Estes, por sua vez, são limitados em 200 ingressos/visitantes diários. No que se refere aos horários, nos dias de quarta-feira, sexta-feira e sábado, seu espaço é aberto para contemplação pública das 13:00h às 19:00 h, quinta-feira e domingo, das 10:00h às 19:00 h para visitação, com fechamento da bilheteria de ingresso às 18:00 horas. O valor da entrada inteira corresponde a 30 reais, ficando a meia entrada, para estudantes mediante apresentação da carteira estudantil e visitantes com idade acima de 60 anos, no valor de 15 reais.

Apresentado o contexto de formação, histórico e caracterização do Museu do Homem Americano, a partir de seus processos de institucionalização da arqueologia, considerando sua

exposição e discurso oficial construído para sua expografia, passaremos a refletir sobre a impressões e percepções atribuídas ao seu contexto a partir de narrativas construídas por arqueólogas e arqueólogos do território Serra da Capivara. É importante salientar que estamos buscando catalisar visões para o museu que, na oportunidade, estas podem compactuar com sua exposição e narrativa, ao mesmo tempo, podem informar novos e diferentes olhares sua composição, seguindo perspectivas afetivas, críticas e complementares. Nesse viés, informamos que iniciativas para esse mesmo objetivo já têm sido provocadas sobre o museu, essas presentes em estudos e pesquisas que problematizam o desfecho arqueológico na região, assim como o papel que o Museu do Homem Americano assume e desempenha em âmbitos científicos, acadêmicos e sociais, especialmente, na região da Serra da Capivara.

Dito isso, apresentaremos essas narrativas discutindo com trabalhos que já apontam e incitam a existência e possibilidade de diferentes olhares construídos para o museu do Homem Americano, que, inclusive, problematizam os conflitos e acordos desempenhados pela arqueologia na região, e, conseqüentemente, impactam na consolidação do museu. Destacamos, aqui, que nosso interesse reside em compreender a exposição e narrativa oficial do museu, ampliando seu discurso, oportunizando através de perspectivas decoloniais e afetivas diferentes percepções para o seu acervo, evidenciando apropriações configuradas no decorrer do tempo.

6 TRAJETÓRIAS DE VIDA E PERCEPÇÕES SOBRE O MUSEU DO HOMEM AMERICANO: NARRATIVAS, SABERES E EXPERIÊNCIAS MOLDADAS PELO AFETO E VIVÊNCIA.

Esse capítulo contém as apresentações e reflexões finais da pesquisa aqui empreendida. Para tanto, apresento narrativas construídas para o Museu do Homem Americano, as quais envolvem desde exposição de materiais e informações arqueológicas fundamentadas no discurso oficial do museu, até as impressões de arqueólogas e arqueólogos pertencentes à região Serra da Capivara. Para este último caso, entretanto, prevaleceram abordagens condicionadas por saberes e conhecimentos arqueológicos contemplados pela arqueologia afetiva e decolonial, nas quais foram considerados vivências pessoais e profissionais dos participantes dessa pesquisa.

Nesse enquadramento, inicio discorrendo sobre a trajetória de vida de cada colaborador a partir de envolvimento com o Museu do Homem Americano, especialmente, a partir de momentos vivenciado em primeiros contatos com o museu, assim como suas maneiras de compreender essa instituição museológica atualmente. Em conjunto a essa iniciativa, apresento reflexões arqueológicas formuladas por colegas da arqueologia para o Museu do Homem Americano, evidenciando apropriações constituídas na interface entre conhecimento especializado e afeto.

6.1 ANDERSON WALLECY RODRIGUES DE CARVALHO: CONCEPÇÕES SOBRE O MUSEU DO HOMEM AMERICANO

Anderson Walley Rodrigues de Carvalho recorta a sua trajetória a partir de sua escolha acadêmica, que só foi possível se concretizar efetivamente a partir do momento que o mesmo iniciou seus estudos no curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco, campus Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato.

Embora Anderson seja pertencente ao contexto Serra da Capivara, por ser da cidade de João Costa, município pertencente região que possibilitou a criação do Museu do Homem Americano, através do desenvolvimento e realização de pesquisas arqueológicas, o mesmo não conhecia o museu antes de seu curso de graduação. Em sua infância e adolescência, Anderson ouvia falar no Parque Nacional Serra da Capivara e no Museu do Homem Americano, porém não teve oportunidade de visitar o museu. Escutava falar que em São Raimundo Nonato tinha um museu, um museu de arqueologia, era o Museu do Homem Americano.

Dessa maneira, essa história começa ser traçada em 2015, quando o Anderson iniciou seu curso de graduação. Na época foram realizadas visitas o Museu do Homem Americano, para desenvolvimento de atividades propostas pelas disciplinas. Nesse período, Anderson teve a oportunidade de conhecer o museu, apreciar um lugar que até então só ouvia falar com frequência.

Essas visitas possibilitadas pelas disciplinas do curso correspondem a duas idas ao Museu do Homem Americano para contemplação do seu espaço interno, momentos em que Anderson teve a oportunidade de conhecer a exposição do museu. Segundo suas narrativas, essas duas primeiras visitas foram nos anos iniciais de sua graduação, nesse período o mesmo menciona que buscou captar o que o museu estava proporcionando como experiência audiovisual.

Ainda por intermédio do seu curso de graduação, Anderson foi até o Museu do Homem Americano através do desenvolvimento do projeto de extensão do Programa de Educação Tutorial, onde atuava como membro. De acordo com Anderson, nesse momento, terceira vez de visita, o mesmo foi como monitor do projeto durante a realização de uma visita guiada ao museu, com alunos da rede pública de ensino de São Raimundo Nonato, Piauí (Figura 19).

Figura 22: Anderson no Museu do Homem Americano.



Fonte: Acervo Anderson Wallecy Rodrigues de Carvalho (2023).

Em suas falas, Anderson argumenta que nessa terceira visita, sua experiência não foi de deleite próprio do Museu do Homem Americano, mas de facilitador para tornar a narrativa arqueológica em volta do museu algo palpável e compreensível para os alunos das escolas

municipais que o mesmo estava acompanhando. De acordo com suas narrativas, esse exercício o fez perceber um pouco das características dessa instituição, captando esse ponto de vista pessoal, articulando com a interação dos alunos que o mesmo estava conduzindo durante a visita.

Em resumo, ao todo foram três visitas ao longo da sua trajetória de discente de graduação, que ocorrem entre os anos de 2015 a 2019, período de início e conclusão do seu curso, onde o mesmo tornou-se arqueólogo do território Serra da Capivara. Dessa maneira, os motivos que levaram Andersom a conhecer e visitar o Museu do Homem Americano foram estritamente acadêmicos, seja por meio da presença nas disciplinas de campo da graduação, ou pela participação em atividades extracurriculares.

Nesses movimentos, Anderson argumenta que percebe sua história como arqueólogo foi fortemente influenciada por uma perspectiva política da arqueologia que o direcionou para uma atuação mais engajada e pública. E esse fato se culminou, primeiramente, através da necessidade do uso das políticas de cotas para ter acesso ao ensino superior, e posteriormente, pelos estudos sobre os processos de formação da nossa sociedade a partir da assimilação cruel das populações indígenas e negras, e como isso gerou o processo de desigualdade social no Brasil, que são aspectos que atualmente também influenciam em sua concepção sobre o Museu Homem Americano.

Em suas falas Anderson menciona que após a graduação, não desenvolveu nenhuma relação profissional ou de parceria acadêmica com o Museu do Homem Americano, mesmo continuando com seus estudos atuais em arqueologia pública através do mestrado em Arqueologia, ofertado também pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. No entanto, o mesmo atualmente enxerga o museu:

Como uma importante instituição para manutenção do *status quo* da arqueologia e do fomento do turismo na área arqueológica da Serra da Capivara. Assim como vejo aliado a importância da Universidade Federal do Vale do São Francisco no desenvolvimento do ensino, da pesquisa e extensão da arqueologia nessa região (Entrevista concedida pelo arqueólogo Anderson Wallecy Rodrigues de Carvalho, 2023).

No entanto, em suas narrativas arqueológicas, Anderson salienta que o acervo e discurso do Museu do Homem Americano segue a reprodução de uma narrativa tradicional da arqueologia, como uma ciência empírica que precise ser neutra, imparcial e pautada por métodos científicos, que muitas vezes afasta o pesquisador do seu contexto social e político. Ressalta ainda que essa despolitização dos dados arqueológicos diminui o alcance da arqueologia na sociedade civil, principalmente em causas sociais, perpetuando assim, um sentimento de indiferença com relação à preservação dos contextos arqueológicos.

Nessa mesma linha de raciocínio, o arqueólogo acrescenta que:

A produção de saberes do Museu do Homem Americano seja voltada principalmente para formação de novos cientistas, por isso a adoção de métodos mais rígidos e racionalizados a partir do método empírico das ciências naturais. Contudo, é necessário que essa geração tenha, além do domínio da produção científica em si, um senso crítico sobre a sociedade em que vivemos, fortemente marcada pela desigualdade de classe, gênero e raça (Entrevista concedida pelo arqueólogo Anderson Wallecy Rodrigues de Carvalho, 2023).

Nesse sentido, na perspectiva de Anderson existe um sentido problemático na aplicação de uma ciência rígida que influenciou a maneira como foi conduzida e efetivada a criação do Parque Nacional Serra da Capivara na década de 1980, consequentemente na criação do Museu do Homem Americano. Visto que, por mais que essas questões sejam percebidas, até hoje isso se contrapõe a uma perspectiva decolonial, por exemplo, por meio da gestão centralizada dos bens arqueológicos do contexto Serra da Capivara, que no entendimento do pesquisador isso se perpetua em uma relação de assimetria com as comunidades locais.

No entanto, em sua concepção, Anderson argumenta que por outro lado, em decorrência da criação do Parque Nacional Serra da Capivara, foi implantado em 2003, o curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial na região. Por sua vez, esse se tornou um importante instrumento de reparação dessa problemática através da formação dos descendentes diretos das comunidades locais, que foram afetadas pela criação do parque e, consequentemente, trazer novas formas de fazer arqueologia no território Serra da Capivara. Dessa maneira, o mesmo enxerga um contexto marcado por acordos e conflitos, mas que pode ser ressignificado com a formação de uma nova geração de arqueólogos e arqueólogas e do fomento de novas abordagens arqueológicas.

Diante das narrativas do arqueólogo Anderson é possível perceber que suas reflexões acerca do Museu do Homem Americano segue uma perspectiva de arqueologia aberta, atenta para as colonialidades presentes nos processos de produção de conhecimentos arqueológicos. Visto que em suas falas o mesmo salienta o caráter universal presente no discurso do museu, e discute como isso afeta a sociedade em termos de envolvimento com o acervo do museu. Além disso, seu entendimento está pautado em noções contemporâneas da arqueologia afetiva e decolonial, à medida que suas narrativas emergem de lugar de vivência e experiência com a realidade local, da qual considera sua posição enquanto arqueólogo do contexto Serra da Capivara e repercussões que a arqueologia operacionalizou em sua trajetória pessoal e acadêmica.

Dessa forma, acredito que as apropriações e percepções de Anderson sobre o Museu do Homem Americano estão vinculadas com a desobediência epistêmica proposta nas discussões de Mignolo (2017). À medida que, seu olhar sobre o discurso do museu observa a construção de um conhecimento imposto via regra, vinculado com uma perspectiva universal, presente na base das ciências tradicionais e rígidas, que atendem demandas do projeto colonial e moderno, que são questões levantadas por intelectuais como Dussel (1993) e Maldonado-Torres (2007). Embora Anderson não aborde necessariamente a questão do sistema colonial e moderno em suas falas, percebo que sua compreensão sobre o Museu do Homem Americano está centralizada na identificação de colonialidades do poder, do saber e do ser que fundamentam narrativas tradicionais, que devem ser problematizadas frente as demandas do presente.

Para concluir, particularmente, concordo com as discussões de Anderson, especialmente, quando o mesmo aponta que o Museu do Homem Americano segue uma narrativa tradicional da arqueologia, pois também percebo que a atuação arqueológica nessa instituição museológica é regida por parâmetros eurocêntricos e rígidos, onde o museu centraliza sua narrativa no conhecimento dito científico, enfatizando uma história organizada por uma longa cronologia. Assim como Anderson, acredito também que o curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial aparece nesse contexto como um instrumento possível de reparação dessa construção, e compreendo ainda essa pesquisa de mestrado como uma resposta para essa realidade, que oportuniza a construção de conhecimentos arqueológicos embasados em vivências e experiências arqueológicas nativas, ofertadas através de saberes de arqueólogos e arqueólogas pertencente ao território Serra da Capivara.

6.2 AMANDA PAES LANDIM SILVA: UMA RELAÇÃO DE PERTENCIMENTO E AFETIVIDADES

A princípio, a história da arqueóloga Amanda Paes Landim Silva, quando pensada no âmbito do seu envolvimento com o Museu do Homem Americano, se resume em uma relação marcada pela visita constante em termos de acesso ao ambiente do museu, isto é, a contemplação da exposição museológica. Tais visitas culminaram em estreitas conexões estabelecidas pelo fato de pertencer ao contexto da Serra da Capivara, cujas pesquisas culminaram na formação do Museu do Homem Americano, que por sua vez, configura uma relação de pertencimento. Além disso, esse contato com o museu formulou diferentes maneiras de ver e entender seu acervo e narrativa, especialmente, após o início do curso de Arqueologia

e Preservação Patrimonial e, conseqüentemente, desenvolver pesquisas arqueológicas no território Serra da Capivara.

Em suas narrativas, Amanda menciona que não se recorda necessariamente quantas vezes visitou o Museu do Homem Americano, mas assume que por muitas vezes adentrou aos compartimentos do museu. Essas visitas aconteceram por diferentes motivos, estes organizados basicamente em três finalidades: curiosidade, visita escolar e atividades acadêmicas. É importante mencionar que essas idas ao museu aconteceram em momentos diferentes, esses distribuídos desde sua infância até os dias atuais, que de acordo com a mesma proporcionou diferentes experiências e olhares distintos para seu entendimento do Museu do Homem Americano, especialmente, sua concepção de patrimônio.

De acordo com Amanda, sua primeira visita ao Museu do Homem Americano foi na época da escola, no período do ensino fundamental, na 5ª série, porém não se recorda com muitos detalhes. Essa visita foi organizada pela sua professora de História, na época em que estava ofertando aula sobre evolução humana. Assim, organizou junto com outros professores a visita. No dia marcado, todos foram em um ônibus lotado, que acomodou todas as turmas da escola de Amanda. Apesar de uma viagem desconfortável, a arqueóloga relembra que foi um passeio legal.

Sobre o passeio, Amanda reflete que não tinha o entendimento que hoje tem sobre o museu, sua contemplação estava mais voltada para curiosidade em conhecer os materiais que estavam ali expostos. Relata que olhava o acervo, mas não tinha noção do tamanho da importância do mesmo para a região. Para a mesma, naquele momento, era só algo para guardar materiais de um passado muito distante, que falava sobre coisas bem antigas que foram encontradas em pesquisas arqueológicas da região Serra da Capivara.

A segunda visita que a mesma realizou no Museu do Homem Americano foi no período em que realizou sua matrícula no curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial, no auditório do museu, local que ocorreu a chamada de alunos para ingressar em Arqueologia no ano de 2015. Amanda relata que nesse dia, contemplou o ambiente externo do museu, e andou em boa parte do local, observando coisas que não tinha se atentado na primeira visita. Ali percebeu que cada visita era uma experiência diferente e nunca observava as mesmas coisas, eram sempre outras.

Ao observar o ambiente e ver os materiais arqueológicos ali expostos, Amanda começou a se questionar sobre fazer o curso de arqueologia e naquele momento estar em um museu que também é de arqueologia, e conhecer tão pouco e não entender quase nada, especialmente, por ser da região e ter crescido ouvindo os comentários que circulavam sobre pesquisas

arqueológicas na região. Para a mesma, essa era uma realidade tão próxima, por morar perto do museu, entorno de 10 quilômetros, mas tão distante em termos de conhecimentos sobre o que de fato era museu e o que era arqueologia.

Dentro dessas inquietações, Amanda discorre que a forma de compreender o Museu do Homem Americano no seu modo de ver foi se transformando, e quando já estava fazendo o curso de arqueologia percebeu de maneira mais ampla a importância do museu para o território Serra da Capivara, principalmente para falar da arqueologia local. À medida que as aulas da graduação foram acontecendo, as disciplinas de Desenho Arqueológico e Informática foram aplicadas na instituição onde funciona o museu, e agrega os laboratórios onde são ofertadas as aulas. Nesse período, seu contato com o museu foi se intensificando, mesmo que na maioria das vezes apenas em partes externas.

Ao relatar as aulas da graduação, Amanda rememorou suas idas ao museu e compartilhou uma imagem de uma aula da disciplina de Desenho Arqueológico (Figura 23). Em seguida, declarou que estas idas ao museu, juntamente com o conhecimento que estava se acumulando de outras disciplinas, mudou seu entendimento sobre o museu. Nesse período, Amanda pode observar os materiais e os textos expostos do museu, aprendendo e compartilhando outras experiências com aquele lugar, e relata que já era uma relação afetiva, onde cursar arqueologia estava trazendo novas formas de ver e entender o Museu do Homem Americano, e passou a entender que no museu tem muitas histórias, para além das apresentadas em seu discurso oficial que se popularizou falando da antiguidade do Homem Americano.

Figura 23:Aula de Desenho Arqueológico em laboratório.



Fonte: Acervo Amanda Paes Landim Silva (2023).

Na última visita de Amanda realizada no Museu do Homem Americano, a mesma registra que esta aconteceu ano passado, em 2022, e relata que adentrou o museu com um olhar arqueológico pautado em vertentes arqueológicas contemporâneas, onde o museu que em sua infância e adolescência foi visto como um lugar de guardar coisas bem antigas, atualmente é espaço aberto para problematizar essas próprias questões e é aberto para outras narrativas. Essa visita a mesma realizou comigo, foi me acompanhar em uma atividade de campo do mestrado para realizar o registro fotográfico das coleções museológicas do museu, e dar andamento na descrição de formação e caracterização do museu em minha pesquisa.

Em seus relatos Amanda menciona que nesta última visita já estava cursando o mestrado em Arqueologia e já tinha amadurecido mais ainda sua perspectiva sobre museu, especialmente, sobre a forma que o Museu do Homem Americano apresenta os dados arqueológicos, isso considerando abordagens recentes defendidas pela arqueologia e museologia. Dentro dessa reflexão, a pesquisadora narra:

Hoje eu entendo, vejo o museu e a organização dos acervos de forma diferente e também vejo a importância da arqueologia para nossa cidade, com os acervos presentes no museu a gente pode imaginar as histórias e memórias construídas através dos objetos locais, mas é algo que de certa maneira nos situa em um lugar muito distante, não que isso não seja importante, porque é relevante sim, mas de certa forma nos deixa reflexivos sobre as histórias mais recentes de pessoas que participam

daquele contexto, mas não aparecem ali, estas também reconfiguraram a maneira de ver este local, visto que o mesmo está localizado na região, onde a mesma tem bastante influência e relação com grupos indígenas que habitaram este local, fico pensando que poderia também abranger essas histórias e narrativas, uma arqueologia do presente, e não somente o foco na pré-história (Entrevista concedida pela arqueóloga Amanda Paes Landim Silva, 2023).

Após essa fala, Amanda conclui que essa forma de atualmente ver o Museu do Homem Americano é apenas uma reflexão e uma observação que a mesma tem sobre os acervos, da qual mostra o amadurecimento desses campos para além do passado. E reflete que o museu foi um lugar que levantou seus questionamentos sobre arqueologia, principalmente, como compreender o passado dentro da arqueologia. Nessa mesma linha de raciocínio, completa que a arqueologia é capaz de nos transformar e nos deixar mais abertos para a inserção de outras histórias e pontos de vista sobre o Museu do Homem Americano e pensar para além do que está ali exposto e narrado. Assim em sua concepção a exposição, tem camadas de significados que não estão declarados, mas se encontram presentes, podendo ser lidas pelo olhar interessado.

Na percepção da Arqueóloga Amanda, o Museu do Homem Americano se configura como uma:

Instituição que se destina a preservação das histórias e memórias locais, que segue uma normativa construída pela base científica, e que nos dias de hoje nos permite ir além do que constitui o museu a partir dos acervos e textos que lá estão expostos, e pensar outras histórias que ali não são contadas, mas que fazem parte da exposição (Entrevista concedida pela arqueóloga Amanda Paes Landim Silva, 2023).

Embora, a mesma apresente esse olhar crítico sobre o Museu do Homem Americano, marcado pela afetividade, que em meu entendimento essas reflexões vão de encontro as abordagens do pensamento decolonial proposto por autores como Mignolo (2010), atento para a lógica da violência epistêmica presente em narrativas eurocêntricas, com uma única maneira de falar sobre o patrimônio. Que por sua vez, elege um discurso único, pautado em uma interpretação naturalizada em uma vertente hegemônica, que neste caso prioriza abordar um passado distante a partir de evidências arqueológicas. Amanda compreende o Museu do Homem Americano como um importante ponto para pensar a arqueologia em nossa região e uma história construída pelos dados arqueológicos ali apresentado sobre nossa região, e que se consolida e possibilita esse seu olhar de diferentes momentos para o museu, este olhar que vem de impactos e afetividades.

Ao mencionar impactos e afetividades, a arqueóloga Amanda apresenta a própria chagada da arqueologia na região, e suas respectivas descobertas e histórias que permeiam nossa região, e crescer acompanhando esses movimentos, mesmo que em partes, visto que com a chegada da Niede Guidon muitas coisas mudaram. Menciona também que com a criação do

Parque Nacional Serra da Capivara veio outras oportunidades para os moradores locais, para uma arqueologia local, essa que trouxe a oportunidade de formar profissionais para atuar na arqueologia, esses por sua vez, fazem parte dessa história e participam dessa trajetória, e atualmente possibilita pensar o Museu do Homem Americano a partir desse enredo.

Dentro dessas oportunidades, Amanda cita que teve a possibilidade de formar em Arqueologia e Preservação Patrimonial, em 2019, e de certa maneira participar dessa construção, justamente por ter uma trajetória acadêmica e profissional impactada por todos esses processos configurados pela arqueologia, e desenvolver pesquisas no seu local de origem, que consequentemente, influenciam em sua maneira de ver e compreender o Museu do Homem Americano.

Na minha percepção as narrativas de Amanda podem ser compreendidas na chave da desobediência epistêmica, à medida que, suas reflexões buscam romper com a postura excludente presente na narrativa oficial do Museu do Homem Americano, ao abordar, por exemplo, populações indígenas recentes. Além disso, seu olhar está atento para as colonialidades presentes nos processos de produção de conhecimentos, conforme aponta Lugones (2008), uma vez que, suas narrativas estão concentradas em perspectivas que compreendem museu como um lugar para construção de diferentes histórias e memórias.

6.3 GÉSSIKA SOUSA MACÊDO: AFASTAMENTO, IMPACTO, INCÔMODO, AFETIVIDADE E PERTENCIMENTO COM O MUSEU DO HOMEM AMERICANO.

Histórias bem diferentes... cada uma aborda uma questão, uma situação, uma relação, um contexto, um momento e uma pequena parcela de episódios que se atrelam com a história da arqueologia na região, cruzada com o Museu do Homem Americano. Aqui uma reflexão com as apropriações e percepções de Géssika Sousa Mâcedo sobre o acervo e discurso desse museu movida por questões de afastamento, impacto, incômodo, afetividade e pertencimento, com olhares críticos e afetivos, configurados por experiências que constroem uma perspectiva diferente sobre o Museu.

Géssika é arqueóloga pertencente ao território Serra da Capivara, moradora do município de São Braz do Piauí, com uma trajetória de vida marcada pelos desdobramentos da institucionalização da arqueologia na região. Abordar essa passagem é introduzi informações que justificam suas concepções atuais sobre o Museu do Homem Americano, das quais envolvem vivências desde sua infância, até suas experiências enquanto arqueóloga e pesquisadora do contexto Serra da Capivara.

Em períodos que antecederam sua entrada no curso de graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial, Géssika não visitou espaço físico do Museu do Homem Americano, pois não teve oportunidade de ir até a instituição museológica. Porém, Géssika relata que sempre ouviu falar no Museu e nas pesquisas arqueológicas que acontecem no território Serra da Capivara e menciona que uma vez a escola que é a mesma estudava ensino fundamental organizou uma excursão de visita com sua turma, contudo, ela não conseguiu ir nessa viagem.

É importante mencionar que em pesquisas do contexto Serra da Capivara, durante trabalhos arqueológicos realizados em São Braz do Piauí, em sua infância Géssika presenciou a escavação de áreas com a presença de urnas. Géssika narra que foi um momento muito rápido, que estava vindo de sua escola juntamente com seus colegas, onde observou de longe. Devido a presença de muitas pessoas, não conseguiu ver muita coisa. A mesma relata ainda que sempre ouviu muito falar nas urnas de São Braz do Piauí e sabia que algumas dessas urnas estavam expostas no Museu do Homem Americano.

Com o desenvolvimento de pesquisas arqueológicas na região do Parque Nacional Serra da Capivara, São Braz do Piauí, município pertencente ao contexto Serra da Capivara, tornou-se interesse do campo da arqueologia devido a presença de vestígios arqueológicos, especialmente, de urnas, em seu contexto. Dessa maneira, esse local passou a ser entendido como um sítio arqueológico a céu aberto, apresentando uma relação direta com os estudos desenvolvidos na região.

Assim, em suas falas, Géssika narra que quando nascemos na região, em algum momento é possível ouvir falar sobre o Parque Nacional Serra da Capivara e o Museu do Homem Americano, tais lugares vão ser temas de alguma coisa na escola. Para além da escola, essas temáticas aparecem em nossas vidas, seja por noticiários, rádio, televisão ou mesmo em conversas informais, pois é algo que se relaciona com a presença constante de práticas arqueológicas no contexto nos últimos 50 anos. De todo modo, as visitas de Géssika ao Museu do Homem Americano aconteceram após sua entrada no curso de graduação, em 2015, onde foi possível ter contato com acervo e visualizar coisas que até então eram assuntos que a mesma ouvia falar.

A princípio, Géssika narra que as visitas ao Museu do Homem Americano foram ‘legais’, tendo gostado bastante de conhecer o espaço. Particularmente, a sala dos enterramentos foi impactante, especialmente onde são reproduzidos os vídeos dos rituais funerários como parte da exposição. Para Géssika, ver as urnas de São Braz do Piauí expostas também foi um momento especial, atentando-se tanto para as dimensões das urnas, quanto para os ossos que estavam dispostos (Figura 24). Dessa maneira, pode ver materializada as urnas que sempre ouvi

falar, as urnas das escavações de São Braz do Piauí, aquilo que chamava a atenção dos pesquisadores e suscitavam escavações, alvos se sua curiosidade desde a infância.

Figura 24: Urna com enterramento de São Braz do Piauí.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Diante disso, Gécika diz que suas narrativas envolve o seu autorreconhecimento como arqueóloga de São Braz do Piauí, aprendendo a viver dentro de um sítio arqueológico, que é São Braz do Piauí. Para a arqueóloga isso transforma totalmente sua percepção de passado, que é dotada de profundidade. Então Gécika argumenta que suas falas são alimentadas desde o não reconhecimento nas primeiras visitas no Museu do Homem Americano. Assim como da escuta da comunidade, a escuta de pessoas que trabalharam direto ou indiretamente com os pesquisadores e as pesquisadoras desse outro lado do que é fazer pesquisa e lidar com coisas arqueológicas e não reconhecer, inclusive vestígios arqueológicos que estão expostos no Museu do Homem Americano.

Acrescenta ainda que, falar sobre o Museu do Homem Americano é mergulhar em temas da Arqueologia, não só da história em si, mas da sua história, pensando nas narrativas, pensando no conhecimento de pessoas que se identificavam como indígenas, de pessoas que contavam

histórias e falavam sobre encantamentos e “encantados”⁴. É falar de um lugar que envolve a escuta de pessoas que falavam sobre suas relações com aquelas coisas, aquelas coisas antigas, como as urnas, por exemplo que estão expostas no museu. Então, tem uma conotação para além da pesquisa, da narrativa arqueológica, tem uma conotação pessoal muito forte, que perpassa, valoriza e reforça esse lado da ancestralidade.

Contudo, Géssika argumenta que sua relação com o Museu do Homem Americano, é algo complexo, que não sabe dizer bem. Não consegue explicar como é essa relação com o museu, porque ela já foi muitas coisas. Nesse sentido, estabelece dois momentos diferentes, que envolvem seu lugar de pessoa pertencente ao contexto Serra da Capivara, assim como seu lugar de pesquisadora da região.

Em primeiro momento, essa relação foi distante, principalmente, pensando no sentimento de distanciamento com o Museu do Homem Americano, em termos de acesso e também devido sua narrativa oficial. Desse modo, explana que a narrativa do Museu do Homem Americano acaba sendo unificadora, que obviamente muitas outras questões não são colocadas ali.

Em um segundo momento, essa relação com o Museu do Homem Americano, já é outra, não é mais de distanciamento, mas uma relação de identificação, onde Géssika pontua uma relação mais próxima. No entanto, essa aproximação não se estabelece com o discurso, mas com os objetos que estão expostos dentro do Museu do Homem Americano, onde existe o reconhecimento da importância dos materiais arqueológicos pensando em sua ancestralidade e também para a história da região e da América.

Nessa mesma linha de raciocínio, Géssika ressalta que ver:

O Museu do Homem Americano, como um esse importante testemunho, pensando tanto na valorização dos trabalhos realizados na região, e também pensando criticamente nas omissões, que não é uma coisa que não é só do museu, mas de quem está por trás do museu, né, e é uma certa resistência em outras narrativas que é comum nessas instituições muito consolidadas, e que precisam estar muito consolidadas. Então é também essa visão dependendo do ponto de vista, pra mim é um importante lugar de salvaguarda, que precisa ser valorizado, e ao mesmo tempo ele é essa instituição normativa, que acaba também trazendo um distanciamento da comunidade que mora realmente ali (Entrevista concedida pela arqueóloga Géssika Sousa Macêdo, 2023).

Géssika acrescenta que entende que o Museu do Homem Americano está estruturado dentro de uma narrativa homogeneizada, uma narrativa que busca sempre estar firme, que dificilmente incorporam outras sugestões. A partir dessa visão, Géssika pontua duas questões que aparecem em algumas pesquisas arqueológicas do contexto Serra da Capivara, que estão

⁴ Entidade sobrenatural, que não pode ser visto.

distribuídas ao longo do Parque Nacional Serra da Capivara, no Museu do Homem Americano, e também no Museu da Natureza. No entanto, suas falas priorizaram a realidade do Museu do Homem Americano, ressaltando especialmente sua narrativa oficial do museu.

A primeira questão diz respeito ao reforço do extermínio, o reforço do extermínio indígena, e tratando esse “índio”, como um ser cristalizado no tempo, muito recuado no tempo, que só serviria ali no Museu do Homem Americano para reforçar e fundamentar essa teoria de antiguidade. Com um discurso que apresenta corpos muito antigos, argumentando presenças muito antigas na região, Géssika acredita que o discurso valoriza a ideia de antiguidade do Homem Americano. Dessa forma, sente falta de reflexões sobre o contexto de produção desses estudos, de como foi realmente a criação do Parque Nacional Serra da Capivara, pensando principalmente na comunidade Zabelê, que vivia no epicentro do parque, estes grupos ficam a parte das coisas que aconteceram na história.

Nesse trânsito, percebo que Géssika apresenta olhares atentos para a violência epistêmica, que resulta no apagamento de grupos sociais, desfazendo de fato como a sociedade se organiza, pois sua concepção em âmbitos patrimoniais identifica uma posição de ciência universal no Museu do Homem Americano. Além disso, em suas narrativas é possível perceber que essa instituição museológica representa de maneira muito específica um espaço tradicional, enraizado em teorias e metodologias que não elegem como foco as conexões e efeitos do passado no presente.

A segunda questão diz respeito a população do município de São Braz do Piauí, onde seus moradores aparecem no Museu do Homem Americano como depredadores de urnas (Figura 25). Géssika fez essa observação logo durante sua primeira visita ao museu. Assim, a mesma relembra que isso foi algo que chamou sua atenção, pensar e ver à comunidade de São Braz do Piauí como destruidores do patrimônio em legendas do Museu do Homem Americano foi algo que a incomodou.

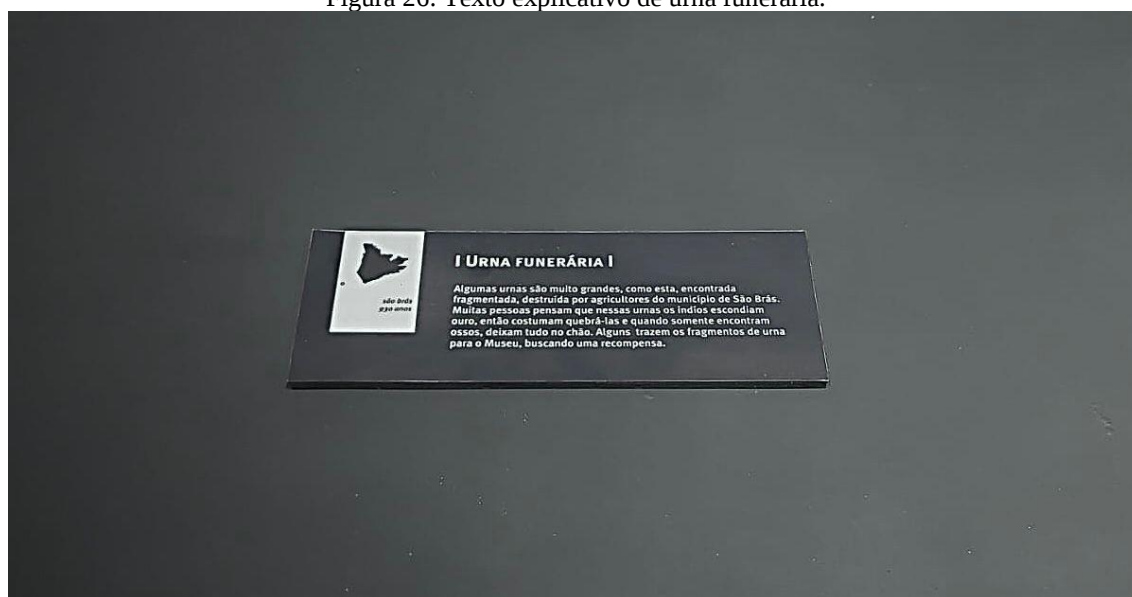
Figura 25: Urna funerária de São Braz do Piauí.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Géssika relata que foi muito impactante ler em textos auto-explicativo do Museu do Homem Americano que a população de São Braz eram agentes destruidores de urnas, como é o caso por exemplo do texto “Algumas urnas são muito grandes, como esta, encontrada fragmentada, destruída por agricultores do município de São Brás. Muitas pessoas pensam que nessas urnas os índios escondiam ouro, então costumam quebrar-las e quando somente encontram ossos, deixam tudo no chão. Algumas trazem os fragmentos de urna para o museu, buscando uma recompensa” (Figura 26). Dessa forma, Géssika conclui que talvez esse incômodo até tenha motivado a fazer muitas outras perguntas sobre São Braz do Piauí, e trabalhar essas questões em suas pesquisas arqueológicas, iniciadas no período da graduação, prosseguiram no mestrado e atualmente são desenvolvidas em seu doutorado.

Figura 26: Texto explicativo de urna funerária.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Essa mesma observação de Géssika em relação à população de São Braz do Piauí é feita nos estudos de Backx Sanabria (2018), onde a mesma argumenta que essa informação utilizada para justificar e explicar a fragmentação de algumas urnas é atribuída a agricultores do município de São Braz do Piauí, onde estes aparecem e são vistos como destruidores, constituindo representações negativas, uma vez que, as pessoas são tratadas como depredadores do patrimônio arqueológico aos olhos da comunidade científica.

Dessa maneira, entendo que ao abordar as urnas de São Braz do Piauí, Géssika tem um olhar arqueológico que vai além da versão estabelecida pela ciência tradicional que constitui o Museu do Homem Americano, sua visão está desviada do seu discurso oficial. Pois a arqueóloga percebe uma interpretação violenta para o patrimônio em termos de apresentação do museu, à medida que, constrói uma relação entre materiais fragmentados e a atuação da população de São Braz do Piauí como destruidores. Dito isto, compreendo que as percepções de Géssika se concentram dentro dos desdobramentos da desobediência epistêmica, visto que suas falas emergem com novas maneiras de entender a relação da sociedade com o patrimônio, não apenas do patrimônio institucionalizado, mas também do seu contexto. Dito isto, compreendo que em suas falas Géssika denuncia a colonialidade e ao mesmo tempo, aponta um caminho para a produção de uma ciência engajada, que é expressa nos caminhos que tomou suas reflexões sobre arqueologia.

6.4 JAIME DE SANTANA OLIVEIRA: NARRATIVAS ARQUEOLÓGICAS SOBRE O MUSEU DO HOMEM AMERICANO

As vivências e experiências de Jaime de Santana Oliveira narradas sobre o Museu do Homem Americano envolvem histórias marcadas por movimentos proporcionados a partir dos seus estudos no curso de graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco. Dessa maneira, apresentar essa história, embora de maneira breve, é fazer recortes de acontecimentos ligados a seu envolvimento com essa instituição, que em sua maioria estão ligados a visita do seu espaço museológico para contemplação da exposição e, conseqüentemente, as reflexões e memórias conduzidas por estas visitas, juntamente com suas perspectivas pessoais, acadêmicas e sociais.

É importante pontuar que Jaime é pertencente ao contexto Serra da Capivara, área que permitiu a formação do Museu do Homem Americano a partir do desenvolvimento de pesquisas arqueológicas, assim, tem sua vida impactada pela realidade operacionalizada pela arqueologia na região, especialmente, pela oportunidade de fazer o curso de nível superior em arqueologia, que é fruto desse movimento. Onde oportunamente, o mesmo relata que sente se privilegiado em ter a possibilidade de cursar arqueologia em sua própria região, desenvolver uma carreira profissional na produção científica, além disso, ter a oportunidade de realizar pesquisas em local de origem, seguindo base de pesquisa também sua própria realidade de vida.

Em suas narrativas, Jaime registra que visitou o Museu do Homem Americano por três vezes, foram visitas oportunizadas pelo seu curso de arqueologia, pois em períodos que antecederam seu ingresso na graduação não foi possível conhecer o museu. Dessa maneira, por muitos anos, esse museu foi sua única referência para o entendimento do que era um espaço museológico, visto que o Museu do Homem Americano era o único museu da região.

De acordo com Jaime, sua primeira visita ao Museu do Homem Americano ocorreu em 2009, momento que iniciou seus estudos em arqueologia, nesse sentido, sua primeira motivação para ir ao museu foi em razão de atividade de ensino. Em seus relatos, o mesmo menciona que essa visita aconteceu juntamente com alunos de sua turma, com interesse em conhecer um pouco sobre o museu, mais especialmente sobre os estudos de arqueologia e a pré-história da região.

As demais visitas aconteceram dentro desse mesmo intuito, assim seu entendimento de museu era algo que estava relacionado a processos de aprendizagem, conforme demonstravam o caráter e motivos de suas visitas ao museu, dessa forma, inicialmente, Jaime construiu uma compreensão que entendia o Museu do Homem Americano como um local de aprendizagem.

Como resposta a essa realidade, o mesmo entende que o museu sempre foi orgulho para a região, particularmente, devido a sua riqueza de informações.

Jaime menciona ainda que sempre percebe o Museu do Homem Americano como um local muito rico em conhecimento, e ao visitar seu espaço sentia-se transportado para um mundo e um tempo que não tinha vivido, mas o museu possibilitava essa vivência. Em suas falas acrescenta ainda que ao entrar no museu o sentimento que se expressava era de poder conhecer um modo de vida diferente de nossas sociedades atuais, e ao observar a exposição de alguns artefatos de tempos mais recentes como louça, vidro e metal (Figuras 27 e 28), presentes na Sala Materiais Líticos e Vestígios Históricos, emergiam reflexões que a história de grupos humanos mais recentes também é importante para o museu e para a sociedade.

Figura 27: Artefatos expostos na Sala Materiais Líticos e Vestígios Históricos.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 28: Artefatos expostos na Sala Materiais Líticos e Vestígios Históricos.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Ainda dentro dessa linha de raciocínio, diante desse papel que o Museu do Homem Americano desempenha como um espaço de aprendizagem, conforme apresenta o entendimento e experiência de Jaime, o mesmo salienta que acredita que o museu faz parte da própria identidade de quem mora na região. Por sua vez, o museu quando aliado a arqueologia,

que tem um papel relevante na região, possibilitou conciliar o desenvolvimento econômico e a preservação patrimonial da área do Parque Nacional Serra da Capivara, marcando assim a vida da população local.

No entanto, à medida que o tempo foi passando, em 2014 Jaime conclui sua graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial, e para além do entendimento sobre o Museu do Homem Americano ofertado pelas visitas, o arqueólogo condicionou outros olhares para o espaço museológico do museu, considerando seu acervo e discurso. Em resumo, são concepções atreladas aos seus conhecimentos formalizados ao longo do período de graduação, e demais estudos que o mesmo realizou na região, dos quais envolvem pesquisas em contextos da Serra da Capivara, considerando ainda aos desdobramentos atuais do campo arqueológico.

De acordo com Jaime, o Museu do Homem Americano é dedicado a pré-história, contudo, em sua perspectiva é de fundamental importância que o museu possa olhar para as comunidades tradicionais da região e reservar um espaço para a histórias dessas comunidades, como representatividade e fala. Essa iniciativa combina com as percepções de Haber (2016), pensando em outras formas de produzir conhecimento, onde o mesmo propõe começar a seguir uma abordagem crítica das formas como a arqueologia contribui para a colonialidade e, conseqüentemente, pensar e propor uma exposição variada de arqueologias colaborativas e expressões do conhecimento subalterno, que por muitas vezes é inviabilizado pela arqueologia tradicional.

Diante disso, sugere que é preciso uma ampliação no museu, para que possa ter mais elementos, por exemplo, da arqueologia histórica da região do Parque Nacional Serra da Capivara presente em seu acervo. Frente essa percepção, Jaime conclui que:

O Museu do Homem Americano aborda e trabalha quase que estritamente a partir do saber científico, sua produção e narrativa está estruturado sobre os mais de 40 anos de pesquisa no campo da arqueologia na região do Parque Nacional Serra da Capivara. Isso é muito importante e não podemos abrir mão deste conhecimento. Contudo, ao longo dos anos passamos a sentir a necessidade de trabalhar outros conhecimentos especialmente os das comunidades tradicionais e quilombola da região. A minha expectativa é que estas outras narrativas e esses outros saberes sejam valorizados de forma simétricas, pois elas apresentam um papel importante na construção de nossa identidade (Entrevista concedida pelo arqueólogo Jaime de Santana Oliveira, 2023).

Jaime faz essa reflexão baseado no contexto atual da arqueologia na região, e em suas narrativas pontua que atualmente temos pesquisa no campo da arqueologia histórica suficientes para geração de informações sobre esses grupos e organizar uma bela exposição do Museu do Homem Americano, já que o mesmo tem o propósito de expor sobre populações da região. Entretanto, o pesquisador entende que o Museu do Homem Americano ele reflete um

passamento e um modelo de arqueologia que é fruto do período que seus idealizadores o criaram. Contudo, percebe que nos dias atuais, temos ferramenta e produção científica, que inclusive é resultado do legado do que nos antecederam nas pesquisas arqueológicas, que nos permitem no momento pensar em outros modelos de museus e outras narrativas.

Diante das narrativas de Jaime, percebo que suas percepções estão atentas para a violência epistêmica presente no discurso oficial do Museu do Homem Americano, visto que suas falas notificam a produção de um conhecimento científico único, pautado na construção dita especializada, que possui vez, não abarca o conhecimento popular, local e nativo da população do contexto Serra da Capivara. Seguindo esse viés do entendimento de Jaime sobre os processos de produção de conhecimentos, compreendo que suas concepções arqueológicas são compreendidas por ideias que revelam a emergência de ocultações no discurso do Museu do Homem Americano, devido uma interpretação e representação única para sua concepção enquanto patrimônio.

Nesse sentido seu, olhar está ligado em uma arqueologia atenta para ruptura de violências epistêmicas, que sugere combinar diferentes formas de produção de conhecimento, da qual considera a diversidade de pontos de vista social na construção da noção de patrimônio. Assim, percebo que existe uma relação de poder nesta produção e reconhecimento que existem diferentes versões para o passado, onde o conhecimento científico não é o único é que pode ser contrastado com outras formas de conhecer e entender o acervo e narrativa do Museu do Homem Americano.

Dito isso, particularmente, concordo com as ideias de Jaime em relação a construção do discurso do Museu Homem Americano dentro de uma abordagem de ciência rígida, que inviabiliza outras narrativas e segrega outras populações locais, pois acredito que o museu pode construir um passado de múltiplas vozes em seu discurso oficial. A meu ver, a arqueologia pode ser instrumento para induzir e construir esse diálogo com a cultura material ali exposto, entender inclusive demandas da sociedade, possibilitando caminhos para suporte de representações culturais e sociais para o patrimônio arqueológico.

6.5 MARILDES LIMA MIRANDA SOUSA: VIVÊNCIAS E MEMÓRIAS AFETIVAS COM O MUSEU DO HOMEM AMERICANO

Quando eu era criança, eu não compreendia muito bem, apesar de achar tudo muito interessante, todo aquele ambiente, todas aquelas “coisas” expostas para o público, na época o museu era diferente, ele tinha outra estética, era mais simples (Entrevista concedida pela arqueóloga Marildes Lima Miranda Sousa, 2023).

Apresentar a história de Marildes Lima Miranda Sousa, abordando especialmente seu envolvimento com o Museu do Homem Americano, é adentrar em acontecimentos que ocorreram desde sua infância até os dias atuais. É uma história comum no território Serra da Capivara, quando pensada a partir de impactos arqueológicos causados na vida pessoal, acadêmica, profissional e social das pessoas dentro desse contexto. Afinal, a arqueologia afeta a vida de muitas pessoas dessa região, embora isso aconteça de diferentes maneiras. A mesmo tempo, sua trajetória é única, à medida que, suas vivências pessoais segue uma singularidade, que ganha ainda mais relevância e distinção quando Marildes estabelece contato direto com a arqueologia ao iniciar seus estudos dentro do campo arqueológico.

A trajetória de Marildes em termos de envolvimento com o Museu do Homem Americano está ligada a visitas ao seu espaço museológico, e ao fato da mesma pertencer ao contexto Serra da Capivara, mais especificamente, a comunidade Sítio do Mocó, próxima ao Parque Nacional Serra da Capivara. Embora a mesma não tenha lembranças de quantas vezes visitou o museu para apreciação de sua exposição, Marildes menciona que por inúmeras vezes foi ao museu, as vezes eram visitas que contemplavam seu ambiente interno, outras eram apenas nos espaços externos, como por exemplo, no pátio e auditório do museu.

Na sua infância, as primeiras visitas de Marildes foram oportunizadas através do Pró-Arte projeto social criado pela FUMDHAM, que beneficiava sua comunidade Sítio do Mocó, e a mesma participava. Dentro das atividades desenvolvidas por esse projeto eram organizadas visitas ao museu, momentos que possibilitavam seu acesso e convivência com essa instituição museológica, assim como demais departamentos da Fundação do Museu do Homem Americano, como os laboratórios.

Ao mencionar suas idas ao Museu do Homem Americano através do Pró-Arte da FUMDHAM, Marildes relembrou que tem uma carteirinha do projeto, compartilhou comigo uma imagem da mesma (Figura 29), e acrescentou que se sentia muito feliz por portar essa carteirinha. Marildes mencionou que a sua foto anexada na carteira foi feita próxima a porta do auditório do museu, em seguida relatou que ela e as demais crianças que participavam do projeto se sentiram importantes por estar ali naquele ambiente e naquele momento.

Figura 29: Carteira de Marildes Lima Miranda Sousa.



Fonte: Acervo Marildes Lima Miranda Sousa (2023).

Em seus relatos Marildes menciona que não lembra muito sobre o Museu do Homem Americano, inclusive suas primeiras visitas ao museu acontecem antes das modificações feitas no prédio. Era muito nova na época, tinha aproximadamente 5 anos, além de ter muito entendimento sobre museu e sobre arqueologia neste período. No entanto, a mesma tem em suas memórias lembranças de entusiasmo para ir ao museu, ficar naquele ambiente com seus amigos.

Outro movimento que intensificou as idas de Marildes ao Museu do Homem Americano, foi o colégio que a mesma estudava. Em sua comunidade havia um colégio chamado Núcleo de Apoio da comunidade, criado pela FUMDHAM, com aulas de reforço escolar, assim como atividades que proporcionavam as crianças e adolescentes de sua comunidade aulas de desenho, música, capoeira, balé contemporâneo e teatro. Nesse período, em vários momentos, Niéde Guidon organizava visitas ao Museu e também a realização de outras atividades em ambiente do museu, como assistir filmes ou documentários no auditório, aula de capoeira, desenvolvidas na parte externa do museu que tem arquibancadas.

Dessa maneira, Marildes relata que tem o Museu do Homem Americano como:

um lugar de memória afetiva, pois quando criança, ele fez parte da minha infância, era um lugar que eu ia com frequência, era coisa que ir uma ou duas vezes por semana, as crianças da comunidade Sítio do Mocó que participavam do Pró- Arte sempre estavam visitando o museu. Então aquele ambiente, me remete boas recordações (Entrevista concedida pela arqueóloga Marildes Lima Miranda Sousa, 2023).

Desse modo, foi se constituindo uma relação de afetividade de Marildes com o Museu do Homem Americano, essa ofertada por visitas aos seus estabelecimentos, assim como pela participação em atividades que eram desenvolvidas em seus espaços. É importante ressaltar que em meio a essas atividades, Marildes visitava também o Parque Nacional Serra da Capivara, as vezes aconteciam visitas no parque, em seguida no museu. Relata que através desses encontros e movimentos, a arqueologia esteve ligada em sua vida desde sempre, porque cresceu dentro da arqueologia, mesmo não ‘entendendo a sua verdadeira importância’.

Em suas narrativas Marildes menciona que com a chegada de Niéde Guidon e as pesquisas voltadas para a arqueologia na região, assim como os projetos sociais voltados para as comunidades que foram afetadas devido a criação do Parque Nacional Serra da Capivara, e apesar dos vários conflitos com as comunidades, o parque trouxe desenvolvimento e gerou muito emprego para a população local. Ao fazer essa afirmação, a mesma diz que fala isso com propriedade, pois a arqueologia transformou sua vida, em termos de estudo e conhecimento, e dos seus familiares, com oportunidades de emprego, pois com as pesquisas voltadas para a arqueologia, veio a implantação do Museu do Homem Americano, conseqüentemente, mais incentivo para novas pesquisas, veio a criação da Universidade Federal do Vale São Francisco.

Quando Marildes fala que a arqueologia transformou a vida e dos seus familiares, a mesma cita como exemplo, o seu avô Francisco, tios e primos que trabalharam como técnicos na equipe de escavação de Niéde Guidon, assim como também tios e tias que trabalham dentro do Parque Nacional Serra da Capivara, como também no Museu do Homem Americano. Ao relatar essas passagens, a mesma lembra que quando criança, seu avô Francisco sempre contava histórias do que tinha encontrado na escavação arqueológica, mas Marildes era muito pequena e não entendia muito bem, só entendia que era feito por “índio ou cabloco” como era chamado na época.

Com o avanço de pesquisas e o grande potencial arqueológico na região, e a Universidade Federal do Vale São Francisco, a prima da mãe de Marildes, Artenice Miranda, começou a cursar a graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial, anos depois, foi sua irmã Marisa Sousa que ingressou no curso. Ao relatar esses envolvimento de seus familiares como a arqueologia, Marildes recordou um episódio em especial, em que a mesma havia chegado do colégio, quando cursava o ensino médio, e sua irmã Marisa havia chegado da aula de arqueologia experimental, com alguns materiais “líticos” que ela tinha aprendido a confeccionar. Inicialmente Marildes achou algo bem feio, ao observar melhor associou aos materiais arqueológicos expostos no Museu do Homem Americano que observava quando era criança, assim começou achar interessante. Sua irmã explicou o que aconteceu durante a aula e

Marildes ficou bem encantada. Assim, o tempo foi passando, em 2016, Marildes ingressou no curso de graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

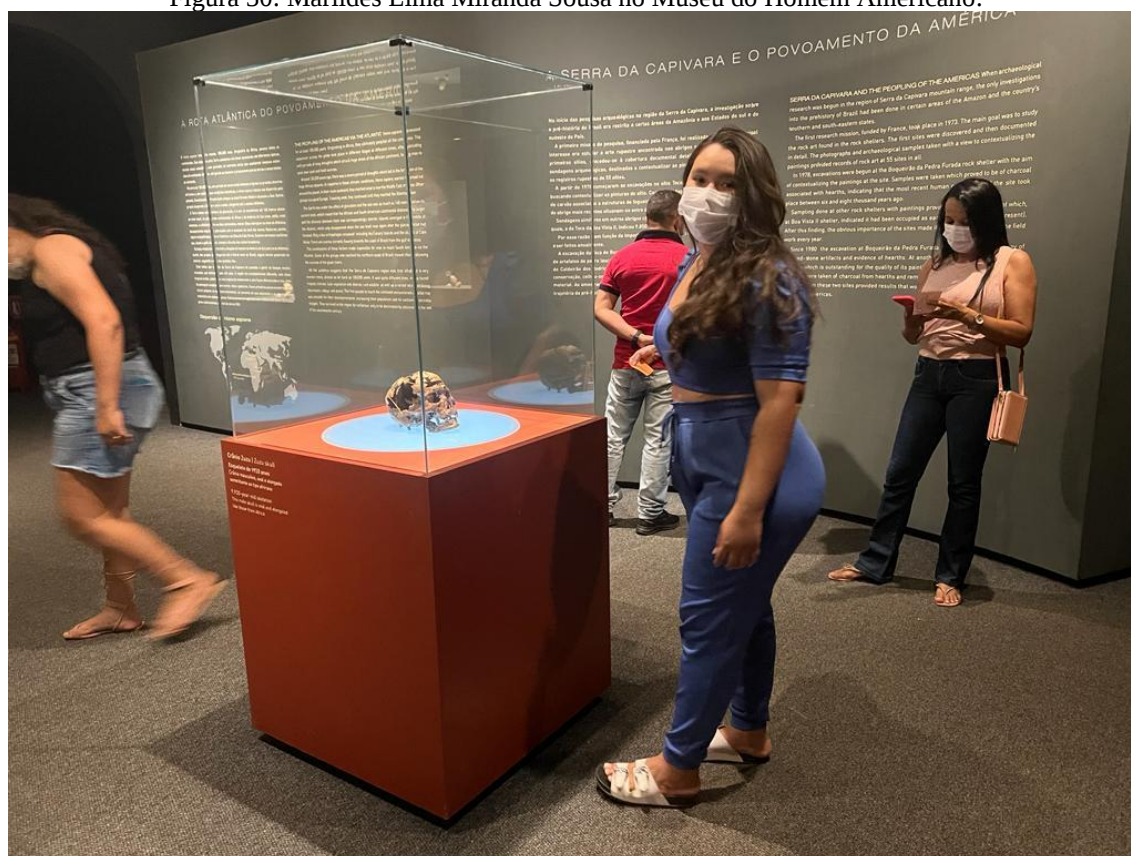
Essa nova realidade de sua vida, estudante de arqueologia, possibilitou novas visitas ao Museu do Homem Americano, particularmente, durante aulas que eram realizadas em espaços da FUMDHAM e no próprio museu. Nesse momento, Marildes começou a ter novos entendimentos para a exposição e discurso do museu, especialmente, a partir de conhecimentos que estavam sendo construídos através dos estudos no curso de graduação. Dentre essas aulas, a mesma mencionou uma aula da Professora Jaciara, na sala do museu dos enterramentos, e relembrou que a professora explicou sobre o cuidado que é preciso ter com os enterramentos, pois apesar de estarem expostos, é necessário ter respeito com eles, pois ali são pessoas.

Dessa forma, a concepção de Marildes sobre o Museu do Homem Americano foi ganhando outras dimensões, para além de um lugar de recordações de infância, passou a ser também um local de construção de conhecimento baseado em saberes que vem do curso de arqueologia, mas que também consideram suas vivências de criança. Em 2021, finalizou sua graduação, em seguida, em 2022, ingressou no curso de Pós-graduação em Arqueologia, também pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Recentemente quando voltou a Museu do Homem Americano comigo, em 2023, durante uma atividade de campo, Marildes já estudante de mestrado, conta que seu olhar para o museu já é outro, quando pesando há anos atras, é um olhar mais técnico, que reconhece a importância de tudo que está ali exposto e entende a verdadeira importância dessa instituição museológica para a sociedade. Em suas falas Marildes aborda a questão da grandiosidade do museu para humanidade, mais especificamente para à população da região de São Raimundo Nonato, visto que, o museu tem um acervo extremamente rico de cultura, que é muito importante para o conhecimento científico, e além disso, é também um atrativo turístico e econômico da região.

Durante essa visita (Figura 30), a pesquisadora observa que o museu segue uma apresentação auto explicativa, conforme se propõe, no entanto, nota que as narrativas do museu seguem termos técnicos e em alguns casos até mesmo ultrapassados, que não são mais utilizados. Entre termos cita como exemplo, as expressões “pré-história” e “índio”. Na perspectiva de Marildes, o museu está inadequado usando essas terminologias, pois suas narrativas são levadas e espalhadas socialmente seguindo sentidos pejorativos.

Figura 30: Marildes Lima Miranda Sousa no Museu do Homem Americano.

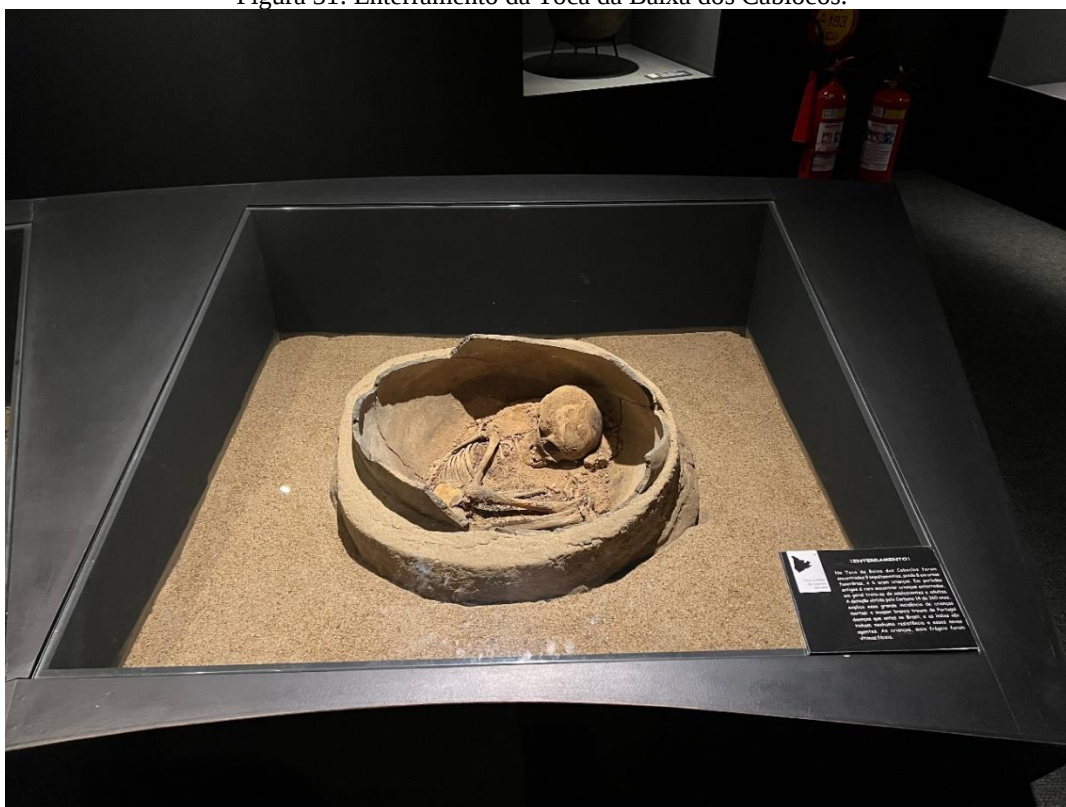


Fonte: Acervo da autora (2023).

Ao observar essas questões, Marildes entende que o termo pré-história é utilizado para se referir a aqueles que não possuem escrita, e sua em visão, conseqüentemente, é um conceito que diz que esses povos não possuem história. De acordo com a arqueóloga, muitos cientistas e pesquisadores estão adotando o termo Pré-colonial para se referir a essas populações, que é usado para se dirigir aos povos do período antes ou do início do colonialismo (Sobral, 2023).

Em relação ao termo índio, usado para se referir a pessoas ou grupos indígenas, na perspectiva de Marildes é um termo totalmente pejorativo e reflete o preconceito em sociedade. Foi um termo observado pela arqueóloga no texto autoexplicativo em enterramento da Toca da Baixa dos Cablocos (Figura 31 e 32), “...O invasor branco trouxe de Portugal doenças que antes no Brasil, e os ÍNDIOS não tinham nenhuma resistência” (Figura 28), exposto no Museu do Homem Americano. Frente essa maneira de entender, a mesma argumenta que termo correto e viável para ser utilizado é indígena.

Figura 31: Enterramento da Toca da Baixa dos Cablocos.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 32: Texto autoexplicativo em enterramento da Toca da Baixa dos Cablocos.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Diante dessa discussão acerca do sentido da palavra índio, embaso essa concepção de Marildes em reflexões propostas por Karnal (2004), ao afirmar que os europeus constituíram uma representação para o termo “índio” através de um equívoco geográfico de Colombo, que registrou de maneira equivocada sua chegada às Índia. Assim esse termo foi normatizado no seio de um discurso referente a ideia de raça, reforçando uma construção hierárquica de valores, impondo diferenças biológicas, intelectuais e outras entre os indivíduos.

Nas palavras de Quijano (2005), a ideia de raça estabelece modelos de dominação fortalecidos com o projeto colonial, onde nomes como Europa teve seus valores elevados em relação a outros povos, devido a naturalização da noção de conquista e superioridade por meio de embates de dominação ocorridas entre povos europeus e não europeus. Dessa forma, os avanços da colonização europeia sobre o mundo conduziram o fortalecimento do eurocentrismo, impondo a Europa como centro civilizatório.

Tal perspectiva, repercutiu consequências no imaginário de povos entendidos como dominados e conquistados, onde no período histórico referente a processo de colonização e colonialidades, a ideia de raça forjou o imaginário e identidade de povos nativos através de um discurso racista e eurocêntrico estabelecido pela superioridade ontológica e universal europeia. Nesse sentido, ser nomeado de índio, se constituía como categorias de raça que inferiorizava valores de povos nativos, seguindo como base uma verdade absoluta imposta via regra pelo sistema colonizados (Mignolo, 2005).

Assim, a ideia de índio atendia muito mais a uma nomeação generalizada dos colonizadores, do que propriamente uma aut nomeação por parte dos povos originários, dizia muito mais a respeito da maneira como povos europeus viam a outridade, que por sua vez, cunhou atrasou na população indígena, e a palavra índio se naturalizou nos discursos oficiais, reforçando inferioridade. De acordo com Munduruku (2012), até meados da década de 50, o termo índio era ostensivamente rejeitado pelas comunidades nativas, devido sua carga pejorativa, que rotula e dissipa diferenças que propõe inferioridade.

Municiada em discussões referentes a essas noções, Marildes fez essa observação nos textos presentes na exposição do Museu do Homem Americano, e relata que quando era criança não sentia incomodo em ver, pois não tinha entendimento sobre essas questões. No entanto, com a graduação e seus estudos em arqueologia, a pesquisadora foi entendendo determinadas discursões e termologias, quando retornou ao museu com os saberes, isso gerou incomodo em sua forma de ver o museu, e falar sobre as populações indígenas. Dentro dessa reflexão a mesma destaca que durante a graduação em arqueologia adquiriu muito conhecimento, assim consegue desconstruir termologias pejorativas, que antes da graduação, era algo normal.

Ao ler os textos autoexplicativos na parte interna do Museu do Homem Americano, Marildes observa essas terminologias inapropriadas, além disso, ressalta que os textos presentes no museu apresentam muitos termos técnicos, que em sua visão para muitas pessoas que não tem entendimento dessas terminologias de caráter científico acaba sendo de difícil entendimento. De acordo com a arqueóloga, talvez seja preciso ajustar os textos que estão espalhados no museu ou até mesmo elabora uma lista com esses termos técnicos, fazer uma tradução para uma linguagem popular, para a mesma seria algo interessante para o museu e para a população.

Dito isso, através das vivências e narrativas de Marildes é possível perceber que seu entendimento sobre o Museu do Homem Americano é marcado por movimentos culminados pela atuação da arqueologia no território Serra da Capivara, que contornou sua trajetória desde a infância até os dias atuais. Tal movimentou incitou em sua vida decisões que definiram suas escolhas acadêmicas e profissionais, que por sua vez, resultaram em saberes que levam em consideração suas memórias e realidades de vida a partir de noções embasadas no conhecimento local.

Dessa maneira, o entendimento da arqueóloga sobre o Museu do Homem Americano é amparado nesta pesquisa através da arqueologia decolonial e afetiva, construído dentro de abordagens da arqueologia etnográfica através da convivência e conversas, à medida que, suas narrativas que envolvem o museu contrapõe sua posição atual enquanto uma instituição museológica de caráter tradicional. Além disso, sua apropriação vem de percepções que atentas para imposições propostas pelo projeto colonial, denunciando o conhecimento universal de caráter europeu presente no museu, que sua vez, reforça o colonialismo.

6.6 MARISA LIMA MIRANDA SOUSA: “ARQUEOLOGIA ESTEVE PRESENTE NA MINHA VIDA DESDE MUITO CEDO”, HISTÓRIAS COM O MUSEU DO HOMEM AMERICANO.

A história de Marisa Lima Miranda Sousa vinculada ao Museu do Homem Americano se manifesta de diferentes maneiras, estas ligadas a momentos de visita para contemplação da exposição e também para participação de eventos realizados em ambientes do museu. Essas idas aos espaços do museu começaram acontecer desde sua infância, correspondendo em média 8 a 10 vezes. Em seus relatos Marisa menciona que não tem recordações de exatamente quantas vezes visitou os espaços do Museu, mas argumenta que durante sua infância e adolescência as visitas ocorrem com frequência, devido sua participação em projetos sociais.

De acordo com os relatos de Marisa, sua primeira visita ao Museu do Homem Americano foi através de iniciativas desenvolvidas pelo Núcleo de Apoio a Comunidade, instalado na Comunidade, Sítio do Mocó, local que a mesma viveu boa parte da sua vida. Nesse período, foram várias visitas, segundo Marisa, este foi primeiro colégio de sua Comunidade, criado através da pesquisadora Niede Guidon. Com esta instituição Niede Guidon buscava trazer as comunidades do entorno Parque Nacional Serra da Capivara para ingressar em atividades educativas, era uma educação voltada para crianças e jovens. Nessa investida, aconteciam visitas ao museu, tanto para apreciação das coleções museológicas, quanto para participação de atividades realizadas no museu, como assistir filmes, conhecer os laboratórios e outras.

Além das visitas mediadas pelo colégio, estas aconteceram também através do Pro-arte FUMDHAM, projeto social que a mesma participava, esse projeto se constituía em uma ação social que beneficiava crianças e adolescentes do entorno da região do Parque Nacional Serra da Capivara. A princípio, esse projeto ofertava atividades como aulas de dança, capoeira, música e artes, e algumas dessas atividades eram realizadas em espaços do Museu do Homem Americano, como por exemplo, no auditório, pátio, estabelecendo assim um contato constante com os espaços dessa instituição museológica.

Ao mencionar o Pro-arte FUMDHAM em suas falas, Marisa compartilhou comigo sua carteira de membra do projeto (Figura 33), e lembrou que sempre que visitava o museu levava sua carteirinha. Em seguida relatou que a arqueologia esteve presente em sua vida desde muito cedo, pois via muitos pesquisadores passando em sua comunidade seguindo em direção ao Parque Nacional Serra da Capivara, fazendo pesquisa, assim muitos arqueólogos, inclusive Niede Guidon que frequentava a comunidade com muita frequência por conta do parque, dessa forma, existia uma certa admiração por aqueles arqueólogos e arqueólogas que por ali passavam, e muitas vezes ouvia conversas sobre o Museu do Homem Americano.

Figura 33: Carteira Pro-arte Fundham de Marisa Lima Miranda Sousa.



Fonte: Acervo Marisa Lima Miranda Sousa (2023).

Em suas narrativas, Marisa menciona que suas primeiras visitas ao Museu do Homem Americano aconteceram antes da reformulação das instalações do prédio do museu, porém não tem muitas recordações pois tem bastante tempo, era ainda em sua infância. No entanto, a mesma recorda que quando criança ficava toda entusiasmada quando sua professora falava que ter um passeio no museu, juntamente com seus colegas de classe. De acordo com Marisa, era uma sensação muito boa estar naquele local, onde era possível entender um pouco de como eram nossos antepassados através dos materiais expostos no museu.

Sempre que Marisa visitava o Museu do Homem Americano era com a curiosidade de criança, imaginando quem tinha sido aquelas pessoas que produziram aqueles objetos, e como elas viviam naquele tempo tão antigo de que as professoras falavam. Marisa relata que contemplava o acervo, e entendia aquele ambiente como um local de conhecimento sobre o passado, onde era possível entender um pouco de como as pessoas viviam a milhares de anos, e em um outro ambiente totalmente diferente do nosso, com outras formas de vida e culturas.

Outro motivo que levou Marisa ir até o Museu do Homem Americano foi a Universidade Federal do Vale do São Francisco, a partir de 2014, quando a mesma tinha 19 anos, período em que começou estudar o curso de graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial, durante a realização de atividades de disciplinas ofertadas pelo curso. Em suas falas, a mesma relata que não lembra exatamente quantas vezes visitou o museu durante a

graduação, no entanto, supõe que foram umas duas vezes. Ao mencionar em essas idas ao museu, em suas falas Marisa aponta que sua forma de ver o acervo do museu começa a passar por modificações em relação ao seu entendimento que tinha na época de criança. Nesse mesmo momento, relata que sua forma de compreender o discurso oficial do museu também mudou, e uma narrativa somente de passado constituída para os objetos passou a ser problematizada em seu entendimento, especialmente a partir de sua maneira de perceber os materiais e dados arqueológicos.

Ao apontar as questões de problematização do acervo e discurso do Museu do Homem Americano, Marisa reconhece esse movimento de criação e institucionalização do museu como um trabalho espetacular, que nos apresenta um conhecimento arqueológico produzido na região. Porém, a arqueóloga reflete que além dos discursos da pré-história que são expostos no museu, sua narrativa poderia ir além e contar também um pouco da história do Homem Americano recente.

Diante dessa reflexão de Marisa, compreendo que a mesma está atenta para a violência epistêmica presente nos campos de produção de conhecimento, conforme aponta Mignolo (2010), ao lidar com produções autoritárias. De acordo com esse estudioso, o conhecimento quando operacionalizado em cenários de violência epistêmica se apresenta com uma única maneira de falar sobre o patrimônio, e essa baseada na ciência enraizada na hegemonia. E as narrativas arqueológicas de Marisa reconhece esse discurso hegemônico presente no museu ao mencionar a inexistência da história do Homem Americano recente nessa instituição museológica.

Em 2023, quando visitamos o Museu do Homem Americano em uma das minhas atividades de campo desenvolvida dentro de aportes da arqueologia etnográfica (Figuras 34, 35, 36 e 37), Marisa expressou em suas falas incômodos ao adentrar o museu, observar os objetos expostos e ler os textos de contextualização a exposição do museu. Marisa sentiu a necessidade de apresentação da história de sertanejos que vive na labuta no seu dia, que são pessoas que habitaram e habitam a região Serra da Capivara, fazem parte dessa história, mas não estão presentes nos espaços museológicos do museu.

Figura 34: Visita de Marisa no Museu do Homem Americano I.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 35: Visita de Marisa no Museu do Homem Americano II.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 36: Visita de Marisa no Museu do Homem Americano III.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 37: Visita de Marisa no Museu do Homem Americano IV.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Dentro dos processos de produção de saberes do Museu do Homem Americano, Marisa sente também a necessidade da presença de histórias dos personagens que participaram dessas descobertas pré-coloniais, isto é, pessoas da região que contribuíram com as pesquisas arqueológicas a partir da oferta de seus conhecimentos e trabalho, uma vez que, o discurso do museu está pautado na versão produzida através do conhecimento especializado e científico. Nas perspectivas de Marisa, para além das grandes descobertas que podemos ver expostas no museu, seria muito interessante se tivesse também naquele espaço, relatos de quem fez parte das descobertas arqueológicas, o que possibilitaria a construção de informações baseadas também no conhecimento local.

Seguindo essa linha de raciocínio, Marisa argumenta que muitos homens sertanejos trabalharam como técnicos no Parque Nacional Serra da Capivara, juntamente com a Niéde Guidon, realizando os primeiros trabalhos arqueológicos na região, assim estes vivenciaram muitas ou todas essas descobertas. Dentre essas pessoas, Marisa apresenta a história de membros de sua família que moravam na comunidade Sítio do Mocó, próximo a áreas pesquisadas por Niéde Guidon e sua equipe, como o caso de seu avô Francisco Lima, assim como alguns de seus primos e tios.

Ao mencionar a participação de seus familiares em pesquisas arqueológicas no território Serra da Capivara, Marisa relata que seu avô trabalhou com Niéde Guidon desde as primeiras escavações arqueológicas, e ao encerrar suas atividades em Parque Nacional Serra da Capivara, seu avô trabalhou muitos anos como técnico de arqueologia em outras regiões através do INAPAS até a sua aposentadoria. Dessa maneira, para Marisa as visitas ao Museu do Homem Americano, para além da apreciação do seu espaço, enquanto uma instituição museológica, é também lugar de relembrar as pesquisas arqueológicas em nossa região, passando por

movimentos que envolvem a chegada de Niéde Guidon, as pesquisas arqueológicas e participação da população local nas atividades de arqueologia.

Na concepção de Marisa, ao chegar em nossa região Niéde Guidon trouxe consigo muitas novidades através da arqueologia, pois até então a população local antes de sua chegada só conhecia as pinturas nos paredões, e entendiam aqueles registros como algo feito pelos indígenas que viveram na região em tempos do passado. Ao chegar e fazer o reconhecimento dos sítios arqueológicos Niéde Guidon montou sua equipe de técnicos em arqueologia, com homens da própria região, os ensinou técnicas de escavação, e todo o processo, desde a forma como escavar até como retirar um artefato do sítio, para alguns ensinou topografia, proporcionando trabalho e conhecimento para moradores do território Serra da Capivara.

À medida que os trabalhos arqueológicos foram acontecendo, Niéde Guidon idealizou a construção de museu na região. Para Marisa, o Museu do Homem Americano aparece como uma das consequências que o trabalho de arqueologia proporcionou para a região. Sendo assim um local que além de expor muitos dos resultados das pesquisas realizadas na região e tornar-se lugar de conhecimento, o museu ofertou também emprego para muitas pessoas locais, que por sua vez, passou a movimentar a economia, especialmente através do turismo.

Nesse sentido, na percepção da arqueóloga Marisa, o Museu do Homem Americano comporta esse lugar de expor dados arqueológicos, que permite pensar a atuação da arqueologia na região, desde da realização de pesquisas arqueológicas iniciais, até a participação local nos trabalhos arqueológicos, assim como a geração de empregos e estudos, e as repercussões atuais presentes nesses campos. Entendimento que compreende vivências de sua infância através de movimentos presenciados em sua família, visitas ao museu, atuação arqueológica na região, até suas concepções atuais de arqueologia estabelecidas pelos cursos de graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial e pós-graduação em Arqueologia.

Diante do exposto, entendo que as percepções de Marisa sobre o Museu do Homem Americano são projetadas a partir de uma visão atenta para a produção de conhecimento imposto via regra, que segue embasamento na ciência tradicional. À medida que, suas narrativas arqueológicas apontam para a necessidade da inserção do conhecimento local no discurso do museu, e reflete que a produção de saberes desse espaço museológico está pautada em uma narrativa naturaliza pela vertente arqueológica.

Em minha compreensão, as reflexões arqueológicas apresentadas pela arqueóloga Marisa, são amparadas dentro dos desdobramentos da desobediência epistêmica, uma vez que, seu entendimento sobre o acervo e discurso do Museu do Homem Americano contrapõe a organização e narrativa atual do museu, isto é, uma logística destinada necessariamente ao

passado. Suas narrativas desobedecem a lógica tradicional do museu, percebendo como a atuação arqueológica foi injusta com uma parcela da população local dentro dos processos de produção de conhecimento, que dentre suas falas discorda do discurso arqueológico pautado somente em tempos antigos e em populações do passado, além disso descortina caminhos e meios para uma prática arqueológica atenta para informações e conhecimentos camuflados por teorias e metodologias coloniais.

6.7 ANÁLISE DOS DADOS: UMA REFLEXÃO DECOLONIAL E AFETIVA CONSTRUÍDA PARA O MUSEU DO HOMEM AMERICANO

Analisar as narrativas construídas por arqueólogos e arqueólogas do contexto Serra da Capivara sobre o Museu do Homem Americano é adentrar histórias de vidas atravessadas pelo processo de institucionalização da arqueologia na região, especialmente suas formações acadêmicas e profissionais, assim como em realidades pessoais marcadas por vivências e experiências que configuram entendimentos particulares sobre o acervo e narrativa oficial do museu. Além disso, é se envolvem em construções que também dialogam com perspectivas pessoais sobre este espaço museológico, particularmente, por também pertencer ao território Serra da Capivara e vivenciar movimentos que arqueologia conduz na região, que por sua vez, permite conhecer construir entendimentos plurais e diversos, extrapolando a abordagem tradicional do museu.

É importante mencionar que essas narrativas arqueológicas seguem embasamentos acadêmicos e sociais, expressos em vivências e olhares que incluem o Museu do Homem Americano dentro de uma perspectiva decolonial e afetiva, onde se estabelecem pontos de vistas a partir de concepções plurais. Nesse sentido, destaco a maneira que o processo de institucionalização da arqueologia no contexto Serra da Capivara, consolidado a partir do desenvolvimento de pesquisas e estudos na região com a chegada de Niede Guidon, consequentemente, a criação do Parque Nacional Serra da Capivara, a implantação da Fundação Museu do Homem Americano, atrelada ao Centro Cultural Sérgio Mota e ao Museu do Homem Americano, a formalização do cursos de Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial e Pós-graduação em Arqueologia na Universidade Federal do Vale do São Francisco, *Campus Serra da Capivara* e outras repercussões arqueológicas, influenciou nas perspectivas configuradas pela vivência arqueológica na região, uma vez que, estamos lidando com saberes formulados dentro de aportes afetivos, estruturados em questões que englobam pertencimento, impacto e experiência local.

Dessa maneira, as narrativas construídas para o Museu do Homem Americano dentro dessa pesquisa, a partir de olhares de arqueólogas e arqueólogos do contexto Serra da Capivara, são expressas de diferentes formas, no entanto, conforme apresentadas, são a embasadas e orientadas por entendimentos arqueológicos contemporâneos. Assim, são apropriações e percepções que envolvem memórias e experiências condicionadas pelos desdobramentos na arqueologia na região, das quais formalizam conhecimentos e saberes para a exposição e narrativa do museu dentro de uma perspectiva arqueológica nativa.

Na prática, essas narrativas manifestam afetos que denunciam a produção científica tradicional do Museu do Homem Americano, apontando para uma narrativa autoritária e excludente, que remonta uma história única a partir do discurso oficial. Além disso, os saberes disponibilizados estão atentos para a maneira que o conhecimento é mediado no museu a partir dos artefatos e dados arqueológicos, especialmente, para a sua concepção enquanto patrimônio, assim como a história única produzida pela narrativa oficial conduzida a partir das exposições.

Diante desses dados, apresento reflexões de Adichie (2019), ao discorrer sobre o perigo da história única dentro dos processos de produção de conhecimento, e reflito especialmente sobre o entendimento de patrimônio, a medida que, uma narrativa de caráter único atente demandas coloniais. Autora menciona o quanto é perigoso a construção de um conhecimento único e aponta que existem diversas formas de entender e ver as coisas, que as leituras sobre o mundo devem estar abertas para múltiplas interpretações. Assim, os saberes ofertados pelos colaboradores dessa pesquisa notificam no Museu do Homem Americano um discurso é eurocêntrico, e fornecem saídas para uma exposição e uma narrativa mais aberta, atenta para os interesses científicos e sociais. É importante mencionar que, no campo arqueológico, particularmente em contexto latino-americano, a arqueologia corroborou com a lógica de exclusão e controle epistêmico, sendo em alguns casos ponte de rompimento da conexão entre sociedade e os materiais agrupados sobre o termo de registro arqueológico. Assim, uma série de significados ontológicos e epistemológicos foram atrelados a projetos políticos de construção de memória nacional, naturalizando os vieses da modernidade na constituição da arqueologia e invenção de patrimônios culturais, que por sua vez, foram narrados no escopo de museus tradicionais (Gnecco, 2016).

Dessa maneira, em ambientes museológicos tradicionais, o patrimônio é concebido e consolidado dentro de perspectivas que corroboram com a lógica da exclusão e do controle epistêmico, configurados a partir de movimentos que compreendemos como violência epistêmica. Isso, porque em muitos momentos presenciamos a ocultação de vozes e vivências

em espaços enraizados na ciência de postura tradicional, especialmente, por atender demandas da colonialidade e da modernidade, através da colonialidade do ser, do saber e do poder.

Partindo desse entendimento, as narrativas e saberes construídos nessa pesquisa por arqueólogas e arqueólogos do contexto Serra da Capivara para o Museu do Homem Americano, evidenciam um cenário de violência epistêmica em seu entendimento enquanto o patrimônio. Esses conhecimentos e olhares percebem diferentes formas que a noção científica avança em relação à violência epistêmica no museu, principalmente, na maneira que os objetos são expostos e narrados pelo discurso oficial, uma vez que essas percepções contestam e questionam a narrativa oficial estabelecida pelo Museu do Homem Americano.

Nesse sentido, as narrativas recolhidas por este trabalho incentivam uma abordagem crítica dentro do Museu do Homem Americano, buscando promover a partir da desobediência epistêmica, uma postura diversificada, atenta para perspectivas alternativas e plurais. Assim, são apropriações que incitam o rompimento de hierarquias dominantes de conhecimento científico tradicional, estabelecendo percepções que promovem um entendimento equitativo com múltiplas interpretações para sua concepção patrimonial, sob a ótica de diferentes contextos culturais e sociais, especialmente, de populações e histórias de tempos mais recentes.

Além disso, essas narrativas e saberes estimulam a necessidade da participação social na construção da exposição e discurso do Museu do Homem Americano, encorajando a adoção de uma abordagem interativa com a população local, visando fortalecer a interação do museu com a sociedade e, antes de qualquer coisa, lidar de maneira justa com o conhecimento convencional. Visto que, esses saberes reconhecem as limitações presente na apresentação do museu, contudo, oferecem maneiras de diálogos para lidar com o patrimônio, seguindo perspectivas locais, uma vez que nessa pesquisa são envolvidos arqueólogos e arqueólogas do contexto Serra da Capivara, isto é, uma abordagem nativa, baseada no conhecimento local.

Diante disso, apoio essas narrativas dentro das ideias de Donna Haraway (2009) ao propor o conceito de saberes localizados, onde defendo a perspectiva de que o conhecimento não é único, mas sim localizado em contextos específicos, formalizados por contextos de vivências e de experiências particulares. Nesse mesmo viés, Haraway, argumenta que o saber é sempre constituído a partir de um lugar situado, moldado por realidades culturais e sociais individuais, enfatizando que as experiências contribuem para uma compreensão mais rica e diversificada de patrimônio.

Desse modo, essa abordagem destaca a importância de reconhecer e oportunizar as diferentes formas de entender o patrimônio, reconhecendo que não existe um conhecimento único, baseado em uma verdade universal, mas que existe uma multiplicidade situada em

diferentes contextos. Além disso, amparadas na ideia de saberes localizado, essas narrativas aqui construídas informam sobre autoridade presente nos processos de conhecimento do Museu do Homem Americano e buscam abrir espaço e diálogo para vozes, histórias e narrativas que são silenciadas e convidam a ciência para descolonização do conhecimento.

Em contextos museológicos, especialmente, do Museu do Homem Americano, essas narrativas reconhecem a posição arqueológica situada na região, particularmente, em seus desdobramentos e respaldos na região Serra da Capivara, na qual estão os cientes das influências sociais e culturais que moldam conhecimento aqui construído. Isso implica, portanto, no reconhecimento da diversidade de vivências e de experiências que são capaz de moldar narrativas formalizados para o patrimônio de acordo com os contextos culturais, sociais e históricos específicos, por isso cada local demanda de um conhecimento e de uma realidade particular.

Em essência, finalizo em última análise, propondo para o Museu do Homem Americano, a abertura de seu discurso para incorporação de outros olhares, perspectivas, narrativas e histórias, conforme os saberes dos arqueólogos e arqueólogas colaboradores desta pesquisas sugerem. Em resumo, essa ideia busca oferecer para o museu diferentes formas de conceber sua noção patrimonial, buscando assim um maior envolvimento com a sociedade local.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre o Museu do Homem Americano, a partir de uma perspectiva decolonial e afetiva, dentro do cenário de institucionalização da arqueologia no contexto Serra da Capivara, é complexo, mas, ao mesmo tempo, é desafiador e confortável. Isso porque estamos diante de uma realidade de transformações culturais, patrimoniais e sociais, atravessadas pela pesquisa arqueológica na região, que por um lado, contribui para realização de pesquisas, ofertou oportunidade de vida para as pessoas da região, eu por exemplo, hoje sou formada em arqueologia e estou realizando esse trabalho através de iniciativas consagradas pela arqueologia. Porém, paralelo a esses desdobramentos de benefícios, também se culminou uma arqueologia com uma história pautada no eurocentrismo, que produz uma hegemonia para o patrimônio local, a partir do discurso e atuação científica.

Nesse sentido, admitir e reconhecer esse cenário homogêneo que foi construído e permanece dentro da arqueologia na região ao lidar com o patrimônio é entender que esse movimento desencadeou benefícios para região, também trouxe problemas relacionados à concepção do patrimônio local. Consequentemente, perceber esse problema é buscar se mover em direção a princípios arqueológicos que têm responsabilidade patrimoniais e sociais ao lidar com o patrimônio, especialmente, com a construção de narrativas a partir da materialidade, nesse caso específico, do acervo do Museu do Homem Americano.

Ao nosso ver, reconhecer e ter consciência da importância do movimento da arqueologia na região, em termos de benefícios dentro desse trabalho, não nos coloca em uma posição de estar “passando pano” para tudo que arqueologia fez e continua fazendo. É também pensar criticamente em estratégias para compreender essa realidade, principalmente, considerando aspectos e noções arqueológicas debatidas no período de iniciação das pesquisas arqueológicas na região, assim como os meios contemporâneos que hoje praticamos na arqueologia, podendo assim identificar seus agravantes e atenuantes para a própria história da arqueologia local.

Na conjuntura, ressalto a importância desta pesquisa para os estudos arqueológicos e patrimoniais dentro dos processos de produção de conhecimento, especialmente, para o Museu do Homem Americano, no entendimento do seu acervo e discurso oficial. Uma vez que esse trabalho finaliza com proposta de entendimentos científicos e sociais para essa instituição museológica, criando redes de ligação do patrimônio local com a sociedade, contribuindo para o seu processo de musealização, embora apresente contrapontos com sua narrativa institucional, entendemos dentro dessa pesquisa que as narrativas arqueológicas aqui expostas são resultados

do seu agenciamento enquanto patrimônio, assim como do entendimento da arqueologia frente aos desdobramentos no contexto Serra da Capivara.

Dessa maneira, trabalhar com narrativas arqueológicas a partir de olhares contemporâneo, como foi o caso da catalisação das apropriações e percepções para o Museu do Homem Americano, é uma oportunidade de continuar com os estudos arqueológicos na região e no museu, a partir de uma visão da arqueologia aberta, atenta para acontecimentos do presente em contextos arqueológicos de materialidade do passado, e compreender como tudo isso aparece conectado com a nossa realidade, através de nossas vivências e experiências. Dessa forma, os saberes e conhecimentos compartilhados para o Museu do Homem Americano, apoiados em trajetórias de vida pessoal, acadêmica, profissional e social, foram essenciais para o entendimento do seu acervo e discurso, dentro de uma abordagem que entendemos como desobediência epistêmica, uma vez que foram narrados histórias e acontecimentos que extrapolam a realidade da produção científica tradicional, configurada pela violência epistêmica.

Na prática, essa pesquisa apoiada em abordagens decoloniais e afetivos da arqueologia, atentas para os efeitos da colonialidade e modernidade nos dias atuais, forneceu novas maneiras de ver e entendeu o Museu do Homem Americano, dentro de uma perspectiva arqueológica contemporânea que, em partes, reconhece sua importância mundial e local, mas também configura um cenário crítico e aberto para discussões. Nesse sentido, é importante mencionar que isso foi possível mediante as vertentes acolhidas pela produção científica ofertada pela decolonialidade, permitindo assim que novos olhares pudessem ser empregados para o Museu do Homem Americano, especialmente, em conjunto com as práticas da arqueologia etnográfica.

Desenvolver esse trabalho dentro de abordagens da arqueologia etnográfica foi uma maneira de abraçar as relações das pessoas envolvidas nesta pesquisa com Museu do Homem Americano, antes mesmo de iniciar este estudo e intensificar o entendimento dessa relação através de encontros, conversas e entrevistas captadas em vivências que mostraram diferentes olhares para o museu, com significados e experiências que não se restringem a único ponto de vista, mas que se abre para diversas maneiras de impacto e pertencimento com o museu. Nesse percurso, foi interessante perceber que as narrativas arqueológicas aparecem sempre ligados a acontecimentos vivenciados ao longo do tempo, permitindo um entendimento construído dentro de abordagens recentes do pensamento arqueológico.

Para finalizar, concluo que, desenvolver este trabalho no Museu do Homem Americano, permitiu conectar a minhas experiências com vivências de colegas da arqueologia e assim formalizar narrativas para o acervo do Museu do Homem Americano, a partir de conversas e

convivências. E, na oportunidade, afirmar que o conhecimento arqueológico não está restrito ao passado e aos materiais arqueológico, mas está envolvido com experiências vivenciadas no presente, carregadas de significados e memórias que, ao longo do tempo, são modificadas e ressignificadas de acordo com a realidade que o tempo nos permite estabelecer.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Adriana Mortara. Estudos De Público: A avaliação de exposição como instrumento para compreender um processo de comunicação. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 5, p. 325-334, 1995.
- ALMENDRA, R. S. Museus, modernidade e colonialidade. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 1-14, 2016.
- ANZALDÚA, Gloria. Interviews Ed. **AnaLouise Keating**. New York: Routledge, 2000.
- ATALAY, Sonya. Indigenous archaeology as decolonizing practice. **The American Indian Quarterly** v.30, n. 3, p. 280-310, 2006.
- ATALAY, Sonya. **Community-Based Archaeology: Research with, by, and for Indigenous and Local Communities**. Berkeley: University of California Press, 2010.
- BACKX SANABRIA, Isabela Soraia. **A produção de discursos sobre homem e humanismo no Museu do Homem Americano e no Musée de l'Homme**. 2018. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2018.
- BACKX SANABRIA, Isabela Soraia. Percepciones e interpretaciones sobre humanismo en el Museo del Hombre Americano. **Memorias – Revista digital de história y arqueologia desde el caribe colombiano**, Barranquilla, v. 11, n. 27, p. 72-106, 2015.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, 2013.
- BARRETO, C. Arqueologia brasileira: uma perspectiva histórica e comparada. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Suplemento 3, p. 201-212, 1999.
- BEZERRA, M. **Teto e Afeto: sobre as pessoas, as coisas e a arqueologia na Amazônia**. Belém: GK Noronha, 2017.
- BRAGA, Maria Alda da Silva. **O museu do antigo Zabelê na perspectiva da arqueologia pública e museologia social**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato, 2021.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema**. São Paulo: FFLCH - USP, 1995.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Estudos de cultura material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio. **Cultura**

material e patrimônio da ciência e tecnologia. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2009.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **A perspectiva museológica e a articulação entre informação, memória e patrimônio. Informação, patrimônio e memória: diálogos interdisciplinares.** Tradução. João Pessoa: Editora da UFPB, p. 11-23, 2015.

CABRAL, M. **No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta.** 2014. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

CARDOSO, R. M. **Arqueologia musealizada e educação patrimonial: caminhos e desafios da transmissão do conhecimento nos museus recifenses.** 2013. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. Tese (Doutorado em Educação; Filosofia da Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CASTAÑEDA, Q. E. Ethnography and the Social Construction of Archaeology. In: CASTAÑEDA, Quetzil; MATTHEWS, Christopher (eds.). **Ethnographic Archaeologies: reflections on stakeholders and Archaeological practices.** Plymouth: Altamira Press, 2008.

CASTAÑEDA, Quetzil. The “Ethnographic Turn” in Archaeology. In: CASTAÑEDA, Quetzil; MATTHEWS, Christopher (eds.). **Ethnographic Archaeologies: Reflections on Stakeholders and Archaeological Practices.** Plymouth: Altamira Press, 2008, p. 25-61.

CASTAÑEDA, Quetzil; MATTHEWS, Christopher (eds.). **Ethnographic Archaeologies: reflections on stakeholders and Archaeological practices.** Plymouth: Altamira Press, 2008.

CHAGAS, Mario. GOUVEIA, Inês. **Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação).** In *Museologia Social. Cadernos do Ceom.* Ano 27, no 41. Chapecó: Unochapecó, p. 9-22, 2014.

CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero.** Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle+Crenshaw.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

DABUL, Lúgia. Práticas Sociais em Exposições de Arte de Centros Culturais: Formas de Ocupação de Espaços Públicos. In: VALENÇA, Marcio; CAVALCANTE, Gilene Moura (org.). **Globalização e Marginalidade: Transformações urbanas.** Natal: EUFRN, 2008. v. 1, p. 179-188.

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação**: na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2000.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber - eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 24-32.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da Libertação**: crítica à ideologia da exclusão. 5. reimp. São Paulo: Paulus, 2015.

DUSSEL, Enrique. **O encobrimento do outro**: a origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

DYKE, Ruth M. Archaeology and Social Memory. **Annual Review of Anthropology**, v. 48, n. 1, p. 207-225, 2019.

ESCOBAR, Arturo. Mundos y conocimientos de otro modo: El programa de investigación de modernidade colonialidad latinoamericano. **Tabula Rasa**, Bogotá, n.1, p. 51-86, 2003.

ESCOBAR, Arturo. **Más allá del Tercer Mundo**. Globalización y diferencia. Primeira publicação 2005. Instituto Colombiano de Antropología e Historia de la Universidad del Cauca: Bogotá, 2012.

FANON, Frantz. **Pele Negra**. Máscaras Brancas. Rio de Janeiro: Ed. Fator, 1983.

FUMDHAM. **Instagram**. 2021. Disponível em: @museudohomemamericano. Acesso em: 15 jul. 2023.

FUNARI, P. P. de A. Teoria e métodos na Arqueologia contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica. **Mneme: Revista de Humanidades**, Natal, v. 6, n. 13, p. 1-5, 2005.

FUNARI, P. P. de A.; CARVALHO, A. V. de. Arqueologia e Patrimônio no século XXI: as perspectivas abertas pela Arqueologia pública. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 3., 2007, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: UNICAMP, 2007.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. A Arqueologia Pública na América Latina e seu contexto mundial. **Locus**, Campo Grande, v. 6, n. 11, p. 87-96, 2002.

FUNARI, P. P. de A. Arqueologia, História e Arqueologia Histórica no contexto sul-americano. In: FUNARI, P. P. de A. (org.). **Cultura Material e Arqueologia Histórica**. Campinas: IFCH-Unicamp, 1998. p. 7-34.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

GNECCO, C. La arqueología (moderna) ante el empuje de. colonial. In: SHEPHERD, N.; GNECCO, C.; HABER, A. (eds.). **En Arqueología y Decolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones El Signo, 2016. p. 70-122.

GNECCO, Cristobál. Caminhos de la arqueología: de la violencia epistémica a la relacionalidad. **Revista Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2009.

GOMES, Sérgio. **O passado, a identidade e as teias do governo**: Estudos sobre os entrelaçamentos das práticas de produção do conhecimento arqueológico e de construção da identidade nacional salazarista. 2011. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade do Porto, Porto, 2011.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e Patrimônio**: Ensaios Contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. p. 21-29.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, p. 15- 36, 2005.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. G. **Arqueologia do passado contemporâneo**: uma olhada desde a Península Ibérica. Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 3-7, 2019.

GONÇALVES, Rosa Maria. **Do outro lado do espelho**: fundamentos teórico-poéticos para o Museu do Homem Americano. 2016. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GROSGOUEL, Ramon. “Para Descolonizar os Estudos de Economia Política e os Estudos Pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

GROSGOUEL, Ramón. “Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global”. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 80, p. 115-147, 2008.

GUIDON, N. Parque Nacional Serra da Capivara: modelo de preservação do patrimônio arqueológico ameaçado. Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, v. 33, p. 75-93, 2007.

HABER, A. Arqueología indisciplina y descolonización del conocimiento. In: SHEPHERD, Nick; GNECCO, Cristóbal; HABER, Alejandro (eds.). **En Arqueología y Decolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones El Signo, 2016. p. 123-166

HABER, Alejandro. Decolonizing Archaeological Thought in South America. **Annual Review of Anthropology**, v, 45, n. 1, p. 469–485, 2016.

HAMILAKIS, Y. **Archaeological Etnography**: A Multitemporal Meeting Ground for Archaeology and Antropology. *Annual Reviews of Anthropology*, v. 40, p. 399-414, 2011.

HARAWAY, Donna. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009.

HARTEMANN, G. **Voltar, contar e lembrar de Gangan**: Por uma Arqueologia griótica afrodecolonial em Mana, Guiana. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

HARTEMANN, Gabby Omoni. Escavando a Violência Colonial: Arqueologia Griótica e Engajamento Comunitário na Guiana. **Cadernos do Lepaarq**, Pelotas, v. 19, n. 37, p. 142-191, 2022.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (eds.). **The Invention of Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

IBARRA-COLADO, E. Organization studies and epistemic coloniality in Latin America: thinking otherness from the margins. **Organization**, v. 13, n. 4, p. 463-488, 2006.

KARNAL, Leandro. Os textos de fundação da América: a memória da crônica e alteridade. **Ideias**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 9-14, 2004.

KILOMBA, Grada. **DESCOLONIZANDO O CONHECIMENTO**: Palestra-Performance de Grada Kilomba. 2016. Tradução de Jessica Oliveira. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/kilomba-grada-ensinando-a-transgredir.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2023.

LANATA, José Luís (ed.). **Explorando algunos temas de Arqueología**. Buenos Aires: Gedisa Editorial/UBA, 2004.

LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005.

LÉVINAS, E. **Éthique comme philosophie première**. Paris, Éditions Payot & Rivages, p. 118, 1998.

LIEBMANN, M. Introduction: The intersections of Archaeology and Postcolonial studies. In: M. Liebmman e U. Z. Rizvi (Eds.). **Archaeology and the Postcolonial Critique**. Lanham, Alta- mira Press, p. 1-20, 2008.

LOPES, Marisa. Museu, para quê? Compreensões sobre o Museu do Homem Americano. **Revista Rua**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 591-614, 2020.

LUGONES, María. Colonialidad y género. **Tabula Rasa**. Bogotá, n. 9, p. 73-101, 2008.

MACÊDO, Géssika Sousa. **Retalhos afetivos de tecidos coletivos**: vivências de arqueologias decoloniais em São Braz do Piauí. 2021. 177 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2021.

MACÊDO, Géssika Sousa. **Retalhos afetivos de tecidos coletivos**: vivências de arqueologias decoloniais em São Braz do Piauí. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato, 2021.

MAGESTE, L. E. C. *et al.* As arqueologias de São Braz do Piauí: Apontamentos iniciais sobre as narrativas e usos dos bens arqueológicos no presente. **Cadernos do Lepaarq**, Pelotas, v. 17, n. 34, p. 164- 182, 2020.

MAGESTE, Leandro Elias; AMARAL, Aleancar de Miranda. As arqueologias afetivas na produção discente da Universidade Federal do Vale do São Francisco: desdobramentos históricos e interfaces teóricas na construção da Arqueologia no Sudeste e Sudoeste do Piauí. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 17, n. 2, p. 1-33, 2021.

MALDONADO-TORRES, Nelson. “Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto”. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (eds.). **El giro decolonial**: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Iesco-Pensar-Siglo del Hombre Editores, 2007. p.127-167.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 75-97, 2016.

MARCONI, Marina A. & LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. Editora Atlas. p. 312, 2010.

MARTINS, P. H.; BENZAQUEN, J. F. Uma proposta de matriz metodológica para os estudos descoloniais. **Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, Recife, v. 2, n. 11, p. 10-31, 2017.

MBEMBE, Achille. **Sair da Grande Noite**: ensaio sobre a África descolonizada. Portugal: Edições Pedago- LDA, 2014.

MENDES, Naliana da Silva. **Museu do Homem Americano**: descortinando a educação museal sobre a arte pré-histórica em São Raimundo Nonato. 2022. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

MIGNOLO, W. O controle dos corpos e dos saberes: Entrevista com Walter Mignolo. Tradução André Langer. **Revista IHU**, São Leopoldo, 2014.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais, diseños globales**: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Akal, 2003.

MIGNOLO, Walter D. **La idea de América Latina**: la herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2010.

MIGNOLO, Walter. El desprendimiento: pensamiento crítico y giro descolonial. In: MIGNOLO, Walter; SCHIWY, Freya; MALDONADO-TORRES, Nelson (orgs.). **Descolonialidad del ser y del saber**: videos indígenas y los límites coloniales de la izquierda en Bolivia. Buenos Aires: Del Signo, 2006.

MIGNOLO, Walter. Introduction: coloniality of power and de-colonial thinking. **Cultural Studies**, v. 21, n. 2, p.155-167, 2007.

MIGNOLO, Walter. “**Delinking epistemology**”. An interview with Marina Grzinick. *Reartikulacija*, 5 (2), 2008.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina**: La herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa, 2005.

MIGNOLO, Walter D. **Desafios decoloniais hoje**. Revista Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu, v.1, n.1, p. 12-32, 2017.

MIGNOLO, Walter. **Local Histories/Global Designs**: Essays on the Coloniality of Power, Subaltern Knowledges and Border Thinking. Princeton: Princeton University Press, 2012.

MIGNOLO, Walter. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 667-707.

MORAIS, Carina Siqueira de; FERREIRA, Helaine Sivini. O Museu do Homem Americano e o seu discurso museológico. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7., Natal, 2019. **Anais [...]**. Natal: UFRN, 2019.

MORESI, E. **Metodologia da Pesquisa**. Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2003.

MORO-ABADIA, O. The history of Archaeology as a “colonial discourse”. **Bulletin of the History of Archaeology**, v. 16, n. 2, p. 4-17. 2006.

MÜLLER, J. P. M.; SOUSA, R. S. C. Cartografias subalternas: travessias epistemológicas para a ciência da informação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 1-18, 2021. DOI: 10.18617/liinc.v17i2.5786 Acesso em: 24 jun. 2023.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses**. São Paulo: Global, 2009.

NEVES, E. G. A identidade da Arqueologia brasileira. **Estudos Avançados**, v. 29, n. 83, p. 19-23, 2015.

NOPEs, Adriane. **Eurocentrismo e o Projeto de Modernização do Brasil**: uma análise sociológica a partir da fala dos Engenheiros Professores da UFSC (1960-1980) / Adriane Nopes ; orientadora, Elizabeth Farias da Silva - Florianópolis, SC, 2013.

NORA, P. Entre memória e história: A problemática dos lugares. **Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História**, v. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Elizabeth de Souza; LUCINI, Marizete. O pensamento decolonial: conceitos para pensar uma prática de pesquisa de resistência. **Revista Boletim Historiar**, v. 8, n. 1, p. 1-19, 2021.

OLIVEIRA, Iltemar de Negreiros. **Problemas de gênero nos registros rupestres do Parque Nacional Serra Da Capivara-PI**: Provocações em direção a uma ecologia de saberes. 2022. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2022.

OLIVEIRA, Itamar Soares. **Alfabetização científica e museus na Serra da Capivara**. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

OLIVEIRA, Jaime de Santana. **Memória e Patrimônio Arqueológico**: Vozes sertanejas na área do Parque Nacional Serra da Capivara. 2015. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal do Piauí, [Teresina], 2015.

OTAVIANO, Mariana Zanchetta. **Não tem certo, não tem errado**: estratigrafia das vozes, significados e apropriações da cultura material na comunidade da Aldeia da Mina Grande – T.I Kapinawá (PE). 2019. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

PELLINI, J. R. **Archaeology of affection**. In C. Smith (Ed.), *Encyclopedia of global archaeology* (2 ed., pp. 1-9). Springer International Publishing, 2018.

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. **Arquivos da Memória: Antropologia, Escala e Memória**, n. 2, p. 4-27, 2007.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad-racionalidad. In: BONILLO, Heraclio (org.). **Los conquistados**. Bogotá: Tercer Mundo; Flacso, 1992. p. 437-449.

RESTREPO, E.; ROJAS, A. **Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Popayán: Universidad del Cauca, 2010.

RIBEIRO, D. L. **A musealização da Arqueologia: um estudo dos Museus de Arqueologia de Xingó e do Sambaqui de Joinville**. 2013. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. Arqueologia em perspectiva: 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado. **Revista da USP**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 10-31, 2000.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika Marion. **Arqueologia e sociedade no município de Ribeirão Grande, sul de São Paulo: ações em arqueologia pública ligadas ao Projeto de Ampliação da Mina Calcária Limeira**. Revista Arqueologia Pública. São Paulo, n.1, p. 63-120, 2006.

ROCHA, Josimar Custodio. **Breve história da arqueologia no sertão do Piauí (1970-1993)**. 2019. 83 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, 2019.

ROCHA, Thaíse Sá Freire. “**Aquilo que é tirado da terra, às vezes pode matar**”: as relações estabelecidas entre arqueologia e a comunidade de Carangola, Minas Gerais, Pelotas, 2017.

RODRIGUES, Donizete. Reflexões sobre a história da Arqueologia (colonialista e nacionalista) africana. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 1, p. 191-194, 1991.

SAID, Edward. **Orientalism**. New York: Vintage Books, 1978.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museus brasileiros e política cultural. **Rev. bras. Ci. Soc.**, v. 19, n. 55, p.53-72, 2004.

SANTOS, T. de L. P. Teoria e arqueologia através de eventos: A escola americana e a escola francesa. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 18–35, 2015.

SCHEPPELE, Kim Lane. “North American Emergencies: The Use of Emergency Powers in Canada and the United States”. **International Journal of Constitutional Law**, v. 4, n. 2, p. 213-243, 2006.

SCHIMIDT, Beatriz; PALAZZ, Ambra; PICCININI, Cesar A. **Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto de pandemia de COVID-19**, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil, 1970-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Os museus etnográficos brasileiros**: “Polvo é povo, molusco também é gente”. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das letras, p. 67-98, 1993.

SHEPHERD, N. Arqueología, colonialidad, modernidad. In: SHEPHERD, N.; GNECCO, C.; HABER, A. (eds.). **En Arqueología y Decolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones El Signo, 2016. p. 19-70.

SMITH, Laurajane; WATERTON, Emma. **Heritage, Communities and Archaeology**. Londres: Gerald Duckworth and Co., 2009.

SOARES, Itamar Oliveira. **Alfabetização científica e museus na Serra da Capivara**. Tese (Doutorado Programa de Pós-Graduação Educação Científica, Matemática e Tecnológica) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2023.

SOBRAL, Francisco José Almeida. **A pré-história do Brasil no ensino médio: uma proposta de ensino a partir da educação patrimonial**. 2023. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

SOUSA, Maria Sueli Rodrigues de. **O Povo do Zabelê e o Parque Nacional da Serra da Capivara no Estado do Piauí: tensões, desafios e riscos da gestão principiológica da complexidade constitucional**. 2009. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

STEIN, Gil J. Introduction: The Comparative Archaeology of Colonial Encounters. In: STEIN, Gil J. (ed.). **The Archaeology of Colonial Encounters: comparative perspectives**. Santa Fe: School of American Research Press, 2005. p. 3-31.

THOMAS, Julian. **Archaeology and Modernity**. Londres: Routledge, 2004.

TIRADO, Genara. **“Violencia Epistémica y Descolonización del Conocimiento”**. Sociocriticism, v. XXIV, 1 e 2, 2009.

TRIGGER, Bruce G. Alternatives Archaeologies: Nationalist, Colonialist, Imperialist. **Man, New Series**, v. 19, n. 3, p. 355-370, 1984.

TOLENTINO, Átila B. **Museologia social**: apontamentos históricos e conceituais In.: Cadernos de Sociomuseologia, No. 8, p. 21-44, 2016.

VEIGA, A. M. Uma virada epistêmica feminista (negra): conceitos e debates. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, p. e0101, 2020.

VIEIRA, M. M. F.; CARVALHO, C. A. Tréplica ao professor Bertero. **Organização & Sociedade**, v. 10, n. 27, p. 179-180, 2003.

WALSH, C. (ed.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WICHERS, Camila A. de. Moraes. Exposições arqueológicas e povos indígenas: Passados excluídos e memórias exiladas. **Crítica e Sociedade**: revista de cultura política, v. 7, p. 28-54, 2017.

WICHERS, Camila A. de. Moraes. **Patrimônio Arqueológico Paulista**: proposições e provocações museológicas. 2011. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ANEXO I - DADOS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nome completo: Anderson Wallecy Rodrigues de Carvalho

Idade: 27

Cidade de origem: João Costa, Piauí

Cidade atual: São Raimundo Nonato, Piauí

Formação: Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial; e Pós-graduação em Arqueologia

Área de pesquisa: Educação Patrimonial

Temáticas de pesquisa: Educação Patrimonial e Arqueologia Preventiva.

Nome completo: Marisa Lima Miranda Sousa

Idade: 28

Cidade de origem: Coronel José Dias

Cidade atual: Coronel José Dias

Formação: Arqueologia e Preservação Patrimonial

Área de pesquisa: Arqueologia

Temáticas de pesquisa: Arqueologia, comunidades tradicionais e gestão do Patrimônio cultural.

Nome completo: Jaime de Santana Oliveira

Idade: 35

Cidade de origem: Anísio de Abreu-PI

Cidade atual: Manaus-AM

Formação: Arqueologia

Área de pesquisa: Arqueologia Pública.

Temáticas de pesquisa: Arqueologia Pública.

Nome completo: Amanda Paes Landim Silva

Idade: 28 anos

Cidade de origem: São Raimundo Nonato

Cidade atual: São Raimundo Nonato

Formação: Arqueologia e Preservação Patrimonial

Área de pesquisa: “Arqueologia, Comunidades Tradicionais e Gestão do Patrimônio Cultural”.

Temáticas de pesquisa: Estudos de fazendas, na perspectiva da Arqueologia do Presente.

Nome completo: Marildes Lima Miranda Sousa

Idade: 26 anos

Cidade de origem: Coronel José Dias

Cidade atual: Coronel José Dias

Formação: Arqueologia

Área de pesquisa: Arqueologia do presente

Temática: Lugares de memória e patrimônio cultural.

Nome completo: Géssika Sousa Mâcedo

Idade: 27 anos

Cidade de origem: São Brás

Cidade atual: São Brás

Formação: Arqueologia e Preservação Patrimonial

Área de pesquisa: Arqueologia

Temática: Arqueologia e patrimônio.

ANEXO II – ENTREVISTAS

Entrevistado: Anderson Wallecy Rodrigues de Carvalho, 27 anos. Entrevista realizada em 05 de setembro de 2023.

PERGUNTAS

Para você o que é museu?

No meu entendimento, museu é uma instituição de guarda, de pesquisa e de extroversão do conhecimento científico produzido. Os museus se estabelecem sobre esses três pilares e nenhum deles pode ser negligenciado – sem acervo, por exemplo, não há pesquisa, sem pesquisa, não há como haver extroversão, pois sem sistematização das informações que advém dos estudos da cultura material, é quase impossível capturar um público sem uma narrativa coerente.

Você conhece o Museu do Homem Americano?

Sim. Através das disciplinas de graduação do curso de Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), e posteriormente, por meio do desenvolvimento de projetos de extensão no Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Arqueologia da Univasf.

Quantas vezes você visitou o Museu do Homem Americano?

Ao todo foram três visitas ao longo da minha graduação, entre os anos de 2015 a 2019. Duas visitas foram através de disciplinas da graduação, e a terceira visita foi como monitor do grupo PET-Arqueologia durante a realização de uma visita guiada ao museu, com alunos da rede pública de ensino de São Raimundo Nonato, Piauí.

Motivos que te levaram para visitar o Museu do Homem Americano?

Os motivos foram estritamente acadêmicos, seja por meio da presença nas disciplinas de campo da graduação, ou pela participação em atividades extracurriculares com o grupo PET-Arqueologia.

Como foram as visitas ao Museu do Homem Americano?

As duas primeiras visitas foram nos anos iniciais da minha graduação em arqueologia, nesse período busquei captar o que o museu estava proporcionando como experiência audiovisual. Contudo, na terceira visita, minha experiência não foi de deleite, mas de facilitador, para tornar

a narrativa arqueológica em volta do museu algo palpável e compreensível para os alunos das escolas municipais. Esse exercício me fez perceber um pouco das características dessa instituição.

Qual sua relação com o Museu do Homem Americano?

Atualmente, como um único indivíduo, minha relação com esse museu é de espectador e consumidor de seus produtos. Após minha graduação, não desenvolvi nenhuma relação profissional ou de parceria acadêmica. E no período que antecedeu minha formação, não tive contato com a mesma.

Como você ver o Museu do Homem Americano atualmente?

Hoje eu vejo como uma importante instituição para manutenção do *status quo* da arqueologia e do fomento do turismo na área arqueológica da Serra da Capivara. Assim como vejo a importância da Univasf no desenvolvimento do ensino, da pesquisa e extensão da arqueologia nessa região.

Como você entende o acervo e a narrativa oficial do Museu do Homem Americano?

Eu entendo como sendo uma reprodução da narrativa tradicional da arqueologia como uma ciência empírica que precise ser neutra, imparcial e pautada por métodos científicos que muitas vezes afasta o pesquisador do seu contexto social e político. Sendo que a despolitização dos dados arqueológicos diminui o alcance da arqueologia na sociedade civil, principalmente em causas sociais, perpetuando assim, um sentimento de indiferença com relação à preservação dos contextos arqueológicos.

Em seu entendimento como você entende a produção de saberes do Museu do Homem Americano a partir de sua exposição e seu discurso oficial?

Eu entendo que a produção de saberes desse museu seja voltada principalmente para formação de novos cientistas, por isso a adoção de métodos mais rígidos e racionalizados a partir do método empírico das ciências naturais. Contudo, é necessário que essa geração tenha, além do domínio da produção científica em si, um senso crítico sobre a sociedade em que vivemos, fortemente marcada pela desigualdade de classe, gênero e raça.

Como você entende da institucionalização da Arqueologia na região a partir da chegada da arqueóloga Niéde Guidon, criação do Parque Nacional Serra da Capivara, Museu do Homem Americano e implementação do Curso de Arqueologia na UNIVASF?

Vejo como positivo a institucionalização da arqueologia na região a partir da chegada da arqueóloga Niéde Guidon. Mas problemático a aplicação de uma ciência rígida que influenciou a maneira como foi conduzida e efetivada a criação do Parque Nacional Serra da Capivara na década de 1980. Até hoje isso se contrapõe a uma perspectiva decolonial por meio da gestão centralizada dos bens arqueológicos. Desta forma, se perpetua uma relação de assimétrica com as comunidades locais. Por outro lado, em decorrência da criação do Parque Nacional Serra da Capivara, foi implantado em 2003 o curso de Arqueologia na Univasf. Por sua vez se tornou um importante instrumento de reparação através da formação dos descendentes diretos das comunidades locais que foram afetadas pela criação do parque. Portanto, vejo um contexto marcado por rupturas, mas que pode ser ressignificado com a formação de uma nova geração de arqueólogos/as e do fomento de novas abordagens.

Como você percebe sua história, enquanto arqueólogo-a, diante do cenário de institucionalização da arqueologia na região, considerando sua entrada no curso de arqueologia, sua formação e sua atuação atualmente?

Percebi que minha história como arqueólogo foi fortemente influenciada por uma perspectiva política da arqueologia que me direcionou para uma atuação mais engajada e pública. Esse fato se cominou, primeiramente, através da necessidade do uso das políticas de cotas para ter acesso ao ensino superior, e posteriormente, pelos estudos sobre os processos de formação da nossa sociedade a partir da assimilação cruel das populações indígenas e negras, e como isso gerou o processo de desigualdade social no Brasil. Consequentemente, a partir dessa percepção, sempre busquei justificar minha atuação através da difusão crítica que a arqueologia me proporcionou da sociedade, principalmente nos momento em que foi direcionado a explanar sobre a função da arqueologia nos contextos das grandes obras de construção civil. Além disso, isso me influenciou a continuar meus estudos na pós-graduação e repensar minhas prioridades de vida.

Entrevistada: Amanda Paes Landim Silva, 28 anos. Entrevista realizada em 14 de julho de 2013.

PERGUNTAS

Para você o que é museu?

Museu é uma instituição que se dedica a conservar e estudar bens patrimoniais. Desta maneira, o mesmo é direcionado ao público no intuito de demonstrar sua importância e relevância a respeito do patrimônio material e imaterial da humanidade. Nesse sentido, ele nos proporciona experiências diversas nos âmbitos da educação reflexão e partilha de conhecimentos através de suas histórias e memórias.

Você conhece o Museu do Homem Americano?

Conheço sim.

Quantas vezes você visitou o Museu do Homem Americano?

Já visitei diversas vezes, não lembro muito bem, mas acredito que umas três vezes eu visitei as salas das exposições.

Motivos que te levaram para visitar o Museu do Homem Americano?

O primeiro motivo se constituiu em curiosidade mesmo, de início eu não sabia de fato o que seria o museu e sua importância para a sociedade. Então nesse primeiro momento antes de entrar no curso de arqueologia, era curiosidade que eu tenho. Hoje já visito o museu com outros olhos que se situam pelos campos da afetividade e da sua importância enquanto a instituição que compartilha as mais diversas experiências a partir do patrimônio material e imaterial.

Como foram as visitas ao Museu do Homem Americano? Como você ver o Museu do Homem Americano atualmente?

As visitas foram bem variadas e com experiências e olhares diferentes. A primeira visita eu fui na época da escola mesmo, no ensino fundamental, na 5ª série, se não me engano. Eu me recordo que na época foi a professora de história do colégio que eu estudava que organizou essa visita, a professora estava dando aula sobre evolução humana e organizou junto com outros professores esta visita. Nesse tempo, a gente foi em um ônibus lotado, porque todas as turmas pertencentes da escola foram. Nesse tempo, eu não tinha um entendimento que hoje eu tenho sobre o museu, eu era mais curiosa mesmo, olhava o acervo, mas não tinha noção do tamanho da importância do mesmo para a região, para mim era só algo de um passado muito distante, que falava sobre coisas bem antigas.

A segunda visita eu realizei no tempo que eu fui matricular no curso de arqueologia e foi justamente no auditório do museu que ocorreu a chamada de alunos para ingressar em arqueologia no ano de 2015. Nesse dia, eu andei por fora em boa parte do local e observei

muitas coisas que na primeira visita eu não conseguia me atentar de fato cada visita era uma experiência diferente e nunca observava as mesmas coisas eram sempre outras. E comecei a me questionar sobre fazer o curso de arqueologia, está em um museu que também é de arqueologia, e conhecer tão pouco, sabe, não entender quase nada.

Dessa maneira, o museu no meu modo de ver foi se transformando cada vez mais, quando eu já estava fazendo o curso de arqueologia eu percebi de maneira mais ampla sua importância para o território Serra da Capivara, e com as aulas de Desenho Arqueológico e Informática que foram aplicadas na Instituição do museu onde funciona os laboratórios eu fui mudando meu entendimento sobre o museu e nesse período eu pude observar mais, aprender e compartilhar experiências com aquele lugar já era uma relação afetiva mesmo, onde cursar arqueologia estava trazendo novas formas de ver e entender o Museu, e saber que ali tem muitas histórias, para além das apresentadas em seu discurso oficial que se popularizou.

Na última visita, foi no ano passado em 2022 fui com você Andreiza, uma amiga e colega de profissão ao museu, realizar a parte da pesquisa dela, eu fui para acompanhar-lá. Nesse período, eu já estava no mestrado e já tinha amadurecido mais ainda minha perspectiva sobre museu, especialmente, sobre a forma que o Museu do Homem Americano apresenta os dados arqueológicos, isso considerando abordagens recentes defendidas pela arqueologia e museologia. Hoje eu entendo e vejo o museu e a sua organização dos acervos de forma diferente e também vejo a importância da arqueologia para nossa cidade, com os acervos presentes no museu a gente pode imaginar as histórias e memórias construídas através dos objetos locais, mas é algo que de certa maneira nos situa em um lugar muito distante, não que isso não seja importante, porque é relevante sim, mas de certa forma nos deixa reflexivos sobre as histórias mais recentes de pessoas que participam daquele contexto, mas não aparecem ali, estas também reconfiguraram a maneira de ver este local, visto que o mesmo está localizado na região, onde a mesma tem bastante influência e relação com grupos indígenas que habitaram este local, fico pensando que poderia também abranger essas histórias e narrativas, uma arqueologia do presente, e não somente o foco na pré-história. Mas isso é apenas uma reflexão e uma observação que tenho sobre os acervos, mostrando o amadurecimento desses campos para além do passado, e isso nos mostra como a arqueologia é capaz de nos transformar e nos deixar mais abertos para a inserção de outras histórias e pontos de vista sobre o Museu do Homem Americano, e pensar para além do que está ali exposto e narrado.

Qual sua relação com o Museu do Homem Americano?

É uma relação de pertencimento, de fazer parte da história, isso pensando em questões de ser da região, e também por ser impactada pelos processos de âmbito arqueológico que resultarão na criação do museu.

Como você entende o acervo e a narrativa oficial do Museu do Homem Americano?

Vejo como uma instituição que se destina a preservação das histórias e memórias locais, que segue uma normativa construída pela base científica, e que nos dias de hoje nos permite ir além do que constitui o museu a partir dos acervos e textos que lá estão expostos, e pensar outras histórias que ali não são contadas, mas que fazem parte da exposição.

Como você entende da institucionalização da Arqueologia na região a partir da chegada da arqueóloga Niéde Guidon, criação do Parque Nacional Serra da Capivara, Museu do Homem Americano e implementação do Curso de Arqueologia na UNIVASF?

Com a chegada da Niede na região acredito que muitas coisas mudaram, e com a criação do Parque também veio outras oportunidades para os moradores locais, para uma arqueologia local, essa que trouxe a oportunidade de formar profissionais para atuar na arqueologia, esses por sua vez, fazem parte dessa história e participam dessa trajetória.

Como você percebe sua história, enquanto arqueólogo-a, diante do cenário de institucionalização da arqueologia na região, considerando sua entrada no curso de arqueologia, sua formação e sua atuação atualmente?

Eu me sinto feliz com a chegada da arqueologia aqui na região, pois graças as descobertas e histórias que permeiam o local eu pude ver a importância da arqueologia para mim e pessoas aqui da região e também pude me formar em arqueologia e de certa maneira participar dessa construção, justamente por ter uma trajetória acadêmica e profissional impactada por todos esses processos configurados pela arqueologia, e desenvolver pesquisas no meu local de origem, e dentro desse cenário que reconheço o museu como um importante ponto para pensar a arqueologia em nossa região e uma história construída pelos dados arqueológicos ali apresentado sobre nossa região, é que se consolida e possibilita esse meu olhar de diferentes momentos para o museu, este olhar que vem de impactos e afetividades.

Entrevistada: Géssika Sousa Mâcedo, 27 anos. Entrevista realizada em 26 de agosto de 2023.

PERGUNTAS:

Para você o que é museu?

Pra mim museu é um lugar de memória, né, tanto de memória física, como não física, é um lugar onde a gente pode ter esse momento de compartilhar sobre ancestralidade, sobre atividade, saber um pouco sobre a nossa história, então pra mim o museu é esse lugar.

Você conhece o Museu do Homem Americano?

Sim, conheço.

Quantas vezes você visitou o Museu do Homem Americano?

Devo ter visitado umas três ou quatros vezes.

Motivos que te levaram para visitar o Museu do Homem Americano?

Os motivos que me levaram o Museu do Homem Americano, foi primeiro a Universidade, as aulas da universidade, algumas como de Educação Ambiental e outras disciplinas que levaram tanto ao museu, quanto ao Parque Nacional Serra da Capivara, então essas foram as primeiras visitas vinculadas a UNIVASF, e também em outras turmas que eu já fui lá, eu já levei turmas de São Braz lá, então foram mais ou menos por aí.

Como foram as visitas ao Museu do Homem Americano?

As visitas foram legais, eu gostei bastante de conhecer pensando nas primeiras vezes, pra mim particularmente foi impactante a sala dos enterramentos, onde fica reproduzindo os vídeos dos rituais funerários, ver as urnas de São Braz também foi um momento especial, foi um momento interessante, principalmente, ver tanto as dimensões das urnas quanto os ossos que estavam dispostos, pensar, visualizar coisas que eu ouvia muito falar, pra mim foi impactante assim nesse sentido, ver materializado as urnas que eu sempre ouvi falar, as urnas lá de São Braz que tinham encontrado, então foi mais o menos assim.

Qual sua relação com o Museu do Homem Americano?

Hoje minha relação com o museu, hoje eu tenho ela, assim, eu não sei dizer, eu não sei explicar assim como é que é minha relação com o museu, porque ela já foi muitas coisas, em um primeiro momento ela foi distante, né, principalmente, pensando nesse sentimento de impacto e de distanciamento que se tem do museu, é por conta de sua narrativa, acaba que todas as narrativas, onde a narrativa do Homem Americano ela acaba sendo unificadora, é que obviamente muitas outras questões não são colocadas ali, e acaba que tem essa relação de distanciamento. Hoje, acredito que a minha relação com o museu ela já seja outra, ela já não é mais de distanciamento,

eu já me identifico, eu já tenho uma relação mais próxima, não com o discurso, mas com os objetos que estão lá dentro, onde eu reconheço uma importância muito grande, assim pensando na minha ancestralidade, e pensando na importância daqueles remanescentes e daquelas coisas que estão expostas lá pra história da região e da América. Então, assim, pra mim essa relação ela muda muito, mas hoje, também como em um lugar de pesquisadora ele ocupa também esse lugar afetivo, onde eu sei que tem coisas de São Braz, onde eu sei que tem coisas não só de São Braz, mas de toda região ali da Serra da Capivara.

Como você ver o Museu do Homem Americano atualmente?

É, hoje eu vejo o Museu do Homem Americano, como um esse importante testemunho, pensando tanto na valorização dos trabalhos realizados na região, e também pensando criticamente nas omissões, que não é uma coisa só do museu, mas de quem está por trás do museu, né, e é uma certa resistência em outras narrativas que é comum nessas instituições muito consolidadas, e que precisam estar muito consolidadas. Então é também essa visão dependendo do ponto de vista, pra mim é um importante lugar de salvaguarda, que precisa ser valorizado, e ao mesmo tempo ele é essa instituição normativa, que acaba também trazendo um distanciamento da comunidade que mora realmente ali, mas assim estou falando muito por mim, não sei talvez, muitas pessoas de São Raimundo, veem de outra forma, muitas pessoas de São Braz também podem ver de outra forma, mas acredito que pensando de uma maneira geral ele é e se configura dessa forma.

Como você entende o acervo e a narrativa oficial do Museu do Homem Americano? Em seu entendimento como você entende a produção de saberes do Museu do Homem Americano a partir de sua exposição e seu discurso oficial?

Eu acho, e é bem um achismo, que ela é uma narrativa bem homogeneizada, assim, uma narrativa que quem reforça busca sempre está ali firme, dificilmente aceita outras sugestões, ou vivências, tem assim um ponto bem específico que ele é claramente distribuído ao longo do Parque Nacional Serra da Capivara, e também no Museu do Homem Americano, e também no Museu da Natureza é de que existe o reforço do extermínio, o reforço do extermínio indígena, e tratando esse “índio”, índio entre aspas, como um ser cristalizado no tempo, muito recuado no tempo, que só serviria ali, e que só reforçaria pra fundamentar essa teoria de antiguidade, né, de corpos muito antigos, e de presenças muito antigas na região, sabe, e acredito que muito dessa narrativa oficial ela super valoriza muito essa ideia desse Homem Americano, e acaba que quem não tem conhecimento de como foi realmente essa transição no Parque, e como foi o

processo, pensando principalmente na comunidade Novo Zabelê, fica a parte das coisas que aconteceram e também da história, né, de como essa narrativa ela se constrói ali dentro, então é isso. E também um ponto que aparece aqui, é um ponto que a gente tocou na nossa conversa, que é sobre a população de São Braz que aparece como depredadores, é eu não tenho conhecimento do trabalho da Backx que você citou, que toca nessa questão, mas eu lembro que isso foi algo que me chamou atenção, nas minhas primeiras visitas, pensar em ver lá à comunidade de São Braz apenas como destruidores do patrimônio, assim eu não sei se mudaram alguma lá, também não lembro se mudaram alguma coisa nas últimas vezes que eu fui lá, mas é algo que me incomodou e que talvez até tenha me motivado a fazer muitas outras perguntas sobre São Braz, né, não é atoa que até hoje eu estou realizando pesquisa em São Braz, então assim, vem muito desse lugar de incômodo.

Como você entende da institucionalização da Arqueologia na região a partir da chegada da arqueóloga Niéde Guidon, criação do Parque Nacional Serra da Capivara, Museu do Homem Americano e implementação do Curso de Arqueologia na UNIVASF?

Isso é uma história bem longa, Niéde Guidon é uma mulher de muitos títulos assim pra região né, atualmente a gente poderia colocar que até o aeroporto de São Raimundo Nonato, toda essa estrutura que foi criada pra receber esses turistas, então ver essa estrada aí construída veio uma abertura maior, e eu acho que eu entendo que é pensar a institucionalização de diferentes lados, assim claro que celebrar toda essa estrutura que temos hoje, mas também é reconhecer que não necessariamente temos tudo isso, temos passe livre pra tudo isso, é o curso de arqueologia na UNIVASF a gente consegue entrar com o ENEN, consegue se especializar de uma forma mais livre, pensando até no contexto da universidade, mas além de visitas no Parque Nacional Serra da Capivara e no Museu do Homem Americano, fazer pesquisa é algo que a maioria das vezes, na maioria esmagadora das vezes não é algo que está ali com um acesso fácil pra gente que é moradora de lá né, e a gente não é só moradora, a gente é pesquisadora, a gente tá fazendo mestrado, a gente tá fazendo doutorado, enfim, e mesmo assim a gente se tentasse fazer qualquer pesquisa lá, não estou dizendo que não seria aceito, pode acontecer, mas não seria algo fácil, pra mim existe aí essa limitação também para essa apropriação, então é mais ou menos isso.

Como você percebe sua história, enquanto arqueólogo-a, diante do cenário de institucionalização da arqueologia na região, considerando sua entrada no curso de arqueologia, sua formação e sua atuação atualmente?

Resumindo assim, é eu acho que querendo ou não quando você nasce aí nessa região em algum momento você vai ouvir falar do parque, em algum momento o parque ele vai ser tema de

alguma coisa na sua escola, se você não for ao parque quando você estiver na escola, em alguma excursão como foi o meu caso assim, teve isso na minha turma, mas eu não consegui ir visitar o parque antes da universidade, ou se você escolhe se especializar em Arqueologia você vai ali mergulhar nesse cenário, então de alguma forma ele vai aparecer na sua vida, seja vendo na televisão, é algo que se relaciona com quem nasce e vive nesse contexto. Aí podemos falar aqui enquanto arqueóloga de São Braz, que também tem essa relação bem próxima com o que é um sítio arqueológico, por exemplo, como viver dentro de um sítio arqueológico, pra mim isso transforma totalmente a minha percepção de passado, que é onde eu vou ter uma percepção de passado muito mais profunda, e principalmente também é em como essas práticas arqueológicas elas acontecem ou elas aconteceram, então eu me vejo fazendo movimentos né que são alimentados ali por mim desde o não reconhecimento nas primeiras visitas no Museu do Homem Americano, pra também a escuta da comunidade, a escuta de pessoas que trabalharam direto ou indiretamente com os pesquisadores e as pesquisadoras desse outro lado do que é fazer pesquisa, sabe, do que é lidar com essas coisas arqueológicas, pra mim foi mergulhar nesses temas da Arqueologia, foi também mergulhar em diferentes temáticas, não só da história em aí, mas da minha história pensando nas narrativas, pensando no conhecimento de pessoas que se identificavam como indígenas, de pessoas que contavam histórias, contavam e falavam sobre encantamento e falavam sobre suas relações com aquelas coisas aquelas coisas antigas, com as urnas, então isso pra mim tem uma conotação para além da pesquisa, ela tem uma conotação pessoal muito forte, que é onde eu passo a valorizar ainda mais e reforçar esse lado, essa parte da ancestralidade que eu tanto falo, e ao mesmo tempo, em algum momento ela foi um letramento racial, mergulhar nesses contextos, e pensar sobre os significados dele, e buscar outras referências pra entender até mesmo os meus sentimentos com relação a isso, foi também um letramento racial, foi também um momento onde eu me percebo dentro de um contexto mais amplo né, um contexto que não se resume apenas a Gêssika de São Braz, vai bem mais além, e isso reproduz também atualmente dentro da pesquisa que eu desenvolvo hoje.

Hoje, eu enquanto pesquisadora, enquanto doutoranda, formada em universidade pública, defendendo a ciência, então assim, eu defendendo a ciência, e defendendo também formas e meios dela continuar sendo feita, não é por que tenho ali um letramento racial que é meu direito, mas que eu passo a ter depois dos estudos com a arqueologia, a partir de uma reflexão mais intensa, pessoalmente, não é necessariamente a arqueologia ela desperta isso mas pessoas, tem pessoas que se formam, e tem uma carreira inteira e essas coisas não fazem sentido, mas acho que pra mim elas fizeram muito sentindo, então, é diferente do que se ler dentro de uma pesquisa que traz todas essas questões afetivas, eu defendendo a valorização da pesquisa e principalmente, a

arqueologia por ver o potencial em rebater essas narrativas de extermínio, essas narrativas de apagamento, então assim, é uma oportunidade de criar outros discursos daqueles que já estão aí consolidados, então assim, eu vejo isso muito assim da minha formação atualmente, onde eu trago também como uma filosofia, mas também pensando criticamente sobre a forma de se fazer ciência e sobre esses processos violentos que acabam sendo reproduzidos, e bem é isso, não sei se ficou bom, mas é isso, Andreiza, muito obrigada por ter me procurando pra falar sobre isso, não sei se eu contemplei suas perguntas, mas é isso, beijo, boa sorte, nesse processo.

Entrevista: Jaime de Santana Oliveira. Entrevista realizada em 08 de setembro de 2023.

PERGUNTAS:

Para você o que é museu?

Eu entendo os museus como um espaço físico ou não físico (digital) que se dedica a preservação da memória de um grupo seja ele de um passado recente ou até mesmo de um passado distante dos dias atuais. Para me os museus eles cumprem um papel fundamental na preservação da memória de um grupo, pois ele ajuda a fortalecer o sentimento de identidade, por isso temos museus de diversas temáticas deste de museu de arte, antiguidade, como também museu da música, de uma língua ou da gastronomia.

Você conhece o Museu do Homem Americano?

Sim, por muitos anos o Museu do Homem Americano foi único museu da minha região sendo uma referência do que eu entendia como museu.

Quantas vezes você visitou o Museu do Homem Americano?

Eu visitei ao Museu do Homem Americano 3 (três) vezes sendo a primeira vez em 2009.

Motivos que te levaram para visitar o Museu do Homem Americano?

Minha primeira motivação a ir no museu foi em razão atividade de ensino como aluno, fomos a visitar o Museu do Homem Americano para conhecer um pouco mais especialmente da pré-história. Mas hoje posso notar que os museus além de ser um local de aprendizagem também é um local de recreação e lazer tudo isso contribui no processo de aprendizagem.

Como foram as visitas ao Museu do Homem Americano?

O Museu do Homem Americano sempre foi um local muito rico de conhecimento, ao visitar o museu me via transportando para um mundo/tempo que eu não tinha vivido. No museu o

sentimento que tinha era de poder conhecer um modo de vida diferente de nossas sociedades atuais. A exposição de alguns artefatos recentes como vidro, louça e metal me fez refletir que a história dos grupos humanos mais recentes também é importante.

Qual sua relação com o Museu do Homem Americano?

O Museu do Homem Americano sempre foi orgulho para nossa região devido a sua riqueza de informações. Inclusive acredito que ele faz parte da identidade de quem mora na região. Mas ainda acho que é preciso uma ampliação para que possa ter mais elementos da arqueologia histórica da região do Parque Nacional Serra da Capivara.

Como você ver o Museu do Homem Americano atualmente?

Assim como citado anteriormente acho o museu muito rico. No entanto, todo o museu é dedicado a pré-história, acho que é de fundamental importância que o museu possa olhar as comunidades tradicionais da região e reservar um espaço para história destas comunidades, falo isso, pois já temos pesquisa no campo da arqueologia histórica que geraram informações sobre estes grupos suficiente para termos uma bela exposição.

Como você entende o acervo e a narrativa oficial do Museu do Homem Americano?

Eu vejo, como importante, ainda que a narrativa do museu esteja estruturada sobre o povoamento da América, antiguidade e pré-história. Eu acho que o Museu do Homem Americano ele reflete um pensamento e um modelo de arqueologia que é fruto do período que seus idealizadores o criaram. No entanto, eu acho que nos atuais temos ferramenta e produção científica que inclusive é resultado do legado do que nos antecederam que nos permite pensar outros museus e outras narrativas.

Em seu entendimento como você entende a produção de saberes do Museu do Homem Americano a partir de sua exposição e seu discurso oficial?

O Museu do Homem Americano aborda e trabalha quase que estritamente a partir do saber científico, sua produção e narrativa está estruturada sobre os mais de 40 anos de pesquisa no campo da arqueologia na região do Parque Nacional Serra da Capivara - (PNSC). Isso é muito importante e não podemos abrir mão deste conhecimento. Contudo, ao longo dos anos, passamos a sentir a necessidade de trabalhar outros conhecimentos especialmente os das comunidades tradicionais e quilombola da região. A minha expectativa é que estas outras

narrativas e esses outros saberes sejam valorizados de forma simétricas, pois elas apresentam um papel importante na construção de nossa identidade.

Como você entende da institucionalização da Arqueologia na região a partir da chegada da arqueóloga Niéde Guidon, criação do Parque Nacional Serra da Capivara, Museu do Homem Americano e implementação do Curso de Arqueologia na UNIVASF?

A arqueologia ela teve um papel relevante, e possibilitou conciliar o desenvolvimento econômico e a preservação patrimonial da região do Parque. Alguns projetos são amplamente conhecidos em razão da excelência e iniciativa no campo da sustentabilidade, como o caso da fábrica de cerâmica, no sítio do Moco, em Coronel José Dias-PI. A atividade turística também é um marco e importante para nossa região. O curso de arqueologia somente foi possível devido a pesquisas arqueológicas. No entanto, atualmente sentimos a necessidade de praticar uma arqueologia socialmente inclusiva que esteja preocupada também com questões não somente do passado, mas também do presente.

Como você percebe sua história, enquanto arqueólogo-a, diante do cenário de institucionalização da arqueologia na região, considerando sua entrada no curso de arqueologia, sua formação e sua atuação atualmente?

Primeiro, gostaria de registrar que me considero privilegiado, por ter tido a oportunidade de cursar arqueologia na minha própria cidade/região. Sei que muitas pessoas não tiveram esta oportunidade, seja por morar distante de uma Universidade que tivesse o curso de graduação em arqueologia ou questões financeiras. No entanto, ser arqueólogo no Brasil hoje tem sido uma carreira difícil, pois é uma profissão nova, e encaramos uma realidade de salários baixos, e trabalhos temporários. Considero minha carreira na arqueologia positiva, quando vejo o processo de realização profissional. Por outro lado, vejo arqueologia atualmente muito a serviço do mercador liberal e capitalista, com meta bem definida de atender a expectativas de grandes empresas e pouca comprometida com as discussões sociais e engajamento com os grupos minoritários (indígenas, quilombolas e ribeirinhos).

Entrevistada: Marildes Lima Miranda Sousa, 26 anos. Entrevista realizada em 14 de agosto de 2013.

PERGUNTAS:

Para você o que é museu?

Entendo museu, como uma instituição destinada a armazenar de maneira adequada com intuito de estudar, conservar e deixar exposto materiais importantes para a humanidade, materiais esses que podem levar conhecimento para as pessoas e entender as culturas ou como era o mundo no passado.

Você conhece o Museu do Homem Americano?

Sim

Quantas vezes você visitou o Museu do Homem Americano? Motivos que te levaram para visitar o Museu do Homem Americano?

Não sei dizer ao certo quantas vezes visitei esse museu, mas te garanto que foram inúmeras vezes, pois sou da comunidade Sítio do Mocó e devido a criação do Parque Nacional Serra da Capivara, a Dr. Niéde Guidon criou um programa chamado Pró- Arte da FUNDHAM. Na minha comunidade havia um colégio chamado NAC (Núcleo de Apoio da comunidade) com reforço escolar, também com atividade que proporcionava as crianças, adolescentes participarem de atividades como aula de desenho, música, capoeira e balé contemporâneo e teatro. E em vários momentos, a Dr. Niéde nos levava para visitar o Museu e termos aula de capoeira na parte externa que tem arquibancadas ou assistir filmes ou documentários no auditório da FUNDHAM.

Lembro-me que algumas vezes também entramos na parte dos laboratórios, só que aquele tempo eu era muito nova, não entendia muito bem apesar de achar interessante.

Inclusive a foto para fazer a carteirinha de aluna do Pró-Arte, foi tirada próximo da porta do auditório do Museu, lembro-me como hoje, todas as crianças se sentindo importante por participar de algo que entendíamos como importante.



Como foram as visitas ao Museu do Homem Americano?

Quando criança, eu não compreendia muito bem, apesar de achar muito interessante todo aquele ambiente, todas aquelas “coisas” exposta para o público, o museu era diferente, ele tinha outra estética, mais simples.

Já no período da graduação de Arqueologia e Preservação Patrimonial, visitei algumas vezes, pois alguns dos professores nos levavam para ter aula na FUNDHAM e no próprio museu. Lembro-me de uma aula da professora Jaciara, sobre enterramentos, e ela explicava que apesar dos enterramentos estarem em exposição, tínhamos que ter respeito com eles, pois eram pessoas.

Recentemente no mestrado, voltei ao museu, porém já com outro olhar, com um olhar mais técnico que entende o que está exposto e a verdadeira importância daquela instituição para a sociedade.

Qual sua relação com o Museu do Homem Americano?

Eu tenho o Museu do Homem americano como um lugar de memória afetiva, pois quando criança, ele fez parte da minha infância, era um lugar que eu ia com frequência, era coisa que ir uma ou duas vezes por semana, as crianças da comunidade Sítio do Mocó que participavam

do Pró- Arte, sempre estavam visitando o museu. Então aquele ambiente, me remete boas recordações.

Como você ver o Museu do Homem Americano atualmente? Como você entende o acervo e a narrativa oficial do Museu do Homem Americano? Em seu entendimento como você entende a produção de saberes do Museu do Homem Americano a partir de sua exposição e seu discurso oficial?

Hoje. Mesmo entendendo a grandiosidade do Museu do Homem Americano tanto para toda a humanidade, como também em específico para a população da região de São Raimundo Nonato, visto que esse museu tem um acervo extremamente rico de cultura, que é extremamente importante para o conhecimento científico como também é um atrativo turístico e econômico da região.

Atualmente ele está com uma apresentação auto explicativa, no entanto com termos técnicos e alguns até ultrapassados que não se usa mais, como é o caso dos termos pré-histórico, onde muitas narrativas foram sendo levadas e espalhadas, diz que pré-história são aqueles que não possuem escrita e consequentemente não tem história. Muitos cientistas e pesquisadores estão adotando o termo Pré colonial, que é usado para se referir a aquele período antes ou no início do colonialismo. Outro termo é índio usado para se referir a pessoas ou grupos indígena, que é um termo totalmente pejorativo e reflete o preconceito em sociedade. O termo correto é indígena. Podemos ver no texto autoexplicativo no enterramento da Toca da Baixa dos Cablocos “O invasor branco trouxe de Portugal doenças que antes no Brasil, e os ÍNDIOS não tinham nenhuma resistência”.

Quando criança isso não me incomodou, pois não entendia. No entanto com a graduação eu fui entendendo determinadas discursões e termologias e quando retornei ao museu, isso me incomodou.

Ao ler os textos auto explicativo na parte interna do museu, vejo várias termologias inapropriadas como índio ou pré-histórico, e termos técnicos que para muitas pessoas acaba sendo de difícil entendimento. Acredito que talvez ajustar os textos que estão espalhados no museu ou até mesmo elabora uma lista com esses termos técnicos e uma tradução para uma linguagem popular, seria algo interessante.

Como você entende da institucionalização da Arqueologia na região a partir da chegada da arqueóloga Niéde Guidon, criação do Parque Nacional Serra da Capivara, Museu do Homem Americano e implementação do Curso de Arqueologia na UNIVASF? Como você

percebe sua história, enquanto arqueólogo-a, diante do cenário de institucionalização da arqueologia na região, considerando sua entrada no curso de arqueologia, sua formação e sua atuação atualmente?

Eu acredito que Arqueologia está ligada à minha vida desde sempre, porque cresci dentro da arqueologia, mesmo não entendendo a sua verdadeira importância.

Mas com a chegada da Dr. Niéde Guidon e as pesquisas voltadas para a arqueologia na região e os projetos sociais voltados para as comunidades que foram afetadas devido a criação do PARNA, apesar dos vários conflitos com as comunidades, o parque trouxe desenvolvimento e gerou muito emprego para a população local. Falo com propriedade que a arqueologia transformou a minha vida e dos meus familiares, pois com as pesquisas voltadas para a arqueologia, veio a implantação do Museu do Homem Americano e consequentemente mais incentivo para novas pesquisas e a Universidade Federal do Vale São Francisco.

Quando falo que a arqueologia transformou a vida dos meus familiares, posso dar como exemplo meu avô Francisco, como tios e primos que trabalharam como técnicos na equipe de escavação da Dr. Niéde como também tios e tias que trabalham dentro do PARNA, como também no Museu.

Lembro-me que quando criança, meu vô Francisco sempre contava as histórias do que tinha encontrado na escavação arqueológica, claro que eu era muito pequena e não entendia muito bem, só entendia que era feito por “índio ou cabloco” como era o termo chamado na época.

Devido o avanço de pesquisas e o grande potencial arqueológico na região, foi implantado a Universidade Federal do Vale São Francisco e com isso a prima da minha mãe Artenice Miranda começou a cursar o curso de arqueologia, anos mais tarde foi a minha irmã Marisa Sousa, lembro-me de um episódio em especial que eu havia chegado do colégio e minha irmã da aula de arqueologia experimental, com alguns “líticos” que ela tinha aprendido a lascar, risos, algo bem feinho, risos novamente, porem interessante e ela foi me explicar o que aconteceu na aula, e eu fiquei bem encantada.

Durante a graduação de arqueologia, adquirir muito conhecimento e desconstruir termologias pejorativas que para mim antes da graduação, era algo normal. Quando entrei no curso, eu não sabia ao certo o que iria abordar na minha monografia, no entanto eu sabia que seria algo sobre a minha comunidade Sítio Do Mocó que fica a principal entrada para o PARNA. Hoje sou muito grata pela criação do Parna, Museu e a universidade, pois pude adquirir vivencias e memórias afetivas como também conhecimentos, e no ano de 2021 fui reconhecida pelo IPHAN com o prêmio Luiz de Castro Farias com a melhor monografia voltada para a arqueologia.

Recentemente iniciou o mestrado na universidade e isso tem contribuído bastante para estudos voltados para a região, atualmente minha irmã Marisa Sousa está finalizando o mestrado e eu estou escrevendo a minha dissertação. Ambas pesquisas são voltadas para nossas comunidades, e fico muito feliz em ser fruto de projetos de instituições que deram certo, que é o Parque, Museu e universidade, pois assim como eu, vários outros arqueólogos locais vêm contribuindo com pesquisas voltadas para a região do Parque Nacional Serra da Capivara.

Entrevistada: Marisa Lima Miranda Sousa, 28 anos. Entrevista realizada em 05 de agosto de 2013.

PERGUNTAS:

Para você o que é museu?

Para mim um museu é uma instituição que se dedica a conservar, preservar, estudar e expor para o público em geral testemunhos materiais do ser humano e do seu ambiente.

Você conhece o Museu do Homem Americano?

Sim

Quantas vezes você visitou o Museu do Homem Americano?

Não me recordo ao certo, mas creio que em média de 8 a 10 vezes.

Motivos que te levaram para visitar o Museu do Homem Americano?

Minha primeira visita ao Museu do Homem Americano foi através do colégio instalado na Comunidade em que eu vivi boa parte da minha vida, Sítio do Mocó, foram várias visitas, pois o primeiro colégio da Comunidade, veio através da Niede Guidon, ela buscava trazer para as comunidades no entorno do Parque nacional uma educação para crianças e jovens, naquela época a educação pública era precária. A partir desse projeto das escolas as vezes aconteciam as visitas ao museu, e assim foi, até a adolescência. Além do colégio havia também o projeto social em que eu participava chamado Pro-arte Fundham, projeto social que beneficiava crianças e adolescentes da região do Parque Nacional Serra da Capivara com aulas de dança, capoeira, música e artes. Outro motivo que me levou até o Museu foi a universidade, creio q fui umas duas vezes através da universidade.



Como foram as visitas ao Museu do Homem Americano?

As primeiras visitas ao Museu aconteceram antes da reformulação que o Museu teve não me recordo quanto tempo se passou de lá para cá. Lembro que quando criança ficava toda entusiasmada quando a professora falava que iríamos ter um passeio no Museu. Quando entrava no Museu era sempre com aquela curiosidade de criança imaginando quem tinha sido aquelas pessoas que produziram aqueles objetos, e como elas viviam naquele tempo tão antigo de que as professoras falavam. Não tenho muitas recordações do Museu antes da reformulação, porém lembro que era uma sensação muito boa estar naquele local. Onde era possível entender um pouco de como eram nossos antepassados.

Qual sua relação com o Museu do Homem Americano? Como você vê o Museu do Homem Americano atualmente?

Vejo o Museu como um local de conhecimento. Onde é possível entender um pouco de como as pessoas viviam a milhares de anos, e em um outro ambiente totalmente diferente do nosso.

Em seu entendimento como você entende a produção de saberes do Museu do Homem Americano a partir de sua exposição e seu discurso oficial?

Vejo como um trabalho espetacular que nos apresenta um conhecimento arqueológico produzido na região, porém creio que além do discursos da pré-história que é exposto, poderiam ir além e contar também um pouco da história do Homem Americano recente, aquele sertanejo que vive na labuta no seu dia, as história dos personagens que participaram dessas descobertas pré-históricas, pois para mim além das grandes descobertas que podemos ver expostos no museu, seria muito interessante se tivesse ali um relato de quem fez parte daquelas descoberta. Muitos homens sertanejos trabalharam como técnicos com a Niéde e creio eu que eles vivenciaram muitas ou todas essas descobertas.

Como você entende da institucionalização da Arqueologia na região a partir da chegada da arqueóloga Niéde Guidon, criação do Parque Nacional Serra da Capivara, Museu do Homem Americano e implementação do Curso de Arqueologia na UNIVASF?

Ao vir para nossa região Niéde Guidon trouxe consigo muitas novidades através da arqueologia, as pessoas até então antes de sua chegada só conheciam aquelas pinturas nos paredões como algo feito pelos indígenas que viveram na região no passado. Chegando aqui e descobrindo sítios arqueológicos Niéde montou sua equipe de técnicos com homens da própria região, os ensinou as técnicas de escavação, e todo o processo desde a forma como escavar até como retirar um artefato do sítio, para alguns ensinou topografia. Meu avô trabalhou com ela desde suas primeiras escavações, assim como alguns outros tios e primos meus, meu avô trabalhou muitos anos como técnico de arqueologia em outras regiões através do INAPAS até a sua aposentadoria. Hoje em dia algumas pessoas da comunidade ainda trabalham com arqueologia em projetos pelo Brasil.

O Museu do Homem Americano era um sonho que a Niéde tinha de construir na região, ou seja, foi uma das consequências que o Trabalho de Arqueologia trouxe para a região, um local que além de expor muitos dos resultados das pesquisas realizadas na região, mas que também deu emprego para muitas pessoas. Já a universidade foi um outro reflexo do trabalho de arqueologia na região, a implantação do curso de arqueologia na região teve grande importância, pois deu oportunidade a pessoas da região de fazer faculdade, creio que um dos intuitos da universidade na região foi de formar profissionais em arqueologia que futuramente possam usar seus conhecimentos em pesquisas dentro do Parque e em seu entorno. Mais um grande desenvolvimento que veio através do Parque Nacional Serra da Capivara. Assim com a universidade através das monografias defendidas podemos observar a quantidade de pesquisas onde o pesquisador trabalha com temáticas voltadas para suas cidades natal.

O parque trouxe muitas possibilidades e oportunidades para quem vive aqui, através do turismo, dos Museus, das pesquisas, e do artesanato, e da própria arqueologia, em que podemos ver a grande leva de arqueólogos locais sendo formados todos os anos através da faculdade.

Como você percebe sua história, enquanto arqueólogo-a, diante do cenário de institucionalização da arqueologia na região, considerando sua entrada no curso de arqueologia, sua formação e sua atuação atualmente?

A arqueologia esteve presente na minha vida desde muito cedo, na comunidade onde nasci sempre via muitos pesquisadores passando indo em direção ao parque fazendo suas pesquisas, muitos arqueólogos, inclusive Niéde Guidon que frequentava a comunidade com muita frequência por conta do Parque, dessa forma existia uma certa admiração por aqueles arqueólogos e arqueólogas quem por ali passavam. Quando tinha 19 anos consegui ingressar no curso de arqueologia, era uma pessoa de uma comunidade pequena no entorno do Parque Nacional Serra da Capivara, filha de um cortador de cana e de uma cozinheira que tinha um sonho de um dia ser alguém, a escolha sobre o curso que iria fazer acredito que aconteceu aos poucos pois alguns fatores me levaram para a arqueologia, primeiro as opções eram poucas, pois como era de família humilde não poderia fazer um curso em uma outra cidade que não fosse São Raimundo, segundo, sempre tive interesse pela história, porém não tinha interesse em ser professora, e em São Raimundo só tinha o curso de licenciatura na UESPI, a partir disso vi a arqueologia como uma possibilidade para mim, pois mesmo sem conhecer muito bem o que era arqueologia, tinha aquela referência dos arqueólogos que via na minha infância, principalmente a Niéde Guidon. Foi durante o curso que acabei me apaixonando pela arqueologia, foram difíceis os anos na graduação, porém o desejo de me formar e poder seguir em frente na profissão me mantiveram no curso, assim que terminei a graduação em 2019 não consegui entrar no mercado de trabalho, então logo pensei em ingressar na pós-graduação pela Univasf, um curso de Pós-graduação em arqueologia que é recente. Hoje me encontro na reta final de um Pós-Graduação.

Posso não ter chegado muito longe ainda, porém quando olho para trás e vejo por tudo que passei, tudo que aprendi e o que evolui tanto academicamente como pessoa, vejo que ainda posso ir muito além. Tenho orgulho dos caminhos que andei, dos obstáculos que superei, das dificuldades que me fortaleceram e da pessoa que estou me tornando.

ANEXO III - TERMOS DE AUTORIZAÇÃO



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**Termo de autorização para uso de imagem e dados
de Entrevistas**

Por meio do presente documento, eu Amanda Paes Landim Silva, de São Raimundo Nonato, reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela discente Andreiza Oliveira Silva, do programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, na dissertação intitulada como: **ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO NO SUDESTE DO PIAUÍ: narrativas e experiências de arqueólogos (as) nativos (as) do território Serra da Capivara no Museu do Homem Americano**, e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.


Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**Termo de autorização para uso de imagem e dados
de Entrevistas**

Por meio do presente documento, eu Anderson Wallecy Rodrigues de Carvalho, de João Costa do Piauí, reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela discente Andreiza Oliveira Silva, do programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, na dissertação intitulada como: **ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO NO SUDESTE DO PIAUÍ: narrativas e experiências de arqueólogos (as) nativos (as) do território Serra da Capivara no Museu do Homem Americano**, e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Documento assinado digitalmente
gov.br ANDERSON WALLECY RODRIGUES DE CARVALHO
Data: 20/11/2023 11:01:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**Termo de autorização para uso de imagem e dados
de Entrevistas**

Por meio do presente documento, eu Gêssika Sousa Mâcedo, de São Brás do Piauí, reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela discente Andreiza Oliveira Silva, do programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, na dissertação intitulada como: **ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO NO SUDESTE DO PIAUÍ: narrativas e experiências de arqueólogos (as) nativos (as) do território Serra da Capivara no Museu do Homem Americano**, e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**Termo de autorização para uso de imagem e dados
de Entrevistas**

Por meio do presente documento, eu Jaime de Santana Oliveira, de Anísio de Abreu-PI, reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela discente Andreiza Oliveira Silva, do programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, na dissertação intitulada como: **ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO NO SUDESTE DO PIAUÍ: narrativas e experiências de arqueólogos (as) nativos (as) do território Serra da Capivara no Museu do Homem Americano**, e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI. 2023.

Documento assinado digitalmente
 **JAIME DE SANTANA OLIVEIRA**
Data: 18/12/2023 10:24:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**Termo de autorização para uso de imagem e dados
de Entrevistas**

Por meio do presente documento, eu Marildes Lima Miranda Sousa, de Coronel José Dias, reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela discente Andreiza Oliveira Silva, do programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, na dissertação intitulada como: **ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO NO SUDESTE DO PIAUÍ: narrativas e experiências de arqueólogos (as) nativos (as) do território Serra da Capivara no Museu do Homem Americano**, e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Documento assinado digitalmente
gov.br MARILDES LIMA MIRANDA SOUSA
Data: 20/11/2023 12:29:46-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO- UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**Termo de autorização para uso de imagem e dados
de Entrevistas**

Por meio do presente documento, eu Marisa Lima Miranda Sousa, de Coronel José Dias, reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas pela discente Andreiza Oliveira Silva, do programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, na dissertação intitulada como: **ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO NO SUDESTE DO PIAUÍ: narrativas e experiências de arqueólogos (as) nativos (as) do território Serra da Capivara no Museu do Homem Americano**, e concedo autorização para utilização dos dados, bem como uso de imagem para eventos relacionado às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Documento assinado digitalmente
gov.br MARISA LIMA MIRANDA SOUSA
Data: 20/11/2023 12:12:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato-PI, CEP:
64770-000
Site: <https://portais.univasf.edu.br/pparque>
E-MAIL: cpgarque@univasf.edu.br